

2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO ILUSTRADO DE
MOVIMENTOS E GOLPES DA CAPOEIRA:
UM ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO**

Edição Revisada

Eliane Dantas dos Anjos

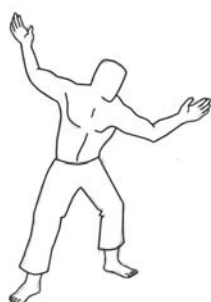
São Paulo

2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO ILUSTRADO DE MOVIMENTOS E GOLPES DA CAPOEIRA: UM ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO

Edição Revisada



Eliane Dantas dos Anjos

São Paulo

www.fflch.usp.br

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO ILUSTRADO DE MOVIMENTOS E GOLPES DA CAPOEIRA: UM ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO

ELIANE DANTAS DOS ANJOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de viver;

Aos meus queridos pais, Adália e David, meus exemplos de vida e de determinação e a quem devo minhas conquistas;

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, principalmente a Evani e Dailton, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, me motivando, compreendendo meus momentos de angústia e contribuindo para que esta Dissertação fosse realizada;

À Professora. Ieda, que desde a Graduação me incentivou a desvendar o mundo da pesquisa, despertando o meu interesse pela terminologia e me ajudando a desenvolver este trabalho;

A André Gonçalves Bianco, quem primeiro me incentivou a conhecer e me aventurar no mundo da capoeira e que, de certa forma, foi o responsável pela escolha do tema;

Ao mestre Gladson, por ter me iniciado no mundo da mandinga, pela experiência capoeirística e pelo auxílio indispensável para a elaboração deste Glossário;

A Marco Antonio, Viviam e a todos os amigos do Grupo Skill, cujo apoio e compreensão muito contribuíram para que eu pudesse me dedicar a este trabalho;

Ao amigo Vinícius Heine, pela motivação, pelas discussões capoeirísticas, pela disponibilização de material de pesquisa e pela atenção e também a Daniel Katayama pelas ótimas demonstrações;

Aos mestres Decânio, Canelão, Nenel, Cobra Mansa, Brasília, Tim, Damião, Sarará, Gegê, Kenura e contramestre Plínio, que, com atenção e interesse, contribuíram para enriquecer este trabalho com suas experiências e revelar as diversas faces do mundo da capoeira;

A Sérgio Luís Souza Vieira, Frederico Abreu e André Lacé, pelas valiosas entrevistas e indicações bibliográficas;

À amiga Letícia Reis, cujo trabalho foi minha primeira referência de pesquisa sobre capoeira;

À Elaine Habiro, pela leitura deste trabalho e pela motivação nos momentos difíceis;

À Mariangela, pelas discussões terminológicas que tanto me auxiliaram;

A todos os meus amigos, pelo apoio constante e por compreenderem minha temporária reclusão científica.

RESUMO

A presente Dissertação tem o objetivo de estudar os processos de formação de termos designativos dos movimentos da capoeira, bem como a relação metafórica que se estabelece entre eles. Para estabelecer essa relação, organizamos o *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira*, um trabalho descritivo, seguindo a perspectiva teórica da ciência terminológica.

A terminologia da capoeira é muito complexa, pois ainda não foi sistematizada claramente. Há algumas tentativas de sistematização realizadas pela Federação Internacional de Capoeira, cujos termos, apesar de formarem uma nomenclatura, ainda estão em processo de discussão. Dessa forma, selecionamos alguns livros sobre capoeira, que constituem parte do nosso *corpus*, e concentramo-nos nos termos mais comuns.

O Glossário é apresentado em ordem alfabética e contém ilustrações como mais uma forma de auxiliar os usuários a entender os movimentos.

Este trabalho é, então, direcionado a praticantes de capoeira e a pesquisadores interessados no assunto. Além disso, é voltado também para profissionais da área de estudos léxicos, notadamente terminólogos, visto que pretende ser uma contribuição aos estudos terminológicos e terminográficos.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira, formação de termos, glossário, metáfora, terminologia

ABSTRACT

The present Dissertation aims at studying the processes of formation of the terms that name the movements of capoeira and the metaphorical relationship established between them. In order to establish this relationship, we organized the *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira*, a descriptive work, following the theoretical perspective of the terminology science.

The terminology of capoeira is very complex, because it has not been clearly systematized. There are some attempts to do so by the Federação Internacional de Capoeira, whose terms, in spite of forming a nomenclature, are still being discussed. Provided that, we selected some books about capoeira, which constitute part of our *corpus*, and focused on the most common terms.

The Glossary is presented in alphabetical order and contains illustrations as an extra means to help users understand the movements.

This work, then, is addressed to capoeira players and to researchers interested in the subject. Besides, it is also addressed to lexical studies professionals, mainly terminologists, since this work intends to be a contribution to the terminological and terminographic studies.

KEY WORDS: Capoeira, glossary, metaphor, term formation, terminology

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	9
1.	Objetivos.....	10
2.	Justificativa.....	12
3.	Metodologia.....	14
4.	Organização.....	26
II.	TERMINOLOGIA: ASPECTOS TEÓRICOS.....	28
1.	Definindo a Ciência Terminológica.....	29
2.	Linguagem de Especialidade e Língua Comum.....	42
3.	Terminologia e Lexicologia.....	53
4.	A Unidade Terminológica	60
III.	CAPOEIRA: HISTÓRICO.....	88
1.	Luta, Jogo ou Dança?	89
2.	Os Pólos Capoeirísticos	105
3.	O Jogo.....	126
4.	A Esportização da Capoeira.....	128
5.	O que é Capoeira, afinal?.....	132
IV.	GLOSSÁRIO	133
V.	ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO	175
1.	Processos de Formação de Termos	176
2.	Sinonímia e Polissemia: as Variações.....	183
VI.	TERMINOLOGIA FIGURADA.....	187
1.	Metáfora, Metonímia e Terminologização: Aspectos Teóricos.....	188
2.	Análise do Emprego Figurado dos Termos: a Metáfora e a Metonímia na terminologia da Capoeira.....	195

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
IX. ÍNDICE	223

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	9
1.	Objetivos.....	10
2.	Justificativa.....	12
3.	Metodologia.....	14
4.	Organização.....	26
II.	TERMINOLOGIA: ASPECTOS TEÓRICOS.....	28
1.	Definindo a Ciência Terminológica.....	29
2.	Linguagem de Especialidade e Língua Comum.....	42
3.	Terminologia e Lexicologia.....	53
4.	A Unidade Terminológica	60
III.	CAPOEIRA: HISTÓRICO.....	88
1.	Luta, Jogo ou Dança?	89
2.	Os Pólos Capoeirísticos	105
3.	O Jogo.....	126
4.	A Esportização da Capoeira.....	128
5.	O que é Capoeira, afinal?.....	132
IV.	GLOSSÁRIO	133
V.	ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO	175
1.	Processos de Formação de Termos	176
2.	Sinonímia e Polissemia: as Variações.....	183
VI.	TERMINOLOGIA FIGURADA.....	187
1.	Metáfora, Metonímia e Terminologização: Aspectos Teóricos.....	188
2.	Análise do Emprego Figurado dos Termos: a Metáfora e a Metonímia na terminologia da Capoeira.....	195

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
IX. ÍNDICE	223

I. INTRODUÇÃO

1. Objetivos

Esta Dissertação constitui-se em um estudo dos termos que denominam os movimentos e golpes da capoeira a partir da elaboração de um glossário, com base nas perspectivas sincrônica e diacrônica que envolvem o desenvolvimento dessa técnica e de sua terminologia, observando os termos mais comuns e importantes e analisando os processos de formação de termos mais frequentes e também o caráter figurativo dessa terminologia.

Com a realização deste estudo, objetivamos utilizar a prática do trabalho terminológico para organizar a relação termo-conceito, analisar os processos de formação de termos e discutir o emprego figurativo de alguns termos e sua relação com os movimentos a que se referem.

Este trabalho surgiu de nossa experiência pessoal ao iniciarmos nossas aulas de capoeira no CEPEUSP - Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo – sob a supervisão de Gladson Oliveira Silva, mestre Gladson, quando nos deparamos com algumas especificidades e questionamentos relativos aos termos utilizados para a referência aos movimentos e golpes que eram aprendidos.

Já nas primeiras aulas, a denominação desses movimentos pareceu-nos bastante peculiar e rica metaforicamente, pois os primeiros nomes aprendidos foram: *aí*, *benção*, *martelo*, *meia-lua*, entre outros, o que nos despertou a necessidade de pesquisar mais a fundo esse sistema denominativo, dando origem a este trabalho.

A partir da idéia de se estudar o sistema denominativo dos movimentos, ou seja, a terminologia da capoeira, surgiram os seguintes questionamentos:

1. Haveria algum estudo sobre a terminologia da capoeira?
2. Haveria influência de línguas africanas nessa terminologia ou seria ela baseada na língua portuguesa?
3. Essa terminologia poderia ser organizada sistematicamente?

4. Sabendo que a denominação dos termos poderia variar de grupo de capoeira para grupo de capoeira, de região para região, de estilo de jogo para estilo de jogo, seria possível mostrar todas essas possibilidades denominativas?
5. A denominação dos movimentos e golpes da capoeira angola seria diferente da denominação dos golpes da capoeira regional? Haveria casos de sinonímia, homonímia e polissemia entre essas denominações?
6. Quais as características principais da terminologia da capoeira?
7. Quais os processos de formação de termos que a caracterizam?
8. O aspecto metafórico observado nos termos básicos seria predominante na terminologia da capoeira?
9. Haveria alguma regularidade no sistema metafórico, ou seja, haveria critérios ou características associativas comuns que pudessem permitir a organização das metáforas segundo o tema ou tipo de relação associativa, por exemplo, elementos da natureza, ou seja elementos que tivessem alguma relação com a história da capoeira, com o cotidiano de seus praticantes ou a característica de jogo?

O aprofundamento na história da capoeira levou-nos a compreender a importância de um estudo dessa natureza para entender o seu sistema denominativo, estudar os mecanismos de formação de termos, as relações entre termo e conceito, a sinonímia, tão comum nesse meio, a motivação que existe por trás das denominações, enfim, tentar organizar, com base no *corpus*¹ consultado, a terminologia da capoeira. Ao longo desta Dissertação, pretendemos responder ou pelo menos esclarecer esses questionamentos.

¹ Indicaremos em itálico os empréstimos, os termos técnicos tanto da terminologia quanto da capoeira, exemplos, bem como títulos de livros.

2. Justificativa

Devemos salientar que a capoeira, cuja definição é tão complexa quanto sua etimologia, é uma luta-jogo que tem suas raízes na escravidão e que, durante muito tempo, pela própria condição social de seus praticantes, foi marginalizada. A capoeira foi reconhecida como esporte na década de 30, sob a denominação de luta regional baiana, uma forma que Manuel dos Reis Machado, mestre Bimba, e seus discípulos, médicos, políticos e intelectuais de famílias influentes na Bahia, encontraram para que a capoeira tivesse reconhecimento e aceitação social. Na década de 70, a capoeira foi institucionalizada com a criação da Federação Paulista de Capoeira. Atualmente, a capoeira é praticada em todas as regiões brasileiras e em vários países como Argentina, Peru, Venezuela, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha, França, Portugal, Japão, entre outros. Nesse contexto, que partiu de uma tradição oral em que a capoeira era aprendida por observação, sem preocupações metodológicas, tanto as denominações dos movimentos como seus conceitos sofreram modificações, que variam de mestre para mestre, de academia para academia e de região para região.

É importante ressaltar que, quando iniciamos nosso aprendizado desse jogo, sentimos e percebemos a necessidade que havia entre os iniciantes de ter alguma referência de consulta que definisse o termo aprendido, explicando sua execução, ou, pelo menos, suas características principais, e que fosse acompanhada também de ilustrações para facilitar a relação termo-conceito. É muito comum nessa fase da aprendizagem que os iniciantes confundam alguns movimentos ou tenham dificuldade de se lembrar dos termos que a eles se referem quando sua execução é exigida em treinamentos.

A tarefa de estudar o sistema denominativo da capoeira mostrou-se, desde o princípio, árdua, pois há uma variação muito grande entre os conceitos e suas respectivas denominações. A nomenclatura da Federação Internacional de Capoeira, elaborada também com base em levantamento de manuais sobre capoeira, conta apenas com as denominações, sendo os conceitos de conhecimento dos membros desse organismo esportivo. Para nossa pesquisa, portanto, essa nomenclatura serviu como uma de nossas referências para a coleta dos termos, mas, como não dispomos de tempo suficiente para realizarmos um estudo mais

aprofundado com a Federação, preferimos apenas utilizar a lista para observar os termos mais importantes. A partir dessa identificação e principalmente dos manuais de capoeira consultados, pudemos elaborar um repertório-base de termos, com suas respectivas definições, para realizar um estudo lingüístico, com a identificação dos processos de formação de termos e de seu emprego figurado.

Nossa descrição não pretende ser exaustiva, visto que muitos livros sobre capoeira são publicados pelos próprios autores, tendo uma difusão restrita. Portanto, baseamos nosso *corpus* em livros de mestres reconhecidos e obras de difusão nacional, que detalharemos a seguir.

Nosso trabalho justifica-se, então, como uma contribuição terminológica à capoeira, sendo uma obra de aspecto descritivo, servindo de fonte de informação para seus praticantes e estudiosos. Por outro lado, é também uma contribuição aos estudos terminológicos, pois aborda um tema que sintetiza aspectos técnicos, históricos e culturais num sistema denominativo complexo, podendo mostrar novas maneiras de tratar esse objeto de estudo.

3. Metodologia

Iniciamos nossa pesquisa com a leitura de uma dissertação de mestrado denominada *Negros e brancos no jogo da capoeira: reinvenção da tradição*, escrita por Leticia Vidor de Souza Reis, que foi defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na área de Sociologia, em 1993. Esse trabalho aliado ao livro de Gladson Oliveira Silva, *Capoeira: do engenho à universidade*, publicado em 1995, deu subsídios para que entendêssemos a complexidade da origem e da história da capoeira, a passagem de uma luta marginalizada e criminalizada a um esporte nacional, praticado em várias regiões do Brasil e do mundo.

Após a leitura desse material, buscamos entrevistar mestres de capoeira em Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, centros mais representativos da capoeira nacional nos dias atuais.

Viajamos, então, para Salvador, onde ficamos uma semana, de 11 a 18 de janeiro de 2002, realizando essas entrevistas e conhecendo alguns mestres de capoeira. A viagem a Salvador, cidade na qual se desenvolveu a capoeira angola e a regional e que abrigou os capoeiristas responsáveis pela aceitação e divulgação da capoeira praticada atualmente, foi muito importante para entendermos como se deu a criação da capoeira regional, o processo de aceitação social da capoeira, a importância dos mestres Bimba e Pastinha, a influência que ambos tiveram no desenvolvimento da capoeira, a dificuldade em se estabelecer parâmetros que diferenciem esses dois estilos de jogo, a flexibilidade denominativa dos movimentos e golpes da capoeira, a superficialidade dos manuais sobre o assunto, entre outros.

Duas dessas informações nos levaram a alterar nossos planos quanto ao desenvolvimento do trabalho: a diferença entre capoeira angola e regional e a flexibilidade denominativa dos movimentos e golpes da capoeira.

Insistíamos anteriormente em estabelecer diferenças entre a capoeira angola e a regional, que utilizaríamos como critério para traçar nosso mapa conceitual, abordando esses dois estilos de capoeira. Entretanto, a dificuldade em diferenciar um estilo de outro e a observação de que, sob o ponto de vista histórico, a capoeira regional foi desenvolvida

com base na capoeira angola (que naquela época era denominada simplesmente capoeira), entre outras lutas, e de que, sob o ponto de vista técnico, são muito semelhantes, sendo que as diferenças referem-se basicamente ao ritmo de jogo, às variações dos tipos de movimentos aplicados, seguindo uma movimentação básica que as caracteriza, consideramos a capoeira como um só jogo. Mencionamos, quando pertinente, que determinado movimento ou golpe é peculiar de um ou de outro tipo de jogo, referindo-se somente a ele.

Nossa idéia de traçar um mapa conceitual também foi abortada, pois, para desenvolvermos um estudo profundo e preciso, necessitaríamos de conhecimento técnico em biomecânica, o que nos possibilitaria classificar adequadamente os movimentos, ou do acompanhamento de um especialista, que não foi possível diante da escassez de tempo. Esse motivo, portanto, não nos permitiu desenvolver o mapa conceitual com segurança, o que nos levou a deixar esse estudo para uma futura abordagem da capoeira.

Conversando com mestres e praticantes de capoeira baianos, cariocas e paulistas, percebemos que há uma flexibilidade muito grande na denominação dos movimentos e golpes da capoeira, principalmente quanto às variações desses movimentos. Por exemplo, um *aú*, denominado *estrela* na língua comum, pode ter muitas variações como *aú agulha*, *aú bico-de-papagaio*, *aú camaleão*, *aú chibata*, *aú escurrugido*, entre outras. Essas variações, que se originam da criatividade de movimentação individual do capoeirista ou de determinado grupo de capoeira, podem inclusive ser adotadas por outros grupos e chegar a conhecimento geral dos praticantes, recebendo denominações diferentes nos diversos grupos e regiões. Muitas vezes, essas variações tornam-se características dos próprios grupos. Sob esse aspecto, estudar as variações de movimentação e as variantes denominativas poderia resultar em um trabalho muito extenso, que demandaria muito tempo e conhecimento técnico.

Como em novembro de 2001 foi estabelecida uma nomenclatura oficial dos movimentos e golpes da capoeira pela Federação Internacional de Capoeira (FICA), ou seja, uma lista das denominações dos movimentos, decidimos tomar esse material como uma de nossas referências para a coleta de termos. Devemos ressaltar que membros da Federação e da Confederação Brasileira de Capoeira nos explicaram que essa nomenclatura ainda está sendo discutida, visto que a versão de 2001 foi uma revisão daquela elaborada

em 1999, podendo ser modificada. Preferimos, portanto, tomar como referência principal os manuais de capoeira consultados. Outra lista que também serviu para que observássemos a frequência e a importância dos movimentos e golpes foi a apresentada no Regulamento Técnico da Capoeira dos XIV Jogos Estudantis Brasileiros (JEBS), que foram realizados em 1985.

Como *corpus* para coleta de contextos, nos baseamos em material escrito sobre capoeira, ou seja, manuais elaborados por alunos, mas publicados com os nomes dos mestres Bimba e Pastinha, que são as duas grandes personalidades da capoeira; por discípulos de Bimba, como Angelo Decânio Filho (mestre Decânio), Raimundo César Alves de Almeida (mestre Itapoan), Ubirajara Guimarães Almeida (mestre Acordeon), Hélio Campos (mestre Xaréu) e Jair Moura; manuais publicados por editoras com difusão nacional, como os escritos por Nestor Capoeira, Augusto José Lopes, Bola Sete (praticante da capoeira angola) e Lamartine Costa; por educadores, que focalizam a importância da capoeira no âmbito da Educação Física, como Gladson Oliveira Silva, e também referências de estudiosos da área como Wanderloir Rego e Letícia Vidor de Souza Reis. Apesar do *corpus* se estender de um período que vai de 1960 a 2001, o que poderia caracterizar uma abordagem diacrônica não compatível com os princípios da terminologia, a importância de se consultar os trabalhos dos principais mestres de capoeira, que justamente tiveram materiais relativos a seus cursos publicados na década de 60, deve-se ao fato de serem esses trabalhos as referências “clássicas²”, entre as mais importantes da capoeira. Procuramos escolher materiais cuja publicação tivesse abrangência nacional, justamente por considerá-los importantes referências denominativas, visto que atingem uma quantidade relativamente grande de leitores. A seguir, apresentamos as referências bibliográficas do *corpus* utilizado na pesquisa.

➤ Livros

ALMEIDA, Raimundo César. *Mestre “Atenilo”: o “relâmpago” da capoeira regional*. 2. ed. Salvador, 1991.

_____. *A saga de mestre Bimba*. Salvador, 1994.

² A palavra é empregada com a acepção de exemplo, modelo canônico.

ALMEIDA, Ubirajara. *Água de beber camará! Um bate-papo de capoeira*. Salvador: EGBA, 1999.

BOLA SETE, Mestre. *A capoeira angola na Bahia*. 2. ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

CAMPOS, Hélio, Mestre Xaréu. *Capoeira na escola*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COSTA, Lamartine P. da. *Capoeira sem mestre*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971.

DECÂNIO FILHO, Angelo A. *A herança de Mestre Bimba*. Salvador, 1996a. (Coleção São Salomão 1). Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

_____. *A herança de Pastinha: a metafísica da capoeira*. Salvador, 1996b. (Coleção São Salomão 3). Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

LOPES, Augusto José F. *Curso de capoeira em 145 figuras*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

MESTRE BIMBA. *Curso de capoeira regional*. Salvador: RC Discos/Fitas, [1966?].1 disco. Livreto

MESTRE BIMBA. *Curso de capoeira regional*. Salvador: JS Discos, 2002.1 CD. Livreto

MOURA, Jair. *Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem*. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1991.

PASTINHA, Vicente F. *Manuscritos de mestre Pastinha*. Salvador, [196-?]. Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

_____. *Capoeira angola por mestre Pastinha*. 2 ed. Salvador: Nossa Senhora de Loreto, 1968.

REGO, Wanderloir . *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoã, 1968.

REIS, Leticia V. de S. *Negros e brancos no jogo da capoeira: reinvenção da tradição*. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SANTANA, Mestre. *Iniciação à capoeira*. São Paulo: Ground, 1985.

SILVA. Gladson O. *Capoeira: do engenho à universidade*. 2 ed. São Paulo, 1995.

SOUZA, Osvaldo de. *Capoeira Regional com mestre Osvaldo de Souza*. Goiânia, [198-]

➤ **Listas Extraídas de Regulamentos**

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA. *Regulamento Internacional de Capoeira*. São Paulo, 1999.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA. *Regulamento Internacional de Capoeira*. Vitória, 2001.

REGULAMENTO TÉCNICO DA CAPOEIRA. XIV Jogos Estudantis Brasileiros In: BARBIERI, César (Org.). *Capoeira nos JEBs*. Brasília, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira – CIDOCA, 1994.

Devemos salientar que não observamos nenhum glossário publicado em meio físico, apenas em *sites* da Internet, contendo apenas a denominação, a definição e, em alguns casos, ilustrações dos movimentos, sem ter, entretanto, preocupações lingüísticas.

3.1. Entrevistas

Realizamos, ainda, várias entrevistas para colher informações e material bibliográfico, que detalhamos a seguir.

3.1.1. Entrevistas em Salvador

Em 12.01.2002, entramos em contato com Frederico Abreu, pesquisador sobre capoeira, que nos indicou material bibliográfico sobre o assunto. No dia seguinte, entrevistamos Ângelo A. Decâncio Filho, mestre Decâncio, 81, médico e aluno mais antigo de mestre Bimba, que nos explicou como seu mestre desenvolveu a luta regional baiana e como foram criados alguns movimentos e suas respectivas denominações. No mesmo dia, entrevistamos mestre Jesus, que acompanhou mestre Pastinha em sua viagem a Angola, em 1966. Em 14.01.2002, entrevistamos Manuel Nascimento Machado, mestre Nenel, 41, filho de mestre Bimba, que complementou as explicações de mestre Decâncio. Ambas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Em 16.01.2002, conversamos com mestre Cobra Mansa, praticante da capoeira angola, que nos explicou as características principais desse estilo de capoeira, sua relação com a capoeira regional e a sua flexibilidade denominativa. A conversa não foi gravada, mas foram anotadas as referências bibliográficas e algumas informações pertinentes. Em 14.06.2003, entramos em contato com mestre Decâncio, por telefone, para esclarecermos algumas dúvidas quanto à denominação e à execução de alguns movimentos.

3.1.2. Entrevistas no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, entrevistamos mestre Camisa, fundador do Grupo Abadá. Esse grupo é um dos maiores do Brasil e possui academias também no exterior, realizando campeonatos internos que englobam as academias nacionais e internacionais. Segundo mestre Camisa, não há material escrito que formalize as denominações dos movimentos e golpes do grupo.

Conversamos, também, com André Luiz Lopes Lacé, que falou sobre a capoeira carioca e nos forneceu alguns subsídios e referências bibliográficas para a pesquisa.

Contatamos, ainda, Geraldo Costa Filho, mestre Gegê, pesquisador sobre capoeira, que também nos forneceu material bibliográfico sobre o assunto.

Nenhuma dessas entrevistas foi gravada, pois o objetivo inicial era o levantamento de material bibliográfico e não de depoimentos. As informações anotadas que foram oriundas dessas conversas e utilizadas neste trabalho receberam indicação das fontes nas notas.

3.1.3. Entrevistas em São Paulo

Em 20.03.2002, entramos em contato com Antônio Cardoso Andrade, mestre Brasília, um dos precursores da capoeira em São Paulo, que nos indicou à Federação Internacional de Capoeira.

Em 27.02.2002, entrevistamos Sérgio Luiz de Souza Vieira, presidente da Federação Internacional de Capoeira (FICA), que nos explicou que a nomenclatura oficial da capoeira foi elaborada com base em reuniões com mestres de capoeira de várias regiões do país, e, sobretudo, nas obras de Manuel dos Reis Machado e de Vicente Ferreira Pastinha, entendendo-se a capoeira como única, mas considerando-se os diversos padrões de jogo desenvolvidos de acordo com o ritmo do berimbau. Além da nomenclatura oficial, existe também uma nomenclatura histórica, referente aos primeiros trabalhos sobre capoeira, escritos por jornalistas e militares cariocas, entre os quais estão: Plácido de Abreu, Coelho Neto e Annibal Burlamaqui, incluindo-se entre esses trabalhos o pequeno manual *Guia do capoeira ou gymnastica brasileira*, cujo autor não é identificado. Em 16.05.2003, voltamos a conversar com o presidente da FICA, que nos elucidou algumas dúvidas quanto à nomenclatura e nos disponibilizou o documento de solicitação de incentivo e reavaliação da situação da capoeira em âmbito nacional e internacional feita ao Ministério dos Esportes.

Em 14.03.2002, na cidade de Araras, contatamos Valentim Rodolfo Muzzareli, mestre Tim, então presidente da Federação Paulista de Capoeira, que nos forneceu material de pesquisa e também nos explicou alguns movimentos que não conhecíamos.

Entre os contatos relacionados à Confederação Brasileira de Capoeira, destacamos mestre Sarará, com quem conversamos em 14.05.2003 e em 11.06.2003. Mestre Sarará explicou-nos alguns detalhes sobre a nomenclatura oficial, que continua a ser discutida e analisada.

Participamos do II Encontro de Consciência Negra, realizado em Piracicaba, nos dias 23 e 24 de maio de 2003. Nesse encontro, houve duas oficinas de capoeira. Uma delas foi ministrada por mestre Nene, com o qual já havíamos tido contato, e por membros do Grupo Filhos de Bimba. Nessa oficina, aprendemos alguns movimentos e suas respectivas denominações. A outra oficina foi ministrada por mestre Moraes, praticante da capoeira angola na Bahia, que ensinou alguns movimentos, mas não deu ênfase à sua denominação. Nesse evento, tivemos contato com capoeiristas de vários grupos de capoeira, observando os tipos de jogo e também a movimentação dos capoeiristas nas rodas.

Entramos também em contato, em 23.04.2002 e em 11.06.2003, por telefone, com Esdras Magalhães dos Santos, mestre Damião, aluno de mestre Bimba em meados da década de 40. Ele nos explicou as fases da capoeira regional e a denominação de alguns movimentos, enviando-nos também material bibliográfico.

Consultamos, ainda, contramestre Plínio Ferreira dos Santos, da escola Capoeira Angola - Angoleiro Sim Senhor, que nos esclareceu algumas dúvidas quanto às denominações de alguns movimentos, explicando que na capoeira angola, dependendo da linhagem do mestre, ou seja, de quem lhe ensinou capoeira, as denominações dos movimentos variam e que mesmo entre discípulos do mesmo mestre há variações. Além disso, observou que, apesar de aparentemente a capoeira angola ter poucos movimentos, eles podem desdobrar-se em um número grande de variações, dependendo da posição do indivíduo, da altura do movimento, da conjunção de outros golpes, enfim, do jogo.

Mantivemos conversas constantes com mestre Gladson durante a realização deste trabalho. Ele nos indicou aos mestres entrevistados e nos orientou quanto à adequação das definições.

A maioria dos contatos que tivemos com mestres de capoeira não foi gravada, pois alguns se deram por meio de telefone, outros foram simplesmente conversas informais ou sem cunho de depoimento. Entretanto, anotamos algumas informações e mencionamos as fontes quando de sua utilização. Gostaríamos de ressaltar que todos esses contatos e entrevistas foram importantes para compreendermos o mundo da capoeira e, principalmente, a singularidade de seu sistema denominativo.

3.2. Coleta e Análise dos Termos

Como a capoeira, antes de ser um esporte, é uma manifestação cultural que depende da criatividade e habilidade individual de seus praticantes, está em constante evolução e é dinâmica, mas guarda sua essência na movimentação básica na roda, que a caracteriza como tal. Dessa forma, decidimos concentrar-nos no que existe de “palpável” no mundo da capoeira, ou seja, nos manuais mencionados anteriormente, fazendo um levantamento dos movimentos mais importantes e comuns e registrando-os em fichas terminológicas informatizadas, cujo modelo apresentamos a seguir.

ID:	49
Termo:	armada
Variante:	armada solta
Referências gramaticais:	sf
Contexto:	<p><i>Seu primeiro ataque foi por demais óbvio para ser real - uma <armada> vagarosa, um claro convite para um brusco contra-ataque de surpresa. (ALMEIDA, 1999, p. 106)</i></p> <p><i>A <armada> é o melhor exemplo de golpe finto. O lutador estando de frente para o oponente, dá-lhe as costas girando o corpo, mas, em vez de parar, continua o movimento lançando a perna esticada sobre o inimigo que é apanhado de surpresa. Os capoeiras executam-na sempre em continuação a um pontapé lateral no ar, distante do adversário. Este avança aproveitando-se do pseudo-êrro. O capoeirista continua o pontapé, girando o corpo e trazendo a perna agressora para o chão de onde passará a fazer base para a outra que partirá "armada" apanhando, ajudada pela impulsão, o inimigo desprevenido e em pleno movimento. (COSTA, 1971, p. 61-2)</i></p> <p><ARMADA></p> <p><i>30A - Partindo da posição da ginga, dar um passo à frente (um pouco para o lado), fazendo a rotação do tronco simultaneamente com os braços.</i></p>

30B - Em seguida, o pé de trás deverá atingir o alvo com a parte externa, com a perna totalmente estendida, caindo na posição inicial. (LOPES, 1979, p. 65-6)

2. <ARMADA>

Um movimento que vai dar trabalho ao aprendiz, pois não é um golpe fácil de executar, e somente após meses de treino vai ter uma forma razoável. No desenho 1 vemos o jogador “entrando”(dando um passo à frente, a partir da ginga para se aproximar do alvo). No 2, ele gira a cabeça e olha o alvo – o tronco também gira, seguindo a cabeça; e reparem que os pés giram também. No 3, é como se o giro da cabeça e do tronco puxassem a perna, e o golpe parte. No 4, a perna volta à posição inicial. (CAPOEIRA, 1999, p. 140)

Em seguida, reiniciar o gingado e praticar a <armada solta>. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 8)

... a <armada solta> ...

...completando-se pela cocorinha ...

...negativa ... aú ... com ou sem rolê. (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 1999)

Citação:

(CAMPOS, 1998, p. 58); (REGO, 1968, p. 65 - Bimba); (REGO, 1968, p. 67 - Bigodinho); (REGO, 1968, p. 68 - Canjiquinha), (BARBIERI, 1994, p. 37)

Aceção em dicionário:

7 CAP B em capoeira, golpe rodado desferido pelo lutador que gira com uma das pernas estendida (HOUAISS; VILLAR, 2001)

8. Bras. Cap. Golpe rodado, em que o capoeirista gira com uma das pernas estendida. (FERREIRA, 1999)

Definição:

Golpe giratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da ginga, gira sobre seu próprio eixo, sem tirar os pés do chão, ficando de costas para o companheiro. A perna que com o giro ficou em posição anterior é lançada em direção ao companheiro, de modo a descrever um círculo, atingindo-o com a lateral externa do pé e retornando à posição de partida.

Observações enciclopédicas: *Os capoeiristas experimentados costumam executar a **armada** de maneira diferente, com resultados muitas vezes fatais para os oponentes.*

*Nessa variação, ao chegar o pé do agressor do pontapé no solo, o lutador pula para cima, antes de o corpo começar o giro produzido pela impulsão. Em pleno ar a perna oposta à do **pontapé** é levantada. Quando o corpo, ainda no ar, chega a uma posição frontal ao oponente, o calcanhar ou o peito do pé atinge a cabeça adversária. Nessa ação, praticamente todo o peso do corpo do lutador é lançado ao alvo. (COSTA, 1971, p. 63-4)*

Observações lingüísticas: participio feminino de armar (armar + ado)

Sinônimos:

Nomenclatura FICA: Sim

Termos relacionados: ginga

Data de registro: 05.02.2002

No modelo de ficha apresentado anteriormente, o campo *ID* é apenas um controle do número de registros existentes. No campo *termo*, registramos as unidades terminológicas coletadas no *corpus* indicado. No campo *variantes*, indicamos as variações de caráter ortográfico e morfossintático observadas nos termos e em seus elementos sintagmáticos. Em *referências gramaticais*, indicamos a classe e o gênero, quando se trata de substantivo, a que pertencem as unidades terminológicas. No campo *contexto*, registramos fragmentos de texto nos quais encontramos as unidades terminológicas. Os contextos, nesse campo, podem ser definitórios ou explicativos. Em *citações*, indicamos as referências bibliográficas em que o termo aparece citado em lista ou ilustrado. Em *acepção em dicionários*, mostramos, quando pertinente, termos que são definidos nos dicionários de língua geral como Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2001). A definição dos termos é elaborada a partir da análise dos contextos e registrada no campo *definição*. As informações complementares relativas à história e à utilização do termo são registradas no campo *observações enciclopédicas*. No campo *observações lingüísticas*, são indicados os processos de formação de termos e características lingüísticas pertinentes, como termo metafórico, metonímico, etc. Os sinônimos observados são registrados no campo *sinônimos*. Os termos que fazem parte da nomenclatura oficial da Federação Internacional de Capoeira (FICA)

recebem indicação afirmativa “Sim” no campo *nomenclatura FICA*. No campo *termos relacionados*, apresentamos os termos que mantêm relação hiperonímica ou hiponímica com o termo de entrada ou que aparecem na definição. A data em que se registrou pela primeira vez o termo é indicada no campo *data de registro*.

A seleção dos termos para o *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira* foi baseada em alguns critérios. Estabelecemos que o termo deveria aparecer em pelo menos dois manuais de capoeira para atestarmos sua importância e possuímos material suficiente para a sua definição, além de observarmos a presença desses termos nas listas consultadas. Dessa forma, este trabalho não tem a pretensão de ser exaustivo, mas de se concentrar no que, com base principalmente no *corpus*, em nossa experiência esportiva e nos contatos que mantivemos com praticantes e mestres de capoeira, consideramos essencial.

Após a seleção dos termos, procedemos à sua definição por análise e descrição – que contém um termo genérico e as características que individualizam o termo sob análise – com base no *corpus*, em conversas com mestres de capoeira e na observação das aulas. As figuras constantes dos manuais mostraram-se ferramentas fundamentais para auxiliar a elaboração das definições. As definições foram revisadas pelo professor Gladson de Oliveira Silva, que ministra o curso de Capoeira no CEPEUSP – Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo. As ilustrações que acompanham as definições do **Glossário** foram feitas por Reinaldo Uezima, com base em fotografias e nas ilustrações dos manuais de capoeira que constituem o *corpus*.

O material coletado, segundo os critérios anteriormente definidos, foi analisado sob o ponto de vista da formação dos termos, de acordo com o embasamento teórico apresentado no capítulo II, e também semântico, com destaque para os processos de transferência de significado, entre os quais a metáfora e a metonímia.

Este trabalho constitui-se em uma amostra do sistema denominativo da capoeira, que serviu de base para um estudo lingüístico, visando o conhecimento das características principais dessa terminologia em formação.

4. Organização

Neste capítulo, expomos os objetivos e a justificativa de nosso trabalho, bem como a metodologia empregada para a sua elaboração.

No capítulo II, apresentamos os princípios teóricos da Terminologia que serviram de base para a realização deste estudo terminológico e para a elaboração do *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira*. Portanto, procuramos traçar um histórico da ciência terminológica, definindo-a em relação à lexicologia, tanto do ponto de vista da diferenciação entre língua comum e linguagem de especialidade como quanto ao objeto de estudo de ambas as disciplinas. Além disso, buscamos delimitar os conceitos básicos da terminologia, o termo, os processos de formação de termos, o conceito, a definição e as relações entre denominação e conceito, abordando seus aspectos teóricos e práticos.

No capítulo III, traçamos um histórico da capoeira, dando ênfase para as diversas hipóteses de surgimento da luta, para a polêmica em torno do vocábulo *capoeira*, para os principais pólos capoeirísticos brasileiros (Rio de Janeiro e Bahia), para as duas grandes personalidades que marcaram o reconhecimento da capoeira no Brasil, Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba, e Vicente Ferreira Pastinha, mestre Pastinha, bem como para a evolução da capoeira até os dias atuais, com a criação de grandes grupos, associações e federações desse esporte nacional.

No capítulo IV, apresentamos o *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira*, que consta de uma introdução, do repertório de termos e definições, acompanhado de ilustrações dos movimentos e golpes mais importantes ou de execução complexa.

No capítulo V, tratamos dos processos de formação de termos da capoeira, destacando os mais freqüentes, e discutimos as relações sinonímicas e polissêmicas entre os termos.

No capítulo VI, realizamos um estudo sobre o caráter figurativo da terminologia da capoeira, mostrando as relações associativas entre as denominações e os objetos denominados, ou seja, os movimentos.

Apresentamos, então, no capítulo VII, nossas considerações finais, refletindo sobre a realização deste trabalho, buscando responder a alguns dos questionamentos que o nortearam.

No capítulo VIII, apresentamos as referências bibliográficas consultadas para a elaboração deste trabalho.

II. TERMINOLOGIA: ASPECTOS TEÓRICOS

1. Definindo a Ciência Terminológica

1.1. A Origem da Terminologia

De modo geral, podemos dizer que a terminologia, como prática, nasceu a partir da necessidade de se organizar o conhecimento científico e técnico desenvolvido notadamente no século XVIII. Entretanto, antes disso, o homem já sentia a necessidade de registrar suas descobertas e as denominações a elas referentes.

Segundo Alain Rey (1979, p. 4), a necessidade de se nomear as coisas começou a ser estudada na antiguidade a partir do diálogo *Crátilo*, de Platão. Esse estudo desenvolveu-se como disciplina somente no período renascentista. O autor explica, ainda, que a palavra *technology*, que, em 1615, significava “tratado concernente às artes”, ganha, no final do século XVII, o sentido de “conjunto de termos próprios de uma arte”. Na França, entretanto, essa denominação não foi aceita e preferiu-se falar em língua das artes, entendida como o discurso de especialidade das práticas regradas e das palavras necessárias para a formação desse discurso. Nessa fase, podemos observar a preocupação não só com as palavras próprias das ciências, mas com o próprio discurso.

Convém destacar também a contribuição de Versalius (1514-1564), fundador da nova anatomia, que elabora a terminologia dessa disciplina com intenções normalizadoras e racionalizantes (DIEGO, 1995, p. 14).

Em 1690, o *Dictionnaire universel* de Antoine Furetière mostra a necessidade de uma descrição normatizada de termos científicos e técnicos, o que já caracteriza uma das funções da terminologia.

No século XVIII, as ciências naturais, principalmente a botânica e a zoologia, foram responsáveis pela elaboração de nomenclaturas – “arte de se classificar os objetos de uma ciência e lhes atribuir nomes” (REY, 1979, p. 5, tradução nossa) –, conceito definido pelo naturalista Duhamel du Montceau, em 1758. O sueco Carl B. Linné (1707-1778), por sua vez, é responsável pela elaboração das nomenclaturas da botânica e da zoologia. Duas décadas mais tarde, Guyton de Morveau “reforma” a nomenclatura da química com seu *Tableau de nomenclature chimique*, seguido também por Lavoisier, que desenvolve um

trabalho ainda mais elaborado em *Nomenclature chymique et synonymie ancienne et moderne*, publicado em 1787. A crescente necessidade de organização e sistematização de “nomenclaturas”, em virtude do desenvolvimento técnico e científico experimentado no século XVIII com a Revolução Industrial, levou Diderot a observar que, já naquela época, a abundância de sinônimos nos vocabulários técnicos dificultava a comunicação, destacando que a linguagem mudava de fábrica para fábrica (REY, 1979, p. 4-5).

Somente na segunda metade do século XVIII, a terminologia passa a ser reconhecida como “ciência dos termos”. A palavra *terminologie* aparece cunhada pelo professor alemão Christian Gottfried Schütz, na segunda metade do século XVIII, e o adjetivo *terminologisch* é atestado em 1788. Entretanto, o emprego moderno do termo deve-se ao epistemólogo inglês William Whenwell, que, em 1837, definiu-o como “systeme des termes employés dans la description des objets de l’histoire naturelle” (apud REY, 1979, p. 6). Nessa época, portanto, a terminologia era entendida como um conjunto de termos utilizados para descrever objetos de uma certa especialidade, que é atualmente uma de suas acepções. É interessante notar que o vocábulo *terminologia* foi pouco a pouco substituindo o vocábulo *nomenclatura*, principalmente na língua inglesa. No entanto, o termo encontrou resistência na língua francesa, notadamente nos dicionários do século XVIII, tendo o significado relacionado a conjunto de termos difíceis, sendo referido como terminologia inútil e *argot* científico. Como explica Rey (1979, p. 6), apenas os dicionários especializados referiam-se ao termo de maneira objetiva, definindo-o como conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte.

Guy Rondeau (1984, p. 6) aponta que, nos séculos XVIII e XIX, os russos realizaram algumas tentativas de sistematizar a terminologia, sobretudo a Sociedade Técnica Russa.

Entretanto, a terminologia só teve seus fundamentos e metodologia definidos no século XX, deixando de ser simplesmente uma prática acessória às ciências e técnicas para tornar-se uma disciplina em si.

Como observa Maria Tereza Cabré (1993, p. 21), nessa época, diferentemente dos séculos anteriores, em que o interesse de organizar nomenclaturas e vocabulários era notadamente dos cientistas, era crescente a preocupação dos técnicos com a terminologia,

visto que o desenvolvimento tecnológico exigia que se denominassem novos conceitos e que se buscasse harmonizar novas denominações.

A terminologia desenvolveu-se sob a luz de três importantes centros de estudo, denominados escolas, que determinaram os principais fundamentos dessa recente ciência: a Escola de Viena, a Escola de Praga e a Escola de Moscou (DIEGO, 1995, p. 19). A seguir, apresentamos um panorama dessas escolas, com base em Rondeau (1984) e Diego (1995).

a) Escola de Viena

O grande marco dos estudos terminológicos foi a publicação, em 1931, da tese de doutorado de Eugen Wüster, engenheiro austríaco, fundador da terminologia moderna e importante membro da Escola de Viena. Em sua tese intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik* (Normalização Internacional da Linguagem Técnica, com Ênfase Especial na Eletrotécnica)¹, Wüster define postulados fundamentais e métodos de trabalho. Segundo Rondeau (1984, p. 6), o engenheiro estava mais preocupado com os aspectos práticos da terminologia, concentrando-se na definição metodológica e normativa, em busca da eliminação da ambigüidade das comunicações científicas e técnicas, desenvolvendo, mais tarde, uma concepção mais filosófica da ciência terminológica e elaborando a TGT (Teoria Geral da Terminologia).

b) Escola de Praga

A Escola de Praga, segundo Diego (1995, p. 19), nasceu dos estudos teóricos e aplicados de terminologia realizados por cientistas e lingüistas na antiga Checoslováquia, com base na lingüística funcional e nas teorias de Saussure, sendo considerada a mais lingüística de todas. Seus maiores representantes foram: Prof. Drozd, Horecky, Benes, Mathesius, Vachek e Trubetskoy. Esse grupo considerava que a língua das ciências é uma linguagem funcional e estruturada para fins específicos.

¹ Tradução nossa, com base na versão espanhola apresentada em Diego (1995, p. 18)

c) Escola de Moscou

A Escola de Moscou teve como um de seus maiores representantes D. S. Lotte (1898-1950) que, segundo Rondeau (1984, p. 6) é o grande fundador da terminologia, sendo responsável pelo Comitê de Normalização Terminológica do Instituto de Normalização Soviética do Conselho dos Ministros da União Soviética. Outro destaque da terminologia russa é S.A. Čaplygin (1869-1942), especialista em aerodinâmica, que, ao lado de Lotte, criou, em 1933, a Academia de Ciências da União Soviética e a Comissão de Terminologia Técnica. Devemos mencionar também E.K. Drezen (1934-1936), membro da Comissão de Indicações e de Termos Científicos do Comitê Soviético de Normalização, cujo interesse principal era a normalização terminológica; e o lingüista Vinokur (1939), que desenvolveu um trabalho sobre unidades lexicais em terminologia e sobre a estrutura dos conjuntos conceituais. Rondeau (1984, p. 8) aponta que a escola russa era marcada tanto pela coordenação entre o trabalho teórico e prático quanto pelo tratamento dos problemas terminológicos sob o ponto de vista lingüístico. Desse modo, poderíamos dizer que a escola russa estava preocupada com a terminologia como disciplina científica, enquanto a vienense preocupava-se mais com o aspecto prático dessa disciplina, ou seja, com o tratamento de dados terminológicos.

Os estudos realizados por essas escolas terminológicas e a necessidade de se buscar uma uniformidade de termos e conceitos resultaram na criação de várias organizações e comissões de normalização, entre as quais destacamos:

- **IEC –International Electrotechnical Commission** – criada em 1904, com o objetivo de unificar as denominações na área eletrotécnica. Em 1938, publica o *Vocabulário Eletrotécnico Internacional*, que seria reeditado em 1949.
- **ISA – International Federation of National Standardizing Associations**, criada na década de 30, tinha como objetivo favorecer o comércio internacional com a normalização de produtos e procedimentos. A ISA contava com a participação de países como França, Grã Bretanha, Alemanha e União Soviética e era muito

influenciada pela corrente wüsteriana. No entanto, a eclosão da Segunda Guerra Mundial levou ao fim suas atividades.

- **ISO (International Organization for Standardization)** – criada em 1946, veio substituir a ISA. O fim da Segunda Guerra e o desenvolvimento tecnológico que dela resultou, principalmente nos Estados Unidos, geraram um aumento significativo nas importações de produtos americanos para a Europa. Com a intensificação das relações comerciais entre países, houve a necessidade de se organizarem normas de produção e, conseqüentemente, de mecanismos para a normalização terminológica. Devemos destacar a formação do Comitê 37 (Terminologia: princípios e coordenação) em 1951. Anos mais tarde, em 1968, são publicadas as primeiras recomendações terminológicas da ISO.

- **INFOTERM (International Information Center for Terminology)** – criado em 1971 pela UNESCO. O inglês J. E. Holmstrom foi um dos responsáveis pela fundação desse centro, impulsionando a difusão internacional de terminologias.

Segundo Cabré (1993, p. 22), até a década de 50, as ciências humanas não demonstravam qualquer interesse pelos estudos terminológicos, que ficavam restritos às ciências naturais, exatas e às técnicas. Esse mesmo desinteresse era observado entre os lingüistas, que se preocupavam em estudar os princípios das línguas reais e possíveis, não atentando para a polivalência da língua como instrumento de comunicação.

No entanto, na década de 60, pesquisadores com formação em lingüística passaram a desenvolver estudos sobre terminologia, dentre os quais podemos citar os russos Reformačký e Vinogradov e os membros da Escola de Praga, que já estudavam a terminologia sob o ponto de vista lingüístico. Nessa mesma época, nasce o conceito de banco terminológico, cujo organizador pioneiro foi o Serviço de Tradução da Comunidade Européia (RONDEAU, 1984, p. 8).

A década de 70 assistiu a uma grande intensificação nas atividades terminológicas, com a realização de colóquios nacionais, regionais e internacionais e a criação da Infoterm em 1971, responsável pelo desenvolvimento de trabalhos sistemáticos de coleta,

classificação, normalização e difusão de terminologias e pela formação de terminólogos. Aparecem, portanto, os primeiros cursos de terminologia e também novos bancos terminológicos. Em virtude da necessidade de uma política lingüística de conservação da língua francesa em relação ao inglês, o Canadá também passa a realizar pesquisas importantes em terminologia, destacando-se o banco de dados da Universidade de Montréal e os estudos metodológicos e teóricos no Québec.

Esse período também assistiu ao surgimento de outras associações de estudos terminológicos como a TermNet (International Network for Terminology), criada pela Infoterm, e a TERMIA (International Association of Terminology); e a expansão desses estudos para outros países e regiões do mundo como a Alemanha, a África do Sul e a América Latina.

A maioria dos estudos terminológicos concentra-se nas línguas francesa, alemã e russa. Quanto aos estudos da língua de maior difusão internacional, o inglês, o interesse de países como Estados Unidos e Grã Bretanha recai sobre a perspectiva pragmática, tendo como principais representantes Sager e McNaught, com destaque para o banco de termos britânico e a ASTN (Association Society for Testing and Materials), um órgão normalizador americano.

Quanto aos países de língua latina, destacamos a criação da União Latina², em 1983, e da RITerm (Rede Ibero-americana de Terminologia), em 1988, reunindo países de língua espanhola e portuguesa com o objetivo de conhecer, organizar e incentivar o desenvolvimento da terminologia nos países-membro. Em 1993, é criada a Realiter (Rede Panlatina de Terminologia), em Paris, que visa a formar uma rede de trabalho entre países de línguas neolatinas.

Da década de 80 até os dias atuais, a terminologia vem sendo objeto de estudo em várias partes do mundo, resultando na produção de diversos manuais sobre o assunto, que utilizamos como referência neste trabalho.

A terminologia inicia o século XXI imersa no processo de globalização, que trouxe consigo a facilidade e rapidez da comunicação por meio da Internet, uma verdadeira revolução nos processos de troca de informação. Atualmente, especialistas e terminólogos

² A União Latina, fundada em 1954 pela Convenção de Madrid, existe como instituição desde 1983 e visa a integração de países de língua neolatina (cf. www.unilat.org).

de várias partes do mundo podem comunicar-se praticamente em tempo real. O grande desafio da terminologia, que nasceu justamente de uma necessidade advinda da Revolução Industrial, é lidar com o Século da Informação e com uma rápida e constante evolução científica e técnica.

1.2. Terminologia no Brasil

Quando falamos em terminologia no Brasil, podemos entendê-la de duas formas: o conjunto de termos de áreas de especialidade próprias deste país ou seu desenvolvimento como ciência no Brasil.

Como explica Alves (1998a, p. 8), o português do Brasil recebeu vários empréstimos da língua tupi e das diversas línguas africanas, cuja influência caracteriza a variante lexical brasileira, em diversas áreas de especialidade como a religião, a fauna, a flora e a culinária. A Autora destaca que, desde a edição de 1975, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda inclui vários brasileirismos e termos referentes à linguagens de especialidade. Atualmente, com a publicação de novos dicionários de língua como *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998) e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), observamos que vários termos relativos a áreas de especialidade como a economia, a informática, o direito, o esporte, a medicina, entre outras, são cada vez mais comuns e refletem a rapidez da banalização dos termos técnicos decorrentes do fenômeno da globalização.

Sob o ponto de vista científico, a terminologia passou a ser praticada sistematicamente na década de 80. Alves (1998a, p. 8) destaca a importância da criação, em 1986, do Grupo de Trabalho Lexicologia e Lexicografia da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), que incorporou, em 1988, a terminologia como objeto de estudo.

Segundo a Autora, outro marco importante do desenvolvimento da terminologia no país foi a publicação, em 1990, do Cadastro de Fontes Terminológicas pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), que sediou, no mesmo ano, o II Simpósio Ibero-Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia

Técnico-Científica. As discussões realizadas nesse simpósio deram origem, em 1992, à CEETT (Comissão de Estudo Temporária de Terminologia), implantada pelo IBICT em conjunto com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)³, responsável por traduzir e adaptar as normas ISO para a terminologia. Dois anos mais tarde, o IBICT iniciou a implantação do Brasilterm (Banco de Dados Terminológicos do Brasil), que, segundo Faulstich (1998, p. 12), tem o objetivo de representar a terminologia brasileira no projeto de terminologias do Mercosul.

Devemos destacar, ainda, que o Brasil faz parte também das redes terminológicas RITerm e Realiter, mantendo intercâmbio com vários centros terminológicos internacionais e sediando eventos, como a Escola Internacional de Inverno de Terminologia. Esse evento foi realizado em 2000 pelo CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia) e pela área de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com o apoio da RITerm e do Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA – Pompeu Fabra), e reuniu profissionais das áreas de tradução, documentação e terminologia do Brasil e de países como Espanha, Canadá, Uruguai, entre outros. Esse encontro deu ênfase especial às políticas lingüísticas relacionadas ao Mercosul.

Na última década, a terminologia no Brasil assistiu a uma grande expansão no meio acadêmico, principalmente, como mostra Alves (1998a, p. 8), após a inclusão da disciplina Terminologia nos cursos de tradução e em cursos de pós-graduação em Lingüística, do que tem resultado a elaboração de glossários e dicionários e reflexões teóricas sobre o assunto. A terminologia tem despertado tanto interesse que cursos vêm sendo ministrados em universidades de várias regiões do país, buscando formar especialistas em terminologia e dar suporte aos profissionais de comunicação, documentação e tradução.

1.3. O que é Terminologia?

Como observa Rondeau (1984), o termo *terminologia* comporta várias definições, tendo, portanto, caráter polissêmico. Essas definições estão muito integradas, pois giram

³ Essa associação, que tem como objetivo uniformizar os procedimentos, processos e terminologias utilizadas nas áreas técnicas, foi fundada em 1940. (Cunha, 2001: 47-9).

em torno de um mesmo objeto, a estruturação de um conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. Assim como Rondeau (1984, p. 18), Sager (1990, p. 1) e Rey (1979, p. 16), Cabré (1993, p. 82) destaca basicamente três acepções para o termo:

1. conjunto de princípios e bases conceituais que regem o estudo dos termos;
2. conjunto de diretrizes utilizadas no trabalho metodológico;
3. conjunto de termos de uma área de especialidade.

Como explica Cabré (1993), a primeira acepção refere-se à disciplina, a segunda, à metodologia e a terceira, ao próprio conjunto de termos.

Portanto, podemos referir-nos à terminologia como ciência, com fundamentação teórica e aplicação prática; como uma metodologia de análise e de trabalho; e também, de forma mais concreta, como conjunto de termos pertencentes à determinada área de especialidade, que é a fonte das análises terminológicas.

A Norma ISO 1087, publicada em 1990, por outro lado, apresenta uma denominação para cada uma das acepções apontadas anteriormente, como podemos observar a seguir:

5.1. **terminology**: Set of terms representing the system of concepts of a particular subject field.

8.1. **terminology science**: The scientific study of the concepts and terms found in special languages.

8.2. **terminology work**: Any activity concerned with the systematization and representation of concepts or with the presentation of terminologies on the basis of established principles and methods. (ISO 1087, 1990, p. 4, 12 e 13)⁴

Na verdade, o termo terminologia, como está definido na Norma ISO1087, refere-se à terceira acepção apontada por Cabré; o termo *ciência terminológica*, por sua vez, refere-se à segunda acepção; e finalmente, o termo *trabalho terminológico* é relativo à primeira. Essa foi uma estratégia dos organizadores da citada norma para evitar a polissemia, que, no

⁴ Nesta dissertação, todos os grifos constantes de citações de autores são dos próprios, não havendo qualquer destaque de nossa parte nos trechos transcritos.

entanto, não prejudica a comunicação entre especialistas da área, visto que o contexto auxilia na determinação de qual acepção está sendo empregada no discurso.

1.4. Teoria Geral da Terminologia

Como observamos anteriormente, a terminologia começou a ser sistematizada e tratada como uma disciplina científica por volta da década de 30, a partir das experiências práticas de Wüster. Entretanto, somente na década de 70, o engenheiro apresenta os fundamentos da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Com base em Cabré (1993, p.11), destacamos as principais características da TGT:

- a) A terminologia é uma matéria autônoma, constituindo-se de ciências como a lingüística, a lógica, a ontologia e a informática;
- b) A terminologia tem como objeto de estudo os termos científicos e técnicos pertencentes a um âmbito de especialidade e de uso circunscrito a esse âmbito;
- c) Os termos são definidos como unidades semióticas compostas de conceito e denominação, identificados somente dentro de uma área de especialidade;
- d) Os termos são analisados a partir do conceito que representam, por isso, assume-se que o conceito precede a denominação, o que caracteriza o fenômeno da onomasiologia;
- e) Os conceitos do mesmo campo especializado mantêm diversos tipos de relação entre si, que formam um conjunto denominado estrutura conceitual;
- f) O valor de um termo é estabelecido pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual da matéria;

- g) O objetivo do estudo dos termos é a normalização conceitual e denominativa em uma língua ou em várias;
- h) A normalização dos termos tem o objetivo de garantir a precisão e a univocidade da comunicação profissional, por isso cada conceito deve corresponder a um único termo, não se admitindo variações.

Além das características apontadas pela Autora, acrescentamos ainda que os termos são estudados sob o ponto de vista sincrônico, não havendo preocupação em explicar sua etimologia ou evolução e que a forma gráfica predomina sobre a fônica (FELBER, 1987, p. 82-3).

A teoria wüsteriana nasceu da necessidade de se padronizar a comunicação entre especialistas, tornando-a cada vez mais clara e precisa por meio do estabelecimento de formas *standard*, ou seja, pela normalização dos termos encontrados. A terminologia teria, portanto, caráter normativo.

Cabré (1993, p. 114) critica a natureza reducionista da teoria de Wüster apontando dois aspectos: a idealização da realidade, do conhecimento e da comunicação; e a limitação do trabalho terminológico à normalização. A autora argumenta que a TGT não leva em consideração os aspectos cognitivos, lingüísticos, comunicativos e sociais da terminologia, visto que as experiências wüsterianas teriam ocorrido num campo técnico muito restrito, a engenharia industrial, limitando a teoria sob os pontos de vista conceitual e funcional. As deficiências da TGT sob o aspecto cognitivo referem-se à defesa da uniformidade do conhecimento especializado e de sua separação do conhecimento geral, que, sob o ponto de vista prático, não ocorre, pois a fronteira entre ambos é muito tênue. Sob o aspecto lingüístico, a TGT enfatiza somente os aspectos prescritivos dos termos e sua concepção como unidades diferenciadas das unidades léxicas. Finalmente, sob o ponto de vista comunicativo, a teoria desconsidera as variações discursivas, tratando a linguagem de especialidade sob uma perspectiva ideal, permitindo apenas a utilização de um único registro, o *standard*.

Os conceitos idealizados da língua defendidos pela TGT mostraram-se, portanto, insuficientes para lidar com as constantes mudanças da língua e com as exigências dos

estudos terminológicos, principalmente após o estabelecimento dos estudos sociolingüísticos, que tiveram início na década de 60. A sociolingüística e a teoria do discurso, segundo Cabré (1999, p. 114), inspiraram o desenvolvimento da socioterminologia, que permitiu que se iniciassem pesquisas em busca de uma nova teoria da terminologia. Com base num estudo mais aprofundado dos aspectos sociais, comunicativos, pragmáticos e discursivos, Cabré (1999, p. 114) apresenta uma nova proposta teórica denominada Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cujos fundamentos básicos detalharemos a seguir:

- a) A TCT concebe a terminologia como um campo interdisciplinar, fundamentado sob a perspectiva das teorias do conhecimento, da comunicação e da linguagem;
- b) Essa teoria tem como objeto de estudo as unidades terminológicas propriamente ditas, que fazem parte da linguagem natural e da gramática de uma língua;
- c) Os termos podem ser descritos como unidades denominativo-conceituais, dotadas de capacidade de referência, que não são, inicialmente, nem palavras, nem termos. O caráter de termo é ativado em função de seu uso em contexto e situação adequados;
- d) Os termos são unidades de forma e conteúdo, em que o conteúdo é simultâneo à forma, podendo ser expresso por outras denominações do sistema lingüístico, o que permite a existência de variantes;
- e) Os conceitos de um mesmo âmbito de especialidade mantêm entre si relações de diversos tipos. O conjunto dessas relações é denominado estrutura de conceitos;
- f) O valor de um termo é estabelecido pelo lugar que ele ocupa na estruturação conceitual de uma matéria, com base nos critérios estabelecidos em um trabalho;

- g) O objetivo da terminologia teórica é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem vir a se tornar termos, explicando como elas são ativadas e suas relações com outros tipos de signo do mesmo sistema ou de sistema distinto;
- h) O objetivo da terminologia aplicada é o de recopilar as unidades de valor terminológico em tema e situação determinados, estabelecendo suas características de acordo com essa situação;
- i) A finalidade aplicada da recopilação e análise das unidades de valor terminológico é bastante diversa e permite muitas aplicações, em todas as quais é ativada a dupla função dos termos: a representação do conhecimento especializado e sua transferência.

Os fundamentos da TCT deixam clara a importância de se contextualizar a unidade de valor terminológico, assim referida porque somente após ser utilizada em uma situação de comunicação especializada ganha *status* de termo. Além disso, a visão idealizada da teoria wüsteriana de determinar o caráter biunívoco do termo, condição essencial para a normalização buscada pela TGT, não considera as variantes denominativas observadas no discurso especializado. A TCT, por sua vez, considera essas variações, que podem ocorrer em virtude de situações comunicativas diferentes dentro de uma mesma área de especialidade.

A TCT responde também a uma necessidade de adaptação comunicativa, visto que a língua não é homogênea entre grupos profissionais, entre as ciências e/ou disciplinas ou entre regiões geográficas diferentes. Abordar a terminologia sob o ponto de vista comunicativo não significa prescindir de sua função normalizadora, mas adequá-la à determinada situação ou necessidade. Sob essa perspectiva, a terminologia não precisa ser necessariamente prescritiva, como pretendia Wüster, mas pode simplesmente descrever a realidade de uma área de especialidade, mostrando as diversas possibilidades denominativas e seu âmbito de uso.

2. Linguagem de Especialidade e Língua Comum

A crescente necessidade de comunicação entre profissionais de áreas especializadas não se baseia somente na organização de terminologias, que são apenas parte desse complexo sistema de transferência de conhecimento. Além da terminologia, há outras características que distinguem a comunicação entre especialistas da comunicação entre falantes comuns. Os primeiros fazem um uso específico da língua, que passa a receber a denominação de *linguagem de especialidade*. Entretanto, no decorrer deste capítulo, poderemos observar que nem a denominação, nem a delimitação do conceito de *linguagem de especialidade* são consensuais entre os estudiosos, sendo que alguns deles condenam o uso do termo “linguagem” para se referir aos recursos de comunicação entre especialistas.

Inicialmente, faz-se necessário esclarecermos o conceito de *língua comum* e de *língua geral* que servirão de referência para explicarmos as diversas concepções de linguagem de especialidade.

Consideramos adequada a concepção de Cabré, que define e relaciona os termos *língua geral*, *língua comum* e *linguagem de especialidade* como podemos observar no trecho a seguir:

La lengua general (la <<langue tout entière>> en términos de Kocourek) que comprende tanto las variedades marcadas como las no marcadas, puede considerarse como un conjunto de conjuntos, imbricados e interrelacionados desde muchos puntos de vista. El nexo común a todos los conjuntos es la lengua común. Cada uno de los subconjuntos puede ser una lengua especializada. Esa es, en resumen, la aproximación más lingüística a los lenguajes de especialidad. (CABRÉ, 1993, p. 129)

Neste trabalho, portanto, entendemos como **língua comum**⁵ o subsistema lingüístico utilizado pela maioria dos falantes de uma língua em situação não marcada e

⁵ Destacaremos com negrito os termos que refletem a perspectiva adotada neste trabalho ou que se referem a conceitos importantes para a compreensão da teoria apresentada.

como **língua geral**, o conjunto de subsistemas lingüísticos que inclui as variedades marcadas e não marcadas.

Como mencionamos anteriormente, a *linguagem de especialidade* é abordada sob diferentes perspectivas com base em como os estudiosos a descrevem em relação à língua geral. Segundo Cabré (1993, p. 133-4), há três perspectivas de abordagem:

- a) *linguagens de especialidade* consideradas como códigos lingüísticos diferentes da língua geral, com regras e unidades específicas, que é a concepção defendida por Hoffman (1979)⁶;
- b) *linguagens de especialidade* consideradas como variantes da língua geral, cuja especificidade é reduzida ao léxico, como afirmam Rondeau (1983), Quemada (1978) e Rey (1976);
- c) *linguagens de especialidade* consideradas como subconjuntos, fundamentalmente pragmáticos, em relação à língua geral no sentido especificado anteriormente, concepção adotada por Vantarola (1986), Dungworth & Mc Donald (1980); Pitch i Draskau (1985), Kocourek (1991) e Cabré (1993).

Quanto à denominação, Cabré (1993, p. 132) explica que os termos utilizados para fazer referência a esse tipo especial de linguagem podem ser: *linguagens de especialidade*, *linguagens especializadas* e *linguagens com propósitos específicos*, considerados sinônimos por Kocourek (1982) e por Rondeau (1983). No entanto, para Sager, Dungworth e McDonald (1980), *linguagens com propósitos específicos* é um termo utilizado especialmente no aprendizado de línguas, sendo que preferem referir-se ao termo *special languages*, que, de acordo com as normas ISO 1087, corresponde a *langue de spécialité*. Quemada (1978) refere-se ainda a *linguagens de especialidade* como vocabulários. Nesta

⁶ As informações referentes aos autores e às datas mencionadas nos itens a, b e c foram extraídas de Cabré (1993, p. 133-4)

dissertação, optaremos pela denominação, mais comumente utilizada, de **linguagens de especialidade**.

O termo *linguagem de especialidade* pode ser utilizado no singular ou no plural. Utilizamos esse termo no singular quando se refere às características gerais que unem linguagens das diversas áreas do conhecimento. O termo pode também ser utilizado no plural para referir-se a cada uma das linguagens de especialidade existentes (Cabré, 1993, p. 141-8).

A definição de *linguagem de especialidade* (*special language*), constante das normas ISO 1087, enfatiza seu aspecto lingüístico e também a concepção desse tipo de linguagem como um subsistema da língua, como podemos observar no trecho a seguir:

2.3 special language: Linguistic subsystem, intended for unambiguous communication in a particular subject field using a terminology and other linguistic means. (ISO 1087, 1990, p. 1)

Kocourek (1991, p. 40) considera que as *linguagens de especialidade* podem ser abordadas sob o ponto de vista da semiótica e da linguagem natural. Essa última é a base do processo de comunicação, a partir da qual são selecionados alguns elementos dos recursos do sistema lingüístico que conferem a essas linguagens certa especificidade. Apresentamos, a seguir, um trecho em que o autor define as linguagens de especialidade:

La langue de spécialité, et en particulier la langue savante et technoscientifique, constitue, d'une part, un des systèmes sémiotiques de spécialité, distinct des autres systèmes sémiotiques, tels que les langages symboliques.

D'autre part, la langue de specialité est une sous-langue, une variété, un style de la langue tout entière. Elle a la plupart des ressources en commun avec la langue usuelle, mais elle a aussi d'importantes ressources propres.

La langue de spécialité est plus qu'un registre (soutenu ou courant ou familier) plus que le discours, plus que le vocabulaire ou que la terminologie. C'est un système libre de ressources sur tous les plans de la langue qui possède plusieurs registres et plus que des caractéristiques lexicales. C'est cependant le bon usage écrit de spécialité qu'on explore le plus souvent. (KOCOUREK, 1991, p. 40-1)

O Autor destaca, principalmente, os aspectos discursivos e lexicais das linguagens de especialidade, que podem ser complementados pela definição de Cabré, que enfatiza os aspectos pragmáticos:

En contraste hablamos de lenguaje de especialidad (o de lenguajes especializados), para hacer referencia al conjunto de subcódigos – parcialmente coincidentes con el subcódigo de la lengua común – caracterizados en virtud de unas peculiaridades ‘especiales’, esto es, propias y específicas de cada uno de ellos, como pueden ser la temática, el tipo de interlocutores, la situación comunicativa, la intención del hablante, el medio en que se produce un intercambio comunicativo, el tipo de intercambio, etc. Las situaciones en que se utilizan los lenguajes de especialidad se pueden considerar, en este sentido ‘marcadas’. (CABRÉ, 1993, p. 128-9)

Como podemos observar, as definições apresentadas têm caráter complementar, visto que a primeira destaca os objetivos e aspectos lingüísticos das linguagens de especialidade, a segunda mostra a relação dessas linguagens com a semiótica e a terceira destaca os aspectos pragmáticos que as caracterizam.

Neste trabalho, portanto, consideramos as **linguagens de especialidade** como subconjuntos da língua geral que representam uma área de conhecimento especializado e que compartilham aspectos morfológicos e sintáticos com a língua comum, apresentando características lexicais, textuais e pragmáticas próprias que as diferenciam da língua comum, e também aspectos de natureza semiótica, como figuras, gráficos, símbolos, que as permitem constituir sistemas semióticos de especialidade.

Com a comparação e síntese das definições encontradas nas normas ISO 1087, em Kocourek e em Cabré, buscamos delimitar o conceito de *linguagens de especialidade*. É importante, no entanto, esclarecer os critérios para classificarmos uma linguagem como especializada.

Segundo Cabré (1999, p.153), há três critérios para se caracterizar a comunicação especializada: a temática, os usuários e as situações de comunicação.

Os temas especializados, cujo conteúdo não faz parte do conhecimento geral dos falantes de uma língua, dependem de um aprendizado explícito e formal, de modo que as

formas expressivas são adquiridas com a aprendizagem dos conteúdos. O conhecimento geral, por outro lado, é implícito, ou seja, adquirido inconscientemente pela experiência direta.

Quanto aos usuários, os especialistas são os emissores da mensagem, que pode ter como receptores outros especialistas, estudantes ou o público em geral.

As situações em que se produz a transmissão de conhecimento se estabelecem com base na manutenção do caráter referencial da comunicação, pois toda a comunicação especializada tem finalidades específicas como avaliar, descrever, argumentar, ordenar, classificar etc.

A Autora defende, portanto, que o caráter especializado de um discurso não depende tanto do tema, mas da forma com que é tratado, a ótica sob a qual é abordado. As diversas perspectivas sob as quais o tema pode ser tratado e as circunstâncias comunicativas permitem que as linguagens de especialidade possam apresentar variações, que podem ser horizontais (tipo de temática, ponto de vista abordado) ou verticais (nível de especialização do texto, grau de formalidade, finalidade do discurso). As situações comunicativas (temática, destinatário, finalidade da comunicação etc) determinam o grau de abstração da temática, as estruturas sintáticas e textuais das produções comunicativas e o estilo de discurso.

Na capoeira, os usuários são os mestres, professores e praticantes desse jogo, que se comunicam por meio de sua terminologia específica nas aulas de treinamento, somando-se o nome dos movimentos à demonstração de como executá-los. Quanto ao material escrito, os manuais apresentam as denominações de movimentos e golpes, acompanhados de suas respectivas explicações e, na maioria das vezes, de ilustrações ou fotografias.

2.1. Características das linguagens de especialidade

Como mencionamos anteriormente, as linguagens de especialidade podem ser caracterizadas por aspectos textuais, lexicais, pragmáticos e funcionais.

Rondeau (1984, p. 27-31) considera as características específicas das linguagens de especialidade sob os planos lexical e textual e descreve as especificidades de cada um desses planos, como apresentamos a seguir.

O plano textual refere-se à configuração global da mensagem, ou seja, aos elementos que nos permitem diferenciar um texto especializado de outro texto especializado de uma área distinta ou de um texto da língua comum por um estilo regular (técnico-científico), que varia de acordo com a temática e com os distintos níveis de que trata. Entre essas características estão: a concisão, precisão e despersonalização textuais, o léxico especializado, a predominância das formas nominais (substantivos e adjetivos), a importância funcional da língua escrita sobre a oral e a utilização de recursos pertencentes a outros sistemas como ilustrações, gráficos, esquemas.

O plano lexical refere-se às terminologias, que podem ser gerais (termos comuns a várias disciplinas) ou específicas (correspondem a conjuntos conceituais de áreas do conhecimento particulares, compreendendo subconjuntos ultra-especializados, cujas características podem variar de especialidade para especialidade). O Autor apresenta características referentes ao conteúdo: a necessidade de se delimitar o conceito claramente em relação aos outros, a monorreferencialidade (relativa à ligação entre as duas faces do termo: o conceito e a denominação) e a ligação de afinidade com palavras da língua comum; e referentes à forma: a concisão (processos como a redução, a truncção e a abreviação e formações sintagmáticas); os aspectos morfológicos (formantes cultos e frequência de processos como prefixação e sufixação, que variam de acordo com as características da especialidade), a fixação de regras gráficas e a pouca importância quanto às variações fonológicas.

Segundo Cabré (1993, p. 144), sob o aspecto pragmático, as linguagens de especialidade caracterizam-se pelos usuários (pertencem a um subgrupo restrito da comunidade falante, definido, geralmente, pela profissão), pelas situações de comunicação

em que se materializam essas linguagens (situação oral de tipo profissional) e função prioritária veiculada pelas linguagens de especialidade (informativa). O fato de as linguagens de especialidade serem utilizadas por um número restrito de usuários, em situações de comunicação também restritas, que interagem por meio de um léxico específico organizado a partir de recursos sintáticos também restritos, facilita a comunicação entre especialistas falantes de línguas diferentes, que encontram nos textos especializados de mesmo tema uma certa uniformidade, o que contribui muito para a compreensão.

Sob o ponto de vista funcional, como observa Cabré (1993, p. 147), as linguagens de especialidade são caracterizadas pela transmissão de informações e pelas terminologias, que servem para denominar os conceitos de uma área de especialidade.

É importante destacarmos que as características apresentadas referem-se às linguagens de especialidade de forma geral, sendo que cada uma delas apresenta traços próprios determinados pelas especificidades da área em estudo. Nos textos das ciências exatas, por exemplo, há muito mais recursos não-lingüísticos como símbolos, fórmulas, gráficos do que nos textos das ciências humanas.

2.2. O discurso especializado

Segundo Jakobson (1963, p. 123), os fatores envolvidos no processo lingüístico correspondem às seis funções de linguagem, como mostramos no esquema a seguir:



Cada uma dessas funções pode ser predominante, dependendo do tipo de discurso. Em um dicionário, por exemplo, tipo de texto em que se destaca o código, a função metalingüística predominará, o que não exclui a presença de outras funções em menor grau, como a referencial. No caso da comunicação especializada, como em qualquer outro tipo de comunicação, todos esses fatores estão presentes, mas, devido às peculiaridades da informação, destacam-se o emissor e o referente, que afetam diretamente o código e a mensagem. Uma das características que especificam a comunicação especializada é seu caráter restrito, que verificamos em dois elementos comunicativos: o emissor e a referência. O emissor não pode ser qualquer um, mas sim o especialista, cuja produção pode ser mediada pelo tradutor ou pelo divulgador científico, pontes entre o emissor e o destinatário. Quanto à referência, seu caráter restrito pode ser explicado pela forma de conceitualização da realidade, feita de maneira estruturada. Quanto à função, destaca-se a referencial, pois as linguagens de especialidade descrevem o conhecimento a partir da conceitualização da realidade (CABRÉ, 1999, p. 160).

Como podemos observar, a comunicação especializada depende de vários fatores, entre os quais os comunicativos, os temáticos, os funcionais, enfim, é um instrumento de interação entre os falantes de uma língua dentro de uma área específica do conhecimento e por isso é dinâmica e tem valor sócio-funcional, admitindo variações. Segundo Cabré (1999, p.162), há dois tipos de variações: a horizontal e a vertical. A primeira refere-se à temática, que pode ser abordada sob diversas perspectivas. A segunda, a variantes dialetais e funcionais da língua, que permitem a produção de discursos de diversos níveis de especialização (mais ou menos especializados) e de graus de formalidade diversos.

Nosso trabalho não visa à análise discursiva dos textos dos manuais de capoeira, senão a análise terminológica desses textos. Entretanto, esses textos possuem também características discursivas que os individualizam e que contribuem para a compreensão dos conceitos, como os recursos semióticos utilizados, ou seja, as figuras; e também características pragmáticas, como os usuários, que são mestres ou praticantes de capoeira; as situações comunicativas, como as aulas de capoeira e campeonatos; e funcionais, como a transmissão dos conceitos relativos aos movimentos e golpes da capoeira. Além disso, é importante localizar a terminologia dentro de um sistema mais amplo, que a inclui, ou seja,

as linguagens de especialidade. Analisaremos, então, a importância da terminologia na comunicação especializada.

2.3. Terminologia e Comunicação Especializada: variantes

Apesar de não ser o único elemento que diferencia a linguagem especializada da comum, a terminologia, conjunto de termos de uma área do conhecimento, é o aspecto mais peculiar e visível das linguagens de especialidade, o que pode ser explicado por três fatores:

1. o vocabulário é um dos pontos-chave da comunicação especializada, pois concentra grande densidade de conhecimento especializado;
2. o conhecimento especializado não coincide com o geral, pois o significado dos termos não coincide com os das palavras, mesmo que a forma seja a mesma, já que os termos têm um significado específico dentro da área de conhecimento;
3. a precisão comunicativa dos termos.

(CABRÉ, 1999, p. 164)

A terminologia tem um papel crucial na representação e comunicação especializada, pois reflete o campo conceitual da matéria. A necessidade de normalização e, conseqüentemente, de precisão do conceito, que deve, em teoria, corresponder a um único termo, fez com que durante muitos anos se desconsiderassem as variações terminológicas, que começaram a ser estudadas somente com o advento da socioterminologia. Como defende Cabré (1999, p. 165), o fato de uma mesma realidade poder ser percebida de maneiras diferentes, sendo, portanto, conceitualizada de maneira diversa, faz com que entre dois conceitos referentes a uma mesma realidade ou objeto possa haver uma percepção diferente. A partir dessa hipótese, podemos compreender o fenômeno da variação em terminologia.

O discurso da terminologia normativa considera o termo apenas sob sua perspectiva denominativa, ou seja, como uma unidade de referência uniforme, ahistórica, atemporal,

associal e neutra ideologicamente, não fazendo distinção entre as situações de comunicação.

Entretanto, a análise de textos especializados mostra que há variações intra e interlingüísticas, baseadas nas características dos indivíduos (espaço, tempo e grupo sócio-profissional) e na situação (tema, nível de especialização e grau de formalidade). Cabré (1999, p. 167) agrupa as variantes em *dialetais* e *funcionais*.

A *variação dialetal* constitui-se de variações ocorridas no espaço, tempo e grupos socioprofissionais. A mais aceita e estudada é o tipo de variação que ocorre entre países diferentes cujas comunidades falam a mesma língua, mas empregam unidades denominativas diversas para o mesmo conceito. Há, ainda, *variantes topoletais*, cujos termos referem-se ao mesmo conceito no mesmo território. Quanto às *variantes cronoletais*, ou seja, aquelas ocorridas ao longo do tempo, sua análise permitiria estudar a evolução do conhecimento científico a partir da evolução terminológica, assunto pertinente a este trabalho, pois como trataremos de uma área relativa à cultura, poderemos observar a evolução dos termos e de suas variantes. Ainda, quanto à *variação dialetal*, devem ser consideradas as *variações socioletais*, referentes, por exemplo, às perspectivas de diferentes escolas de pensamento sobre uma mesma matéria.

A *variação funcional* reflete as variantes decorrentes do processo de comunicação, cujos critérios são distribuídos em dois eixos: horizontal (temática e suas diversas perspectivas de abordagem) e vertical (destinatários e nível de especialização).

No eixo horizontal, observamos que, de acordo com as variáveis temáticas, as terminologias são organizadas em matérias técnico-científicas, profissões e atividades especializadas, o que permite que o conceito de terminologia seja estendido às mais diversas áreas, inclusive à de esportes (que inclui a capoeira), como observa Cabré:

Així, es parla de la terminologia de la medicina, de la física, de la sociologia, del medi ambient, de la fusteria, de la restauració, de la banca, del comerç o dels esports. (CABRÉ, 1999, p. 168)

Quanto à perspectiva de abordagem das temáticas, destaca-se: como a diferença entre matérias humanas e exatas, por exemplo, pode repercutir na estabilidade e na delimitação da terminologia; e a crise da concepção uniforme das matérias especializadas

advinda das diferenças entre matérias consolidadas e interdisciplinares. Sob essa nova ótica, o termo não pertence a uma área especializada, mas é utilizado em uma área do conhecimento determinada, sendo considerado termo apenas dentro do contexto empregado.

A variação vertical é determinada pelos destinatários da comunicação e pelo nível de especialização dos conteúdos. Os textos especializados são o resultado de seleções lingüísticas realizadas de acordo com as variáveis de toda a situação comunicativa especializada (discurso especializado em geral) e de subvariáveis de cada situação comunicativa específica (características de cada ato comunicativo, que envolvem o tipo de tema, a perspectiva e o grau de especialização). Dessa forma, o discurso especializado deve se adequar a cada ato comunicativo, o que pode provocar variações.

Outro dado importante é que o discurso produzido por especialistas não é homogêneo e deve adequar-se ao tipo de destinatário que pretende atingir. Portanto, podemos observar três tipos de discurso: alta ou medianamente especializado, produzido para especialistas; didático, direcionado aos estudantes da matéria especializada; e de divulgação, voltado ao grande público. A caracterização do destinatário influencia sobremaneira o nível de especialização, pois à medida que um texto passa a ser direcionado para o público geral, o nível de especialização diminui, como também a densidade terminológica, e a forma de abordagem do tema também fica diferente, tornando-se mais superficial.

No caso da capoeira, não observamos diferenças relevantes referentes ao nível de especialização, em primeiro lugar, porque os textos relacionados à capoeira são de caráter pedagógico, direcionados a praticantes de capoeira de um modo geral. Entretanto, ao analisarmos textos escritos por profissionais da área de esporte sobre capoeira direcionados para um público também de profissionais dessa área, percebemos que a forma de descrição dos movimentos é diferenciada. Como observamos ao descrevermos a metodologia deste trabalho, mesmo decidindo evitar as variações de movimento, verificamos algumas variantes relativas aos estilos de capoeira, ao tempo e à região.

3. Terminologia e Lexicologia

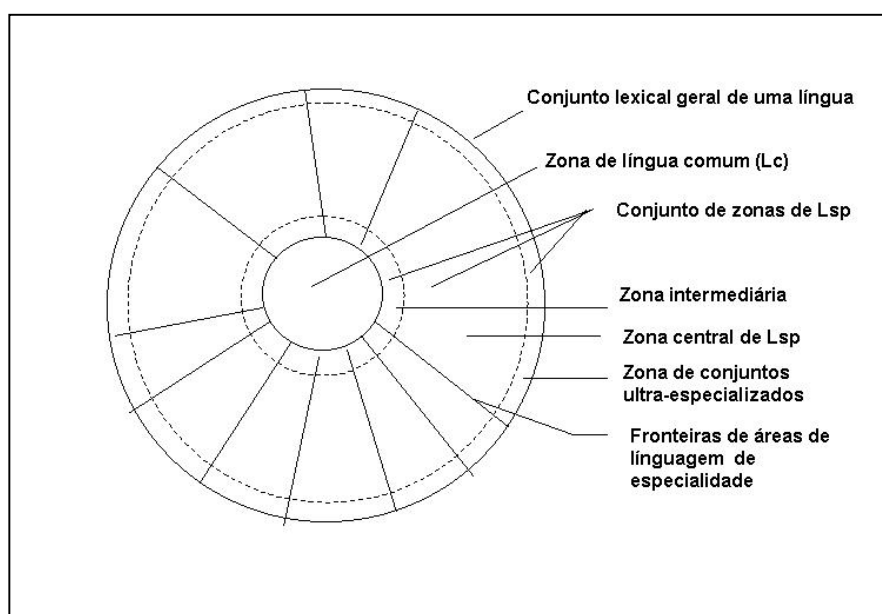
Como pudemos perceber, as fronteiras que separam a língua comum das linguagens de especialidade é muito tênue. Da mesma forma, a terminologia e a lexicologia, que se situam nos domínios da lingüística, tratam de objetos de estudo, o termo, no primeiro caso, e a palavra, no segundo, que se confundem. É difícil distinguirmos uma palavra de um termo senão com a ajuda do contexto. Desse modo, tomando como base Cabré (1999, p. 17-37), discutiremos os objetivos e as características de cada uma dessas disciplinas, bem como seus pontos convergentes e divergentes quanto à delimitação de seu objeto de estudo e campo de trabalho, destacando também as especificidades de seus ramos aplicados: a terminografia, que trata da elaboração de glossários e dicionários terminológicos, e a lexicografia, que cuida da elaboração de dicionários de língua comum.

Segundo Cabré, a lexicologia concentra-se na análise e na descrição da competência do falante e, para tanto, supõe que todo falante conhece: a) uma lista de palavras que lhe permite trocar informações com outros falantes da mesma língua; b) um conjunto de regras de formação de palavras; e c) um conjunto de dados lingüísticos e enciclopédicos de cada palavra. Esse conhecimento é que permite adequar as palavras às situações de comunicação correspondentes. Portanto, a lexicologia descreve o conhecimento lingüístico geral de um falante sob a perspectiva do léxico, ou seja, as palavras que o falante de uma língua conhece e utiliza em situações variadas do dia-a-dia. Se, segundo Biderman (1998, p. 11), palavras são signos lingüísticos resultantes da cristalização de sucessivos atos de cognição da realidade e de categorização da experiência, como delimitarmos o que pertence ao âmbito da comunicação geral, da língua comum dos falantes, e o que pertence ao conhecimento especializado?

Cabré explica que a terminologia focaliza unicamente os termos, as palavras próprias de uma área de especialidade (a física, a química, a antropologia etc), ou de uma área profissional (comércio, indústria, esportes etc.).

Essa distinção torna-se mais complexa também em virtude do léxico comum que, como explica Maria Tereza Biderman (1989, p. 139), “constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”.

O fato é que as línguas de especialidade estão cada vez mais próximas da língua comum, pois o trabalho e as atividades profissionais se misturam à vida do falante comum, que também é especialista de alguma área de estudo e que domina tanto as palavras da língua comum quanto os termos que utiliza em suas atividades científicas ou profissionais. Além disso, a globalização e a rapidez de divulgação dos meios de comunicação fazem com que as palavras migrem rapidamente dos domínios de uma linguagem especializada para a língua comum. As barreiras tênues que existem entre a língua comum e os diversos níveis das linguagens de especialidade podem ser visualizados no esquema de círculos concêntricos proposto por Rondeau (1984, p. 25)⁷:



O círculo mais interno representa a zona de língua comum, em que se localiza o conjunto de palavras e expressões que, segundo o Autor, dentro do contexto em que são empregadas, não se referem a uma atividade especializada.

O conjunto de zonas de linguagens especializadas divide-se em três círculos: a zona intermediária, que faz fronteira com a língua comum; a zona central das linguagens de especialidade e a zona dos conjuntos ultra-especializados, a mais externa. Os círculos mais estreitos, que representam as zonas intermediária e ultra-especializada, mostram que o

⁷ Tradução nossa. Lsp significa Language for Special Purposes, ou seja, linguagem de especialidade.

número de termos nessas zonas é menos elevado do que na zona central, o que pode variar dependendo da área de conhecimento.

Outro dado importante é que, na zona intermediária, os termos não pertencem necessariamente a uma área do conhecimento específica, como “fase”, “estrutura”, “átomo”. Os conceitos desses termos aproximam-se muito do significado que essas mesmas formas lingüísticas apresentam na língua comum.

Rondeau explica, ainda, que a zona dos conjuntos ultra-especializados tem um número muito restrito de usuários, e, que à medida que se aproxima do centro, o número de usuários aumenta.

A permeabilidade de fronteiras dá-se tanto da língua comum para as linguagens de especialidade e vice-versa, quanto entre as várias áreas do conhecimento. Por isso é que um termo que é encontrado tanto na zona comum como na zona de especialidade refere-se nesta última a um conceito específico, enquanto na zona comum possui vários significados. Quanto à área do conhecimento, um termo utilizado em uma área pode migrar a outra área do conhecimento; por exemplo, o termo *virus*, próprio da terminologia médica, que também é empregado na informática com um sentido específico.

Segundo Rondeau (1984, p. 26), “[...] c’est au niveau de la parole et non à celui de la langue que s’actualisent en termes ou en non-termes bon nombre de formes linguistiques”, ou seja, é no contexto de uso que uma unidade lingüística será considerada termo ou palavra.

Voltando às reflexões de Cabré (1999, p. 26), os aspectos pragmáticos são aqueles que melhor diferenciam os termos das palavras. Entre esses aspectos estão: usuários, situações de comunicação, temática veiculada, tipos de discurso.

Os usuários das palavras são os falantes de uma língua, que as utilizam em situações variadas do dia-a-dia. Por outro lado, os usuários de termos são os profissionais pertencentes à área do conhecimento em estudo, que podem ser professores, cientistas, médicos, técnicos em diferentes áreas, esportistas etc, que os utilizam em situações especializadas como na elaboração de textos para publicação em livros, revistas especializadas, em palestras, conferências, aulas, entre outras situações que ocorrem dentro do âmbito profissional correspondente. No caso desta dissertação, os usuários são mestres, alunos, enfim, praticantes de capoeira.

Quanto à temática, as palavras da língua comum são empregadas para se falar sobre qualquer tema relacionado à vida cotidiana, que é tratado de maneira superficial, e também para expressar sentimentos, sensações, ordens, enquanto que, em terminologia, os termos referem-se a conceitos pertencentes à matéria em estudo; em nosso caso, trataremos dos movimentos e golpes da capoeira, conceitos restritos a essa atividade.

Assim como a temática, os discursos nos quais as palavras são empregadas são variados (literário, jornalístico, publicitário etc), diferentemente dos termos, que são observados em textos técnico-científicos, com caráter fundamentalmente objetivo, relacionados à área em estudo, como os manuais didáticos que abordam a capoeira.

O conjunto de palavras que formam o léxico comum, bem como as terminologias, possui algumas especificidades relativas aos processos de formação de suas unidades lingüísticas e às categorias gramaticais.

Tanto as palavras como os termos compartilham dos mesmos processos de formação. Entretanto, em terminologia, há uma predominância de certos processos e formantes, como, por exemplo, as formações sintagmáticas fixas e os formantes cultos. Devemos lembrar que cada terminologia, ou seja, cada conjunto de termos relativo a uma especialidade, possui sua característica própria, podendo ter a predominância de outros processos. Portanto, em relação à lexicologia, em que os processos são mais variados, podemos dizer que em terminologia os processos de formação são caracterizados pelo tipo de especialidade.

Quanto às categorias gramaticais, em terminologia, predominam os substantivos com a presença de adjetivos, verbos e locuções em menor número, o que é explicado pelo caráter, sobretudo, referencial das linguagens de especialidade. Em lexicologia, no entanto, todas as categorias gramaticais são representadas de forma mais homogênea. Trataremos detalhadamente dos processos de formação dos termos referentes aos movimentos e golpes da capoeira no capítulo V, mas observamos que os substantivos são predominantes, bem como é relevante o número de formações sintagmáticas.

A terminologia e a lexicologia também se diferenciam pelos objetivos de cada uma. A lexicologia estuda as palavras para explicar a competência léxica de seus falantes, descrevendo os vários significados, bem como os usos e especificidades de cada um deles, com preocupações fonéticas, morfológicas e sintáticas, tendo caráter descritivo. A

terminologia, por sua vez, estuda os termos para estabelecer uma forma de referência, ou seja, utiliza métodos de busca, seleção e ordenação de termos de um certo campo de especialidade para normalizar sua forma e conteúdo, o que acentua seu caráter prescritivo.

Quanto à metodologia aplicada, terminologia e lexicologia podem diferenciar-se pela função dos trabalhos terminográficos e lexicográficos, pela orientação dos métodos de trabalho, pelas especificidades das definições e pela forma de apresentação.

Em relação à função dos trabalhos lexicográfico e terminológico, podemos destacar que o primeiro tem o objetivo de descrever o acervo lexical de uma língua e, o segundo, de normalizar os termos próprios de uma área especializada, indicando as formas preferidas ou mais adequadas de acordo com especialistas. Na prática, no entanto, essa distinção não é muito clara, pois os dicionários de língua, mesmo tendo como objetivo a descrição, exercem, de certa forma, um caráter prescritivo, principalmente do ponto de vista ortográfico e morfológico, tornando-se uma referência a seus usuários. Os dicionários e glossários terminológicos, por outro lado, podem apresentar variantes denominativas de um mesmo conceito com indicação de uso, para que os usuários saibam a forma adequada a ser empregada, dependendo do registro lingüístico. De acordo com o tipo de trabalho terminológico desenvolvido, o dicionário e o glossário terminológicos também podem ser caracterizados como descritivos. Ao descrever o processo de trabalho terminológico, Cabré acentua que:

En el caso de que confluyan varias denominaciones para un mismo concepto, se procede – si es pertinente – a seleccionar una denominación descartando todas las demás, o bien se aceptan varias soluciones al mismo tiempo pero se declara forma prioritaria a una de ellas. (CABRÉ, 1999, p. 28-9)

Quanto aos métodos de trabalho, podemos dizer que a terminologia busca denominações para conceitos previamente estabelecidos, ou seja, parte de uma lista de conceitos que se interrelacionam formando o sistema conceitual de uma disciplina, num processo denominado *onomasiologia*, no qual se parte do conceito para a denominação. A lexicologia, por sua vez, desenvolve seu trabalho com base em hipóteses teóricas, que podem ser refutadas ou não por meio da análise de amostras de produção dos falantes, passando da forma lingüística ao significado, num processo denominado *semasiologia*.

Sager (1990, p. 56), no entanto, não concorda que o método de trabalho da terminologia seja, na realidade, orientado por um processo onomasiológico, como mostra o trecho a seguir:

In reality the onomasiological approach only characterises the scientist who has to find a name for a new concept (an invention, a new tool, a measurement etc); the terminologist, like the lexicographer, usually has an existing body of terms to start with. Only rarely is a terminologist involved in the process of naming an original concept – as distinct from secondary term formation in translation. What is distinctive in his work is the fact that he orders the terms he has discovered by reference to a conceptual system which he may have to draw up himself in consultation with a subject specialist. (SAGER, 1990, p. 56)

Para o Autor, o processo onomasiológico não se aplicaria ao método de trabalho terminológico, mas à criação da denominação pelo especialista após ter desenvolvido o conceito. Segundo Sager, o trabalho do terminólogo seria feito com base em uma lista de termos, que ele deveria organizar, definir e normalizar, ordenando-os de acordo com o sistema conceitual, traçado juntamente com o especialista.

A posição de Sager quanto à metodologia de trabalho parece-nos bastante pertinente, pois, no momento da organização de um dicionário terminológico, a área de conhecimento já está definida, os conceitos já possuem suas respectivas denominações, mas o que muitas vezes ocorre é que essas denominações não estão relacionadas, bem formadas ou adequadamente definidas. O próprio especialista tem dificuldade de estabelecer um mapa conceitual, pois em seu conhecimento os termos estão intimamente relacionados para serem classificados em determinadas subáreas. Dessa forma, o terminólogo não possui necessariamente um sistema conceitual para coletar os termos, mas uma lista dos termos mais frequentes, básicos ou relevantes, ou mesmo precisa realizar a coleta a partir da delimitação da unidade terminológica pelo contexto. Como observa o Autor, os processos onomasiológicos estão mais ligados à normalização e à tradução, em que o terminólogo ou tradutor deve observar a melhor maneira de expressar o conceito por meio de determinada unidade terminológica, o que está bem próximo da realidade de países e regiões que mantêm políticas lingüísticas como a França, o Canadá, a Catalunha etc.

Quanto às definições, podemos dizer que as terminológicas diferenciam-se das lexicológicas por apresentarem descrições específicas e exaustivas, expressando as relações entre os conceitos, pois as últimas descrevem as palavras de maneira geral.

Em relação à apresentação, os dicionários e glossários terminológicos são organizados sistematicamente, de modo que os termos estejam relacionados de acordo com o sistema conceitual da área do conhecimento em estudo. Entretanto, há muitos dicionários desse tipo organizados por ordem alfabética, maneira pela qual são apresentados os dicionários lexicológicos.

4. A Unidade Terminológica

4.1. O Termo

A terminologia tem como objeto de estudo o conjunto de termos de uma área de especialidade. Portanto, precisamos esclarecer o que é um *termo*, como é definido. Ao compararmos os objetos de estudo da terminologia e da lexicologia, mencionamos algumas características do termo, principalmente em relação à palavra. Neste item, procuraremos definir o termo com relação à sua constituição e ao lugar que ocupa na área do conhecimento a que se refere, bem como os tipos de termos existentes e seus processos de formação.

4.1.1. O que é um Termo?

A norma ISO 1087 define *termo* da seguinte forma:

5.3.1.2 **term**: Designation of a defined concept in a special language by a linguistic expression. (ISO 1087, 1990, p. 5)

O termo é definido, portanto, como a designação de um conceito, sua expressão lingüística em uma linguagem de especialidade.

Arntz e Pitch (1995, p. 61) chamam a atenção para os diferentes conceitos de termo entre os teóricos e exemplificam esse problema comparando a definição estabelecida pela norma alemã DIN 2342, de 1986, com a definição fixada pela norma ISO 1087, que apresentamos anteriormente. Vejamos como a DIN 2342 define *termo*:

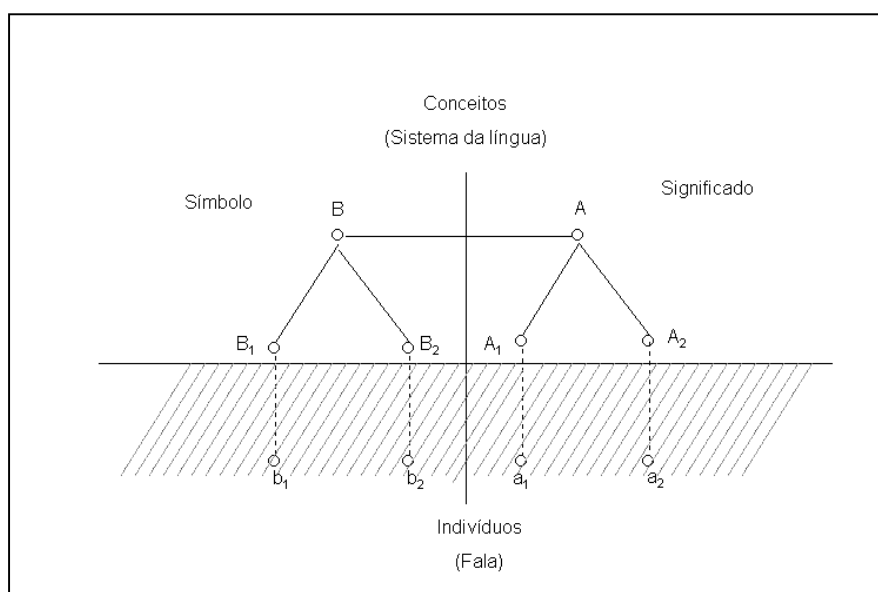
Un término, como elemento de una terminología, es una unidad constituida por un concepto y su denominación⁸.

⁸ Versão em espanhol apresentada por Arntz e Pitch (1995, p. 61)

Como podemos observar, segundo a definição alemã, o termo seria o conjunto formado pelo conceito e pela denominação; na definição da norma ISO 1087, enfatiza-se seu caráter denominativo.

Essa dupla interpretação da palavra *termo* também é mencionada por Cabré (1993, p. 172), que explica ser a palavra utilizada tanto para designar a unidade terminológica completa, ou seja, a denominação e o conceito, quanto como sinônimo de denominação. Como observa Rondeau (1984, p. 21), a identificação do conceito ao qual a palavra *termo* se refere fica clara ao leitor no contexto em que ela é empregada. Portanto, não há problemas quanto à sua utilização.

Entendendo o termo como uma unidade signíca, Wüster elaborou o modelo de termo, que mostra sua composição, a importância do conceito, bem como os processos de conceitualização⁹ e denominação.



(Cabré, 1993, p. 96)¹⁰

Nesse modelo, as letras correspondem a objetos da realidade, conceitos e formas fônicas como indicamos a seguir:

⁹ O processo de conceitualização do termo é definido no item sobre conceito.

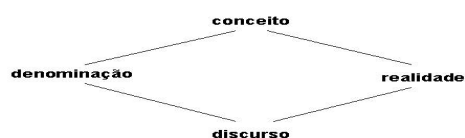
¹⁰ Traduzimos os termos que compõem o modelo de termo de Wüster, com base na versão espanhola apresentada por Cabré.

- a₁ e a₂** objetos individuais da realidade
- A₁ e A₂** conceitos individuais que representam a₁ e a₂
- A** conceito abstrato que representa A₁ e A₂
- B** conceito de representação simbólica de A
- B₁ e B₂** representação abstrata individual de uma forma fônica ou gráfica
- b₁ e b₂** representações fônicas de b₁ e b₂

Quanto à relação entre termos e palavras, Cabré (1993, p. 169) considera que termos e palavras não se diferenciam tanto sob o aspecto formal ou semântico, mas sob os aspectos pragmáticos e comunicativos. Dessa forma, termos, considerados como parte integrante do léxico, compartilhariam das mesmas regras de construção de palavras, frases e de constituição de discursos. Vejamos como a autora define a palavra termo:

Los términos, como las palabras del léxico general, son unidades sígnicas distintivas y significativas al mismo tiempo, que se presentan de forma natural en el discurso especializado. Poseen pues una vertiente sistemática (formal, semántica y funcional), toda vez que son unidades de un código establecido, y manifiestan asimismo otra vertiente pragmática, puesto que son unidades usadas en la comunicación especializada para designar los ‘objetos’ de una realidad preexistente. (Cabré, 1993, p. 169)

O termo é definido como unidade signíca distintiva e significativa, ou seja, unidade dotada de forma e conteúdo, empregada no discurso especializado. O discurso é um importante aspecto que diferencia o termo da palavra, cuja importância pode ser observada no esquema¹¹ esboçado pela Autora, que apresentamos a seguir.



¹¹ Traduzimos os termos que compõem o esquema.

Quanto aos tipos de termos existentes, Felber (1987, p. 141) destaca aqueles formados por uma só palavra ou por grupos de palavras. A norma ISO 1087 define esses tipos de termos com mais precisão. Os primeiros são denominados **termos simples** e são constituídos por um radical com ou sem afixos. Os últimos são chamados de **termos complexos**, formados por dois ou mais radicais com ou sem a inclusão de outros elementos. Continuando sua explicação, Felber explica que um termo pode ser uma letra, um símbolo gráfico, uma abreviação, um acrônimo, uma notação, entre outros.

Quanto ao ato de denominar, Sager (1990, p. 57) lembra que, em relação à observação e descrição científica, a necessidade de se encontrar nomes para os conceitos leva a uma reflexão sobre como o conceito e sua denominação se relacionam, buscando a transparência e a consistência. Desse modo, os princípios de denominação das linguagens de especialidade tendem a obedecer a uma certa sistematização e, em algumas ciências como a química e as ciências naturais, a seguir regras pré-estabelecidas.

O fato de se refletir para denominar, buscando inclusive relacionar o termo ao conceito, faz com que grande parte dos termos seja motivada, como explica Kocourek (1991, p. 173):

La majorité des unités lexicales de la langue sont motivées. En terminologie, la prédominance du motivé est si prononcée qu'elle est un caractère essentiel de la formation terminologique (cf. Guiraud '78:98). La forme des termes suggère souvent une partie de leur sens. Ceci découle non seulement de la nature du lexique en général, mais aussi de l'intellectualisation de la langue technoscientifique. Les scientifiques créent des termes en donnant, normalement, une explication rationnelle de la forme choisie. Les terminologues examinent la motivation des termes et sa justification. La motivation est donc un aspect important de l'étude des termes.

Segundo o Autor, a classificação dos tipos de motivação pode ser comparada à classificação de formações lexicais, de modo que a motivação morfológica corresponde aos tipos de formação por derivação e composição; a sintagmática, aos compostos

sintagmáticos. A motivação semântica é relativa ao emprego figurado dos termos. Há também a motivação fônica/gráfica e a motivação por empréstimo ou abreviação.

A reflexão de Kocourek (1991, p. 173) vem ao encontro de um dos objetivos de nosso trabalho, que é o de estudar os processos de formação dos termos referentes aos movimentos e golpes da capoeira, enfatizando principalmente o emprego figurado e metafórico de alguns termos e sua motivação, de que trataremos com mais detalhes no capítulo VI.

4.1.2. Processos de Formação de Termos

Ao compararmos terminologia e lexicologia e, conseqüentemente, termos e palavras, mencionamos que os processos de formação de termos e palavras são os mesmos, variando apenas a produtividade de cada processo.

Os manuais de terminologia abordam os processos de formação de termos, mas de maneira superficial. Kocourek (1991, p. 105-83) trata do tema de forma mais aprofundada, abordando os aspectos característicos da terminologia quanto à formação de termos. Entretanto, mesmo sendo os processos de formação de termos em francês correspondentes aos processos de formação da língua portuguesa, consideramos pertinente basearmo-nos em um trabalho que reflita os processos de formação do português brasileiro. Dessa forma, consideramos adequada a classificação feita por Alves (1990) em *Neologismo: criação lexical*, que apesar de focalizar sua pesquisa em neologismos de língua comum, explica com bastante clareza e coerência os processos de formação de palavras, que trata como neologismos. Portanto, tomaremos como base o trabalho de Alves (1990), complementando-o com as reflexões de Kocourek, e de outros autores, tratando esses processos sob o ponto de vista terminológico. Os exemplos apresentados baseiam-se em unidades lexicais existentes, apontadas pelos autores citados.

Alves organiza os processos de formação em fonológicos (onomatopéia), sintáticos (derivação, composição), semânticos (metáfora, metonímia, sinédoque, entre outros), diversos (conversão, truncação, palavra-valise, reduplicação derivação regressiva) e empréstimos.

4.1.2.1. Processo Fonológico

A onomatopéia consiste na reprodução lingüística de sons e ruídos, sendo, portanto, um processo de formação cujo significante é motivado. Devemos lembrar que, muitas vezes, em virtude do emprego da mesma unidade lexical com outro sentido, pode-se perder a referência da motivação inicial. Kocourek acentua que a imitação onomatopáica pode ocorrer por meio de duplicação, por exemplo, o termo *ronron*, que imita o som de um automóvel, e que pode ser acompanhada de outros tipos de formação (derivação e empréstimos) como *zunido*, som produzido por insetos.

4.1.2.2. Processos Sintáticos

Como explica Alves, os processos de formação por derivação, composição e composição sintagmática não se restringem apenas ao âmbito lexical, mas englobam também o âmbito da frase em virtude das alterações de classe gramatical, dos componentes frásicos que constituem os sintagmas e das relações de coordenação e subordinação entre as formações por composição. Vejamos os processos:

a) Derivação

1. **prefixação:** caracteriza-se pela adição de um prefixo a uma base lexical¹². Quanto a esse processo, Alves acentua que, embora as gramáticas afirmem que a adição dos prefixos não provoca alteração na classe gramatical da palavra-base, existem exemplos em que a adição de um prefixo a uma base substantival pode fazer com que a palavra assuma função adjetival ou adverbial como, por exemplo: *coluna anti-choque*.

¹² Estamos utilizando o conceito de base lexical e forma base como definido pela norma ISO 1087 (1990, p. 7), ou seja, como uma “forma escolhida de acordo com convenções lexicográficas para representar uma palavra”(Tradução nossa).

2. **sufixação**: caracteriza-se pela adição de um sufixo a uma base lexical. A adição desse morfema, na maioria das vezes, altera a classe gramatical da base. Em terminologia, como observa Kocourek, em virtude de as classes nominais serem predominantes, são comuns as formações com sufixos nominais e adjetivais. Vejamos os exemplos: *sonoro* (adj.) → *sonoridade* (subst.), *malte* (subst.) → *maltose*, *texto* (subst.) → *textual* (adj.), *programar* (v) → *programável* (adj.). Verbos também são formados a partir de substantivos e adjetivos, por exemplo: *código* (subst.) → *codificar* (v), *fértil* (adj.) → *fertilizar* (v.).
3. **derivação parassintética**: consiste na formação de uma unidade lexical a partir da adição simultânea de um prefixo e de um sufixo. A unidade lexical *embranquecer*, por exemplo, é formada pelo prefixo *en-* e pelo sufixo *-ecer*. Podemos verificar que esses afixos não poderiam ter sido acrescentados um após o outro porque não são atestadas as formas **embranco* ou **branquecer*.

b) Composição

O processo de composição, segundo a Autora (1990, p. 41), “implica a justaposição de bases autônomas ou não-autônomas”, ou seja, é a união de unidades lexicais existentes na língua ou de radicais. A Autora explica, ainda, que o composto resultante desse processo funciona morfológica e semanticamente como um único elemento. A composição pode ser subordinativa, coordenativa ou sintagmática.

1. **composição subordinativa**: nesse tipo de composição, os componentes da unidade léxica mantêm uma relação do tipo determinante/determinado, em que o primeiro componente especifica o segundo, que possui caráter genérico; ou do tipo determinado/determinante, em que o segundo termo especifica o primeiro. As relações subordinativas podem ocorrer entre substantivos: *avião-suicida*¹³; entre uma base verbal e um substantivo: *lava-louça*; entre um substantivo e um adjetivo ou vice-versa, *pinta-preta* e *média-metragem*; entre substantivos ligados por

¹³ Exemplo extraído de Sandmann (1988, p. 123).

preposição: *copo-de-leite*, que, como aponta Kocourek, são comuns em formações populares com sentido figurado; entre um numeral e um substantivo: *hotel cinco estrelas*.

2. **composição coordenativa:** nesse tipo de composição, os componentes de mesma categorial gramatical são justapostos, formando estruturas como substantivo/substantivo, adjetivo/adjetivo. Geralmente, esses compostos exercem função adjetival. Podemos citar como exemplos: *coleção outono-inverno* (subst. + subst.) e *plano sócio-econômico* (adj. + adj.).
3. **composição entre bases não-autônomas:** nesse tipo de composição, os componentes podem ser bases não-autônomas, geralmente de origem erudita, ou a formação pode ocorrer entre uma base não autônoma e outra independente. Como acentua Alves, esses processos são comuns em vocabulários especializados. Kocourek denomina esse processo de confixação e restringe seus componentes a apenas radicais gregos (gr.) e latinos (lat.). Vejamos alguns exemplos: *lexicologia* (gr.+ gr.); *bilíngüe* (lat. + lat.); *monolíngue* (gr. + lat.). O autor destaca também a produtividade terminológica desse processo e a sua contribuição para a unificação internacional dos sistemas terminológicos.

Kocourek faz importantes observações quanto à motivação dos compostos terminológicos e quanto ao seu sentido figurado. O autor alerta que não se deve confiar na motivação do composto, “[...] pois o sentido do termo não é dado nem identificado necessariamente por sua motivação [...]”, acrescentando que “[...] a arbitrariedade dos signos sempre recai sob os termos.” (KOCOUREK, 1991, p. 134, tradução nossa). Além disso, explica que os compostos subst. + adj. e subst. + prep.+ subst. são, freqüentemente, figurados ou exocêntricos, de modo que a base do termo não corresponde ao termo genérico da definição.

4. composição sintagmática: nesse tipo de processo, os componentes de um segmento frasal mantêm uma íntima relação sintática, sob o ponto de vista morfológico e semântico, de forma a constituírem uma única unidade lexical. Diferencia-se dos compostos mencionados anteriormente pela ordem de apresentação dos integrantes da unidade sintagmática (determinado seguido de determinante), por conservarem as peculiaridades flexionais das categorias gramaticais de origem e pela ausência de recursos gráficos, como o hífen, para indicar a “unidade” semântica. Como explica Alves, o hífen reflete um sentimento de lexicalização¹⁴, de unidade.

Kocourek , que denomina esse processo de lexicalização, enfatiza a necessidade de se diferenciar sintagmas léxicos de sintagmas livres em textos especializados. Para diferenciá-los o Autor propõe alguns critérios, tais como:

- a) a existência de uma definição especializada, que relacione o termo sintagmático a um único conceito;
- b) sua posição no seio da série sinonímica e do sistema terminológico dado, de modo que se houver sinônimos com número de constituintes menor do que o sintagma estudado e lexicalizados, ele terá menos chance de ser lexicalizado;
- c) sua estrutura sintática linear e hierárquica, de forma que possa ser descrito por meio de fórmulas sintáticas que representem as categorias gramaticais dos termos integrantes. Quanto à hierarquia, geralmente nos sintagmas nominais subordinados há um termo determinado que é modificado por um ou mais termos determinantes, que, por conseguinte, podem ser determinados por outros determinantes, o que pode criar uma certa ambigüidade nas relações subordinadas estabelecidas;

¹⁴ Consideramos lexicalização a integração de um sintagma, por exemplo, à língua, que, em virtude da freqüência de uso, passa a ter um sentido determinado, que o identifica como uma unidade lexical.

- d) sua maniabilidade sintagmática, que se refere à observação de um sintagma extenso em listas, glossários e normas e de seu ajuste a textos técnicos;
- e) sua imprevisibilidade semântica, que se refere ao fato de o significado do sintagma não ser claramente ou facilmente identificado a partir do significado de seus constituintes. Esse critério está intimamente relacionado à transparência, pois um termo que não é transparente mostra um certo desacordo entre o conteúdo sugerido e o sentido real;
- f) sua recorrência atestada, ou seja, se for encontrado pelo menos uma vez em cada um dos textos selecionados para pesquisa. Esse critério está relacionado à estabilidade da forma sintagmática e com a estabilidade da significação. Entretanto, sintagmas considerados incontestáveis podem não ter a mesma ocorrência de outros considerados não-pertinentes;
- g) sua coesão sintática, que é verificada por meio de testes como: o deslocamento do determinante, a expansão do sintagma, a adição de termos dentro do sintagma, que, caso ocorra sem alterar semanticamente o sintagma, demonstra, na maioria das vezes, que se trata de um sintagma livre, pois os integrantes de um sintagma lexical possuem, geralmente, uma posição fixa e não permitem que outros termos sejam adicionados sem que haja uma quebra na unidade semântica.

Segundo o Autor, a “[...] terminologia lexical constitui um domínio por excelência do sintagma.” (KOCOUREK, 1991, p. 138, tradução nossa), sendo que as fórmulas sintagmáticas mais produtivas são: (subst. + adj.), (subst. + prep. + adj), (subst. + adj. + adj) e (subst. + adj. + prep. + subst.). Vejamos alguns exemplos: *agenda eletrônica, previdência privada aberta, processador de texto, entre outros.*

5. composição por siglas ou acronímica: Alves destaca que as siglas e os acrônimos, que são reduções do sintagma, resultam da lei de economia discursiva. Kocourek estende suas reflexões sobre o processo da siglação, muito comum em terminologia, pois sintagmas longos são comumente transformados em formas concisas. O Autor explica que as siglas são formadas a partir das letras ou grupos de letras iniciais dos componentes do sintagma, notadamente das “palavras fortes”, ou seja, aquelas com conteúdo semântico, como substantivos e adjetivos, por exemplo. O Autor comenta também sobre a relação sinonímica existente entre a sigla e o sintagma-fonte, que é explicativo e definidor, ajudando, assim, na compreensão da sigla em sua primeira ocorrência. Quanto à sua funcionalidade, as siglas são comumente utilizadas em círculos de especialistas, tendo, inclusive, caráter criptológico. As siglas também podem possuir vários homônimos, pois dependem de seus sintagmas-fonte, que podem ter, coincidentemente, a mesma inicial.

Kocourek diferencia **siglas pronunciadas**, que têm suas iniciais pronunciadas letra a letra (*OMC – Organização Mundial do Comércio*), de **siglas inteiras**, cuja pronúncia é ligada e contínua, demonstrando um caráter mais avançado de adaptação lexical (*Banerj – Banco do Estado do Rio de Janeiro*). Esse tipo de sigla é também denominado *acrônimo*.

Uma outra característica apontada por Alves é que as siglas podem dar origem a unidades lexicais derivadas como *petista*, derivado prefixal da sigla *PT (Partido dos Trabalhadores)*.

4.1.2.3. Processos Semânticos

É muito freqüente não só na língua comum, mas entre as línguas de especialidade, que uma unidade lexical sofra alterações de sentido, de modo que, a partir dela, seja criado um novo elemento. Essa ressignificação permite, por exemplo, que um termo pertencente a uma determinada linguagem de especialidade possa ser empregado em outra área do conhecimento com um sentido novo, de certa forma, ligado ao sentido do termo de origem. Segundo Arnts e Pitch (1995, p.148), a passagem de uma unidade lexical da língua comum para uma linguagem de especialidade é denominada **terminologização**. Como observa

Alves, as mudanças no conjunto de semas de uma unidade lexical podem ocorrer por meio de processos estilísticos como a metáfora, a metonímia e a sinédoque. Trataremos desses processos mais detalhadamente no capítulo VI, denominado Terminologia Figurada.

4.1.2.4. Processos Diversos

a) Conversão

Esse processo, também denominado de *derivação imprópria*, consiste na mudança gramatical de uma unidade lexical sem que haja alterações formais. Como exemplos, destacamos adjetivos e verbos substantivados como *composto* (*adj.*) → *o composto* (*subst.*) e *saber* (*v.*) → *o saber* (*subst.*). Alves explica que, num composto sintagmático formado por substantivo e adjetivo, a conversão pode permitir a elipse do substantivo, de modo que o adjetivo, determinante do sintagma, assume toda a carga semântica. Outro dado importante mencionado pela Autora é o fato de a conversão ser um fenômeno de identificação contextual, ou seja, conseguimos verificar a mudança gramatical apenas com base em um contexto.

b) Truncação e palavra-valise

Segundo Kocourek, a truncação consiste na formação de uma unidade lexical abreviada a partir de uma única palavra-fonte, que é reduzida a mais de duas letras ou fonemas. Explica, ainda, a existência de quatro tipos de truncação: aférese, síncope, haplogia e apócope. Destas, a apócope (queda da parte final da unidade lexical) é a mais freqüente, sendo comum também em compostos. Vejamos alguns exemplos: *motocicleta* → *moto*; *Europa-Ásia* → *Eurásia*. Pode ocorrer o que Kocourek chama de truncação bilateral, na qual observamos os fenômenos de apócope e aférese, como no exemplo: *aniversário* → *níver*.

Nas formações por palavra-valise, segundo Alves, há também uma redução em que ambas as bases perdem parte de seus elementos, formando uma única unidade lexical. Essa

perda ocorre pela apócope da primeira base e pela aférese da segunda, ou seja, a primeira perde sua parte final e a segunda, a parte inicial, como no exemplo: *helicóptero* + *aeroporto* → *heliporto*;

Como observa Kocourek, pode ocorrer também a *apócope múltipla*, como na formação da unidade lexical *Inforterm* (*Informação* + *Terminologia*).

c) Reduplicação

A reduplicação consiste na repetição da base por duas ou mais vezes, formando uma unidade lexical. Quando nos referimos à onomatopéia, mencionamos o exemplo *ronron*. A reduplicação, como observa Antônio J. Sandmann (1988, p. 154), também pode indicar a intensificação do conteúdo da base, como no exemplo *oba-oba* (*oba* denota alegria e seu sentido é intensificado pela repetição da base, significando alegria exagerada). Em terminologia, no entanto, esse tipo de formação não é muito freqüente.

d) Derivação regressiva

Esse processo consiste, segundo Alves, na supressão de um elemento considerado de caráter sufixal. Destaca que, em português, a maioria dos casos de derivação regressiva refere-se à formação de substantivos deverbais, cujo verbo de origem perde a desinência infinitiva e à base é adicionada uma vogal temática nominal, que pode ser *-a*, *-e* ou *-o*. Vejamos um exemplo: *combater* → *combate*. Kocourek (1991, p. 108) cita como exemplo de derivação regressiva o processo que deu origem à unidade lexical *terminólogo* a partir de *terminologia*.

e) Empréstimos

Com observa Nelly Carvalho (1989, p. 42), “o empréstimo tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”. Com a rapidez dos meios de comunicação atuais e com a globalização, ficou cada vez mais fácil o contato entre línguas e culturas diversas. Esse

contato é, muitas vezes, refletido na terminologia, que, justamente, é responsável pela transmissão de conhecimento especializado, ou seja, dos conceitos ligados à respectiva denominação na língua de origem. Alves (1990, p. 73) considera que “os contatos entre línguas constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua”.

Segundo Carvalho (1989, p. 73), a introdução de um estrangeirismo possui quatro fases:

- a) **palavra estrangeira**: pertencente à língua exportadora;
- b) **estrangeirismo**: utilizado na língua importadora. Ex: *scanner*;
- c) **empréstimo**: unidade que sofre adaptação de qualquer tipo. Ex: uísque;
- d) **xenismo**: unidade que não sofreu qualquer adaptação pela língua importadora. Ex: show.

Os estrangeirismos podem adaptar-se fonética, gráfica, morfológica ou semanticamente. No primeiro caso, a adaptação é feita ao sistema fonético da língua pelo próprio falante. A adaptação também pode ser feita ortograficamente, mas, como observa Alves, as formas adaptadas podem concorrer com o estrangeirismo. A partir de sua adaptação morfológica, a unidade lexical passa a formar outras unidades por meio de processos como a derivação e a composição. Alves também chama a atenção para a adaptação semântica, que pode levar a unidade emprestada, inicialmente monossêmica, a ganhar outros sentidos pela frequência de uso.

Outra forma de adaptar o estrangeirismo ocorre por meio do decalque, que segundo Alves (1990, p. 79) é a “[...] versão literal do item léxico estrangeiro”. Kocourek (1991, p. 156, tradução nossa) vai mais longe e explica que esse processo inclui também a “[...] imitação autóctone do tipo de formação ou da motivação da unidade de origem”, o que nos parece coerente, visto que, muitas vezes, não é possível traduzir o estrangeirismo literalmente. Segundo o Autor, o decalque é um dos procedimentos neológicos mais eficazes, contribuindo muito para a harmonização lingüística internacional.

4.2. O Conceito

Como já discutimos anteriormente, o objeto de estudo da terminologia são os termos, símbolos que representam conceitos. Explicamos também que a terminologia de uma área de especialidade reflete o campo conceitual dessa área, pois os conceitos, por meio das definições, carregam o conteúdo da área de conhecimento a que se referem. Dessa forma, o estudo dos conceitos, bem como das relações que mantêm entre si, é essencial para o trabalho terminológico.

A norma ISO 1087 define conceito como:

3.1. concept: A unit of thought constituted through abstraction on the basis of properties common to a set of objects.

Note: Concepts are not bound to particular languages. They are, however, influenced by the social or cultural background. (ISO 1087, 1990, p. 1)

Essa definição descreve o conceito como o resultado da abstração das propriedades comuns a grupos de objetos. Há ainda a preocupação de se enfatizar que os conceitos, apesar de não estarem ligados a línguas particulares, sofrem influência de fatores sociais e culturais. Na realidade, como o conceito é resultado da percepção e abstração humanas, processos que dependem da visão de mundo e interpretação do homem, um mesmo objeto pode ser conceitualizado de forma diferente por indivíduos de culturas diversas.

Essa definição pode ser complementada pela abordagem de Cabré (1993, p. 196), que define conceito como uma “[...] unidad del plano del contenido integrada por un conjunto sistemático de características de distinto tipo”. Considera, ainda, características do conceito, como estabelecido na norma ISO 1087, cada uma das propriedades que descrevem o conceito. Com base nessa perspectiva, a Autora explica que os conceitos se diferenciam entre si porque possuem características diferentes.

Ainda, conforme a Autora, as características podem ser classificadas de acordo com os seguintes critérios:

- a) segundo a relevância para a formação do conceito. Nesse caso, elas podem ser **essenciais** (indispensáveis para delimitar o conceito) ou **complementares** (não-relevantes para sua descrição), lembrando que a atribuição dessas características varia de acordo com a área de especialidade e com os objetivos do trabalho terminológico;
- b) segundo a relação mantida com o objeto que o conceito descreve. Sob essa perspectiva, podem ser **intrínsecas** (aquelas ligadas à sua descrição como representante de uma classe como cor, medida etc) ou **extrínsecas** (aquelas externas à sua definição como classe, ou seja, função, origem, destino etc).

Cabré destaca, ainda, que nem sempre as características essenciais correspondem às intrínsecas e as complementares às extrínsecas, pois a relação entre elas depende dos critérios de classificação adotados.

4.2.1. Relação entre Conceitos

Os conceitos não são unidades isoladas do pensamento, como também não são os objetos que eles representam, principalmente quando aqueles pertencem à mesma área especializada do conhecimento. Como explica Sager (1990, p. 29), “part of the process of forming concepts lies in the selection of particular relationships between characteristics of concepts and therefore indirectly also between concepts and even objects”, ou seja, as relações podem ocorrer em virtude da natureza do próprio conceito, por meio de suas características, ou das conexões entre os objetos do mundo real ou externo que eles representam.

Conseqüentemente, os termos também se relacionam com os demais termos que fazem parte de um mesmo campo especializado, constituindo um campo conceitual, um conjunto de conceitos estruturados em subconjuntos, que, por sua vez, são também subdivididos em outros grupos de conceitos mais específicos. Esses grupos e subgrupos são estruturados com base nas relações entre os conceitos, que, segundo Cabré (1993, p. 201),

autora na qual nos baseamos para explicarmos essas relações, podem ser de dois tipos: *lógicas* e *ontológicas*.

a) Relações lógicas

As relações lógicas entre conceitos baseiam-se na semelhança existente entre eles, ou seja, o fato de possuírem uma ou mais características em comum. Essa semelhança pode ser manifestada na comparação ou na combinação de conceitos.

Quando se comparam conceitos pode haver inter-relações de dois tipos:

1. entre um conceito genérico e outro específico, em que o segundo possui todas as características do primeiro e um ou mais traços específicos que o diferenciam. Esse tipo de relação, hiponímia lógica, revela uma hierarquia entre conceitos, de modo que o conceito genérico é denominado **hiperônimo** e os conceitos específicos que dele derivam, **hipônimos**. Ex.: *esporte* (hiperônimo) - *capoeira* (hipônimo)
2. entre conceitos específicos derivados de um mesmo conceito genérico, em que ambos compartilham as mesmas características do conceito genérico, mas se diferenciam por traços específicos, caracterizando uma coordenação lógica entre conceitos, que passam a ser **co-hipônimos**. Ex.: *capoeira* – *judô* (co-hipônimos)

Os conceitos também podem ser produto da combinação de conceitos simples. Nesse caso, os conceitos complexos são constituídos pela combinação dos conjuntos de características que descrevem cada um dos conceitos simples. Há três tipos de casos de combinação, os quais são baseados em transferência de significado:

1. **determinação**: o conceito resultante é uma espécie de um dos conceitos de partida. Ex: *tênis de mesa*;

2. **conjunção**: o conceito resultante é uma espécie comum aos dois conceitos de partida. Ex: *calça-pantalona*;
3. **disjunção**: o conceito resultante é caracterizado por traços diferenciadores das noções de partida. Ex.: *africano* → *brasileiro*: *afro-brasileiro*.

b) Relações ontológicas

A ontologia estuda os objetos da realidade, como se ordenam e as relações que estabelecem entre si. Como dissemos anteriormente, os conceitos mantêm relações com os objetos que os representam e essas relações, que se baseiam na proximidade situacional dos elementos da realidade, são denominadas ontológicas e podem ser de dois tipos:

1. **relação de coordenação** (parte-todo): descrevem as relações que se estabelecem entre o todo e suas partes e entre as várias partes de um mesmo todo com base na contigüidade dos objetos no espaço. Ex: *palma - mão*;
2. **relação de encadeamento** (causa-efeito): baseia-se na sucessão dos objetos no tempo, sendo, portanto, seqüenciais. Ex: *ataque-defesa*.

Com base nos comentários sobre processos de formação de termos e relação entre conceitos, podemos verificar que os processos de formação de termos refletem, de modo geral, as relações entre conceitos, embora nem sempre isso aconteça. Essa correspondência é o que Kocourek chama de motivação, como apontamos anteriormente.

4.2.2. Definição

Os conceitos, como já expusemos anteriormente, são unidades abstratas de conhecimento. Essas unidades podem ser materializadas por meio de imagens ou de recursos lingüísticos, ou seja, definições. As definições, portanto, têm importância fundamental no trabalho terminológico, visto que a partir delas podemos ter acesso ao

conceito a que se refere o termo em estudo. Vejamos como a norma ISO 1087 (1990, p. 4) trata o termo *definição*: “**4.1. definition**: Statement which describes a concept and permits its differentiation from other concepts within a system of concepts” .

A definição estabelecida pela norma ISO 1087 mostra que a delimitação do conceito deve ser feita em relação aos outros conceitos e em relação ao sistema de conceitos ao qual se refere, ou seja, em relação à área de conhecimento a que corresponde esse sistema. Essa definição determina, portanto, o âmbito da **definição terminológica**, que deve ser restrito ao sistema de conceitos da área de conhecimento analisada. A norma ISO 1087 prescreve dois tipos de definição: por compreensão e por extensão.

A **definição por compreensão** é constituída por um conceito genérico, que já foi definido ou que é de conhecimento geral, e pelas características específicas que delimitam o conceito a ser definido. Essa definição também é chamada de analítica ou aristotélica.

Para facilitar a disposição de informações, podemos representá-las com o seguinte esquema:

Definição por compreensão: conceito (termo) genérico + características específicas

A **definição por extensão**, por sua vez, baseia-se na enumeração exaustiva dos objetos referidos pelo conceito ou dos conceitos específicos que lhe são imediatamente subordinados, ou seja, seus hipônimos:

Definição por extensão: objeto 1 + obj. 2 + obj. 3 +..... obj. n
hipônimo 1+ hip. 2 + hip. 3 +..... hip. n

Segundo Sager (1990, p. 42-3), além da definição analítica reconhecida pela teoria terminológica, há outros métodos de definição que podem ser utilizados de acordo com a natureza do conceito definido e com o objetivo específico da definição. A seguir, apresentamos os tipos de definição que são utilizados tanto em lexicografia como em terminologia:

a) Definição por análise (*genus et differentia*):

gingivite = inflamação das gengivas

b) Definição por sinônimos:

margarida = bellis perennis

c) Definição por paráfrase:

flutuação = ação de fazer algo flutuar

d) Definição por síntese (pela identificação de relações, pela descrição):

matatarsalgia = condição neurálgica dolorosa do pé, sentida na articulação do metatarso e que se espalha ao longo da perna.

e) Definição por implicação (pelo uso de uma palavra num contexto explicativo):

diagnóstico = faz-se um diagnóstico quando identificamos certos sintomas como característicos de condições específicas.

f) Definição por denotação (pela listagem de exemplos, por extensão):

oceano: o Atlântico, o Pacífico e o Índico são oceanos.

g) Definição por demonstração (definição ostensiva):

Exemplos: figuras, desenhos, apontar para um objeto ('Este é um viaduto'), referência situacional (Este diagrama)

Essas definições podem ser, ainda, mistas:

- por análise e descrição;
- por sinônimo e descrição;
- por sinônimo e análise.

Como podemos observar, os dois principais tipos de definição estabelecidos pela norma ISO 1087 estão incluídos na tipologia de Sager sob as denominações de *definição por análise* e *definição por denotação*, que se referem à *definição por compreensão* e por *extensão*, respectivamente. A tipologia de Sager parece-nos adequada, pois permite que o terminógrafo tenha uma referência para adaptar as definições às exigências do trabalho que desenvolve.

Béjoint (1997, p. 22) observa que um termo pode ser definido de várias formas, de acordo com o usuário ao qual o trabalho é destinado, de modo que se dê ao usuário da definição os elementos úteis e necessários para a compreensão em um dado contexto, pois considera que, além de relacionar as características mais ou menos centrais, a definição terminológica deve ser uma descrição funcional do conceito, o que a diferenciaria de uma definição lexicográfica. Muitas vezes, essas informações úteis ao usuário são de caráter enciclopédico. Bessé (1988, p. 254) explica que o ponto de partida do trabalho terminológico, assim como o do trabalho enciclopédico, é extralingüístico e que a descrição terminográfica pode ser considerada de certo modo enciclopédica, pois, em certa medida, prioriza as informações referentes à coisa. Como explicamos no item 4.2 sobre conceito, a relação entre o conceito e o objeto a que ele se refere implica, muitas vezes, informações ligadas à origem, à história do objeto ou de sua criação, que podem ser essenciais para constituir uma definição. Sob esse aspecto Alves (1996, p. 129), no artigo “Definição Terminológica: da teoria à prática”, salienta a necessidade de se introduzir elementos de natureza enciclopédica na definição do termo *Inteligência Artificial*.

Como destaca Béjoint (1997, p. 22), a definição terminológica pretende ser precisa e exhaustiva. No entanto, Sager (1990, p. 45) explica que a definição é apenas parte de uma especificação semântica, podendo ser complementada por outros dados como a classificação temática, a relação com outros termos, o contexto e as notas de uso. Dessa forma, a definição não precisa ser exhaustiva, pois tem o suporte de outros tipos de informação. Como apontam Arntz e Pitch (1995, p. 96), a definição conta com meios auxiliares como desenhos, ilustrações e exemplos, que não a substituem, mas contribuem para a compreensão, visto que há certos conceitos que são melhor representados graficamente do que verbalmente. Além desses recursos, mencionam ainda os símbolos e

formas, que, dependendo do grupo de usuários especialistas a que se destina o trabalho, podem ser considerados verdadeiras definições.

Descrevemos, até aqui, algumas características das definições terminológicas, que também seguem princípios de elaboração.

4.2.2.1. Princípios de Elaboração de Definições

As definições terminológicas não devem ser elaboradas de forma aleatória, ou seja, devem seguir algumas convenções que lhes imprimam uma certa sistematicidade, que, no entanto, variam de acordo com o trabalho terminológico, como as necessidades de informação do usuário, as características específicas da área de conhecimento analisada etc. Em nossa pesquisa, verificamos que os manuais de terminologia apresentam algumas convenções que, na maioria das vezes, se complementam. Cabré (1993, p. 208-213) relaciona uma série bastante extensa de convenções a serem seguidas pelo terminólogo. No entanto, essas convenções nem sempre podem ser aplicadas ou, então, possuem algumas restrições de acordo com as variantes que mencionamos anteriormente. Portanto, procuramos sintetizar as convenções apontadas por Cabré (1993, p. 208-213) e complementá-las com informações coletadas em Arnts e Pitch (1995, p. 96-102), Felber (1987, p. 139-40) e Alves (1996, p. 125-136), comentando a pertinência da aplicação dessas convenções no trabalho prático.

1. A definição deve situar-se na perspectiva do campo conceitual a que pertence o conceito;
2. A definição deve apresentar as características essenciais do conceito, de modo a distingui-lo dos demais conceitos pertencentes à mesma área de especialidade. Em alguns casos, mesmo as características não consideradas essenciais devem ser incluídas para promover a descrição completa do conceito;

3. A definição deve ser adequada ao tipo de usuário e ao nível de abstração que se propõe, levando em consideração as necessidades específicas da área de conhecimento em análise;
4. A definição deve ser constituída por palavras conhecidas pelo usuário em geral e, caso haja termos específicos, estes devem ser definidos no trabalho;
5. O termo inicial da definição deve pertencer à mesma categoria gramatical do item definido e estar em relação de inclusão semântica com ele;
6. A definição deve, de modo geral, ser concisa e constituída por uma frase. Essa convenção, no entanto, nem sempre pode ser cumprida, pois, dependendo da característica do termo definido, da área de especialidade e das necessidades do usuário, pode comportar vários períodos sintáticos;
7. A definição deve ser atualizada periodicamente, pois alterações no conceito levam a alterações nas definições, como observam Arntz e Pitch.
8. A definição não deve compreender o termo definido. Entretanto, como salienta Alves, na definição de sintagmas o termo genérico é, na maioria das vezes, o termo determinado do sintagma, o qual deve ser definido no trabalho;
9. A definição não deve ser circular, ou seja, não devemos definir um termo utilizando outro termo cuja definição tem o auxílio do primeiro;
10. A definição não deve ser constituída por estruturas negativas, exceto quando o conceito for em si negativo;
11. A redundância deve ser evitada, pois não é necessário enunciar as características implícitas dos conceitos utilizados nas definições;

12. As paráfrases desnecessárias, comuns na definição de termos transparentes, devem ser evitadas. Esses tipos de termos, segundo Sager, dispensam definição;
13. As formas metalingüísticas como “palavra que significa”, “termo que designa” devem ser evitadas no início de definições, pois são redundantes em uma obra de referência;
14. As definições de um trabalho terminográfico devem seguir uma estrutura lexical e sintática uniforme. Quanto a esse aspecto, Felber explica que as características análogas do conceito devem ser expressas na definição com os mesmos recursos lexicais e com construções sintáticas do mesmo tipo.

Neste trabalho, optamos pela definição por análise e descrição e buscaremos cumprir essas convenções, adaptando-as de acordo com a necessidade dos usuários e com as características da terminologia da capoeira, utilizando inclusive meios extralingüísticos, como ilustrações, para auxiliar a compreensão das definições quando necessário.

4.3. Relações entre Denominação e Conceito: teoria x prática

Neste item, trataremos da sinonímia, homonímia e polissemia, relações que se estabelecem entre denominação e conceito, consideradas comuns na língua geral, mas que, em alguns casos, tornam-se problemáticas quando ocorrem nas linguagens de especialidade.

Em nosso trabalho, verificamos algumas dessas relações, que especificaremos no **Glossário** e no capítulo V. Portanto, consideramos importante delimitarmos o que entendemos como termos sinônimos, homônimos e polissêmicos.

Ao descrevermos a Teoria Geral da Terminologia, verificamos que um de seus princípios essenciais é o caráter biunívoco entre termo e conceito, ou seja, um termo deve corresponder a apenas um conceito e vice-versa. Tomando-se essa concepção, não se poderiam estabelecer, entre termos e conceitos, relações como a sinonímia, a homonímia

ou a polissemia, pois elas revelam que um termo pode relacionar-se a mais de um conceito e vice-versa. Entretanto, essa visão idealizadora de Wüster, que visava promover uma comunicação transparente, livre de ambigüidades, não corresponde à realidade da comunicação nas diferentes áreas do conhecimento.

4.3.1. Sinonímia

O conceito de sinonímia pode ser considerado, de modo geral, como uma relação entre termos que designam o mesmo conceito, ou pode ser tomado de forma mais restrita, como estabelece a definição ISO 1087 (1990, p. 5): “**5.4.3. Synonymy**: Relation between designations representing only one concept in one language”.

A sinonímia acontece, portanto, quando dois ou mais termos referem-se a um mesmo conceito numa mesma língua; ou seja, quando nos referimos a denominações equivalentes, em línguas diferentes, não podemos dizer que esses termos são sinônimos. Como nosso trabalho é monolíngüe, a definição apresentada na citada norma é suficiente para classificarmos as relações sinonímicas observadas.

A norma ISO 1087 registra também a existência de *quase-sinônimos*, termos que seriam intercambiáveis em apenas alguns contextos. Como essa especificação é restrita ao uso em contextos, não nos parece adequado mencionar em nosso **Glossário** a ocorrência de tais quase-sinônimos. Entretanto, devemos notar que há ocorrência destes em contextos extralingüísticos, como apresentamos no capítulo V. Nos casos em que registramos um termo sinônimo de outro, buscamos indicar, quando necessário, o estilo de capoeira que o emprega ou mesmo a região em que é utilizado.

As relações sinonímicas podem ser de diferente natureza, como explica Cabré (1993, p. 126-8), ao apresentar os seguintes casos:

- a) entre unidades semanticamente equivalentes, como a relação que siglas, abreviaturas e formas abreviadas mantêm com a forma desenvolvida;
- b) entre dialetos e registros diferentes, ou seja, entre uma denominação científica e sua forma popular ou entre uma denominação-padrão e sua forma dialetal;

- c) entre um símbolo, utilizado, por exemplo, em uma nomenclatura, e termos;
- d) entre variantes de um mesmo termo.

Quanto às variantes, consideramos pertinente apresentarmos os exemplos mencionados pela autora, para que possamos explicar o que a ela considera variante.

hierba = yerba

champaña = champán

puercoespín = puerco espín

tecla de borrar = tecla de suprimir

Analisando os exemplos, podemos observar que Cabré (1993) considera variantes alterações gráficas, morfológicas e também a substituição de um dos componentes do sintagma por um termo sinônimo. Em nosso **Glossário**, consideramos como variantes essas mesmas modificações, incluindo, ainda, o apagamento de um dos componentes do sintagma, como, por exemplo: *meia lua de frente* e *meia-lua*.

Quanto à existência de sinônimos, Cabré (1993, p. 218) enfatiza que a tendência da terminologia de reduzir a diversidade denominativa pode ser explicada pela busca de uma maior univocidade na comunicação entre especialistas, uma condição, segundo a Autora, inevitável. Sager (1990, p. 58) acentua, por sua vez, que a teoria terminológica moderna aceita tanto a ocorrência de sinônimos como de variantes e rejeita a atitude estritamente prescritiva da monossemia do termo. Entretanto, ao detalhar melhor a questão, destaca a necessidade de se indicar o nome considerado como regular ou adequado para servir de referência para as variantes ou de se definir o contexto no qual o paradigma regular do termo ocorre.

Quando explicamos a metodologia utilizada para a elaboração do **Glossário**, expomos que havíamos desistido de abordar as variações dos movimentos, o que iria resultar em diversas variantes regionais ou entre grupos de capoeira. Mesmo restringindo o *corpus*, observamos alguns sinônimos e variantes. Como aconselhado por Sager (1990),

nos casos de sinônimos, indicaremos e definiremos apenas a forma mais comum, apresentando o sinônimo menos freqüente em outro verbete. No caso das variantes, as indicaremos no mesmo verbete do termo.

4.3.2. Polissemia e Homonímia

Consideramos bastante complexo tratar separadamente das relações entre a polissemia e a homonímia, pois a fronteira entre ambas nem sempre é fácil de delimitar, como explicam Arntz e Pitch (1995, p. 165):

Determinar si se trata de homonimia o de polisemia depende en definitiva de los hablantes y de cómo éstos interpreten y comprendan formas idénticas de una lengua. La homonimia comienza allí donde los hablantes ya no están en situación de reconocer relación alguna entre los diferentes significados de una palabra.

Se entre os falantes da língua existem dificuldades de se estabelecer quando um termo é polissêmico ou homônimo, Alves (2000, p. 262-272) destaca que as definições de polissemia e homonímia também variam muito entre os teóricos da terminologia, pois alguns tratam dessas relações utilizando a mesma abordagem da língua geral e outros consideram-na sob uma ótica mais restrita e aplicada à terminologia.

Exemplos do primeiro caso são as definições apresentadas pela norma ISO 1087 (1990, p. 5):

5.4.4 polysemy: Relation between several concepts sharing certain characteristics and their common designation.

5.4.5. homonymy: Relation between designations and concepts in which identical designations represent different concepts.

A polissemia, nesse caso, é entendida como uma relação entre conceitos que compartilham certas características e que possuem uma designação comum, ou seja, um mesmo termo corresponderia a conceitos muito próximos, relacionados ao conceito original. A homonímia, por sua vez, é considerada uma relação entre termos e conceitos, na

qual denominações idênticas representariam conceitos diferentes, o que significa que os conceitos não apresentam traços comuns e que os termos, diferentemente da polissemia, são tratados como entidades diferentes. Felber (1987, p. 152-153) também compartilha dessa visão e subdivide os termos homônimos em três tipos: homófonos (mesma forma fônica), homógrafos (mesma grafia) e homônimos completos (mesma grafia e pronúncia).

Entretanto, há outros estudiosos, como Cabré (1993, p. 214-9) e Sager (1990, p. 59), que consideram essas relações tendo como referência as áreas temáticas. Sob essa perspectiva, “[...] um termo de um campo de especialidade, extraído por analogia de outro campo, é considerado homônimo do primeiro.”(CABRÉ, 1993, p. 218). Portanto, como observa a Autora, a unidade, que seria polissêmica em lexicologia, tornar-se-á um termo em relação de homonímia com as outras unidades terminológicas de formas idênticas e pertencentes a outra linguagem de especialidade.

Mesmo delimitando-se o conceito de homonímia e evitando-se, dessa forma, que se processem relações polissêmicas, Alves (2000, p. 267) demonstra que as linguagens de especialidade também estabelecem relações desse último tipo, dando o exemplo do próprio termo *terminologia*, que designa a disciplina, a metodologia e o conjunto de termos. Segundo a Autora, a polissemia em linguagens de especialidade ocorre em virtude da frequência de emprego de um mesmo termo, de sua transparência (o que poderia ser um termo transparente, oriundo de uma formação morfológica, pode adquirir caráter polissêmico, caso o sufixo utilizado seja ambíguo, como *-dor*), ou de sua especialização.

Com relação ao **Glossário**, estabelecemos que os termos que mantiverem relações consideradas polissêmicas (quando um termo se referir a diferentes conceitos que mantenham certas características em comum no âmbito da capoeira) serão tratados em verbetes diferentes, com a indicação da variedade de capoeira em que são empregados, visando a uma melhor organização para consulta.

III. CAPOEIRA: HISTÓRICO

1. Luta, Jogo ou Dança?

Como nosso trabalho se destina a elencar, definir e estudar os termos referentes aos movimentos e golpes da capoeira, nosso primeiro passo será defini-la e entendê-la.

A capoeira pode ser definida sob diversos pontos de vista, dependendo de sua utilização por seus participantes, ora como jogo, ora como luta; e de sua história e evolução, levando-se em conta os olhos da sociedade que a descreveu.

Antes de sua prática ser liberada pelo governo, na década de 30, e de tornar-se um esporte, na década de 70, a capoeira contava com pouco material especializado, representado apenas por manuais escritos por militares, muitas vezes anônimos, ou por artigos de jornalistas ligados a ela. Entretanto, a capoeira, além de ser uma prática esportiva, tem um histórico intimamente ligado à formação do povo brasileiro, à sua cultura e às influências da escravidão negra no Brasil. Por isso, a capoeira é, antes de tudo, um fenômeno cultural.

Desse modo, precisamos recorrer à história do Brasil colonial e imperial, no que diz respeito à capoeira, e, especificamente, à polêmica gerada em torno de sua etimologia e sua evolução, principalmente do século XIX para os dias atuais. A história do Brasil, da capoeira e de sua etimologia se confundem, de tal modo que é muito difícil falar de uma coisa sem mencionar outra.

Discutiremos a definição do que é a capoeira, se é luta, jogo ou dança, à medida que formos desvendando sua história, e, por consequência, sua etimologia.

1.1. Origens

A origem da capoeira é muito controversa, pois não sabemos com exatidão quando e onde ela surgiu. Seria uma manifestação corporal africana ou brasileira?

Câmara Cascudo (1967, p. 179-89), em *Folclore do Brasil*, defende que a capoeira teria suas raízes formadoras em Angola, sendo decorrente de um cerimonial de iniciação denominado *Efundula*, realizado entre os Mucopes do sul desse país. Esse cerimonial faz parte da festa da puberdade das meninas que passam à condição de mulheres, ficando aptas a casar-se e a procriar. Os rapazes disputam as moças lutando o *n'golo*, também chamado *dança da zebra*. O vencedor do combate tem o direito de

escolher uma esposa entre as iniciadas, sem pagar o dote. O *n'golo* é um torneio constituído de três fases. A primeira é a *Liveta*, luta de mão aberta, que, em certos momentos, lembra as *negaças*¹ da capoeira e tem caráter eliminatório. A segunda é a *C'hankula*, uma dança em que os velhos descrevem o comportamento de seus touros prediletos, fazendo com os braços a forma da cornadura daqueles. A terceira é a luta propriamente dita, o *n'golo*, de Benguela, também chamado *bássula* em Luanda, ao som do *urucungo*, o berimbau, *hungu* ou *m'bolumbumba*, instrumento pastoril. Nesse embate, os contendores utilizam basicamente as pernas e os pés.

Segundo Cascudo, além dos Mucopes, Mulondos, Muxilengues e Munhumbés, povos com uma vida pastoril e uma agricultura de apoio, praticavam o *n'golo* os pescadores e marinheiros de Luanda. Explica também que os Muxilengues, vivendo na cidade, sem seus rebanhos, tornavam-se bandidos, usando o *n'golo* como arma.

Com base nos desenhos e narrações de Neves e Souza, Cascudo acredita que a capoeira teria nascido na África, mais precisamente em Angola. Sob essa perspectiva, o *n'golo* seria, então, uma forma primitiva de capoeira, na qual os lutadores usariam basicamente os pés. Essa tese, que Wanderloir Rego (1968) enxerga com cautela, não é totalmente arbitrária, pois sabemos, em primeiro lugar, que a capoeira que conhecemos hoje, mesmo tendo se desenvolvido no Brasil, tem sua origem entre os povos negros da África, que eram aqueles que a praticavam. A hipótese da origem afro-angolana dessa luta nacional pode explicar um dos possíveis caminhos que deram início ao que conhecemos hoje como capoeira, mas esse fato é polêmico. Acredita-se, também, que os escravos que conseguiam sua alforria ou eram deportados e voltavam para a África tenham levado a capoeira desenvolvida no Brasil para lá, visto que as fotos de Neves e Souza datam do século XX. Outra hipótese é a de que o *n'golo* poderia, então, ter sofrido a influência da capoeira importada do Brasil.

Por outro lado, em viagem a Angola em 1966, Mestre Pastinha e sua delegação, formada por vários capoeiristas, entre eles Mestre Jesus², que tivemos a oportunidade de entrevistar, não encontraram nada que fosse parecido com a capoeira brasileira, fato confirmado pelo mestre entrevistado. Mesmo assim, é complicado afirmarmos a não-existência de qualquer luta que se assemelhe à capoeira, pois seria necessário um estudo profundo da cultura africana e de suas manifestações, um desafio, visto que a maioria

¹ Termo definido no **Glossário**

² Entrevista realizada em 13.01.2002, em Salvador, Bahia.

das tribos africanas não deixou registros escritos de sua história e de seus costumes. Além disso, várias delas foram dissolvidas no período do tráfico de negros e da escravidão.

Quanto às informações sobre o período escravocrata brasileiro, Gilberto Freyre (1943) explica que o tráfico de negros para o Brasil iniciou-se em princípios do século XVI e estendeu-se até meados do século XIX. Os navios negreiros aportavam nos mais importantes centros comerciais brasileiros da época: Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís, cidades em que observamos a existência e a prática da capoeira. Entretanto, foi em Salvador, capital do Brasil-Colônia, e no Rio de Janeiro, capital do Brasil-Império e Brasil-República, que a capoeira se desenvolveu com maior força.

Com base em estudos realizados por Nina Rodrigues, Freyre argumenta que o Brasil recebeu negros de várias regiões e tribos africanas, entre eles os Ardas, que eram gêges ou maometanos do antigo reino da Ardia, os Minas, que eram da nação nagô e os Angolas, da nação bantu. Entre as regiões africanas destaca, de modo geral: Guiné, Serra Leoa, Cabo Verde, Congo, Gabão, Benguela, Cabinda e Moçambique. Os principais centros de origem dos negros, no entanto, eram Angola e Congo. Renato Mendonça (1973) acentua que os negros brasileiros poderiam ser divididos em dois grandes grupos: bantos e sudaneses. Os bantus teriam se concentrado no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas, em Pernambuco e no Maranhão e os sudaneses na Bahia.

A diversidade de grupos de negros enviados ao Brasil também pode ser percebida pela variedade de línguas faladas por esses grupos, entre as quais se destacam a bantu, a quimbunda ou congoense, a haussá, a gêge e a nagô ou iorubá. Esta última era a mais falada entre os negros da Bahia e observada no culto gêge-nagô do candomblé.

Rugendas (1972), por sua vez, destaca os negros de Angola, Congo, Rebôlo, Angico, Mina, da Costa Ocidental da África, Moçambique e da Costa Oriental como aqueles mais importados para o Brasil.

Com toda essa diversidade de nações negras, é difícil precisarmos qual delas tenha trazido o embrião que deu origem à capoeira. Os negros de Angola foram trazidos em maior número, e a maioria das cantigas de capoeira evoca a capital desse país, Luanda. Entretanto, muitos dos negros vindos de Angola eram, na verdade, de outras regiões, que se encontravam no porto central, na cidade de Luanda.

De qualquer modo, como não podemos precisar se suas raízes africanas, que dificilmente podemos refutar, estão ou não diretamente ligadas ao *n'golo* ou *bássula*, ou

qualquer outra luta africana, e como não encontramos uma luta semelhante à capoeira em outras partes do mundo, podemos dizer que ela se desenvolveu em solo brasileiro, talvez como um misto de várias outras lutas, lembrando-se que o Brasil é um país multirracial e multicultural, onde se encontravam e se encontram indivíduos de vários povos. A navalha, por exemplo, muito utilizada na capoeira carioca, foi um legado dos portugueses.

Acredita-se que a capoeira teria se desenvolvido nas senzalas, onde o negro se exercitaria para ganhar a liberdade e fugir para o meio do mato, nas capoeiras, o que explicaria o nome da luta que utilizariam para se defender dos capitães-do-mato, explicação mais comum e aceita pelos mestres de capoeira, como Bimba, que defende essa origem em seu depoimento, registrado no CD *Curso de Capoeira Regional*. Há, ainda, a hipótese de que, para que os senhores não percebessem que os escravos se exercitavam, a luta seria disfarçada de dança, com acompanhamento musical. Quanto à parte instrumental, observamos que não havia tal acompanhamento na capoeira carioca e que apenas no início do século XX é que o berimbau seria introduzido na capoeira baiana. Entretanto, essas são apenas suposições que, por falta de registros escritos, não podemos comprovar.

1.2. O Vocábulo Capoeira

Tão polêmica quanto a discussão sobre a origem da capoeira é a etimologia do vocábulo. Não se sabe ao certo se o vocábulo, existente e registrado nos dicionários de língua portuguesa desde Raphael Bluteau (1712), tem origem portuguesa, indígena ou banta, pois sua etimologia está estreitamente ligada ao seu desenvolvimento e prática no Brasil.

Vejamos, portanto, as acepções constantes em Bluteau (1712, v. 2) para o vocábulo *capoeira* e *capoeiro*:

CAPOEIRA. Gayola de gallinhas. Cavea gallinacea, e Fem Cavea, he de Cicer.

Capoeira. (Termo da fortificação) Efpécie de cefto muito grande, redondo, & fem fundo, feito de ramos entrefachados, & que fe enche de terra bem batida & fe poem em pe, para cobrir, os que fe defendem. Terrâ farta corbis, is. Fem. Os que nefte fentido uão de Corbita, fe enganão O.P.D. Jeronimo

Vital, no *feu*, *Lexicon Mathematico*, impreffo em Roma, 1690, chama *eftas* Capoeiras Arcearum. Fem. Plur Arce - (...) *Eftas* Capoeiras *fe* fazem tambem nos angulos das côtra-*fcarpa*. Luís Serraõ Pim, no *Methodo Lufit*. r. 87.

CAPOEIRO. Ladrão capoeiro. Que furta galinhas na capoeira.

Em Bluteau, apesar de identificarmos a existência do vocábulo capoeira, não encontramos nenhuma menção à luta ou jogo praticado no Brasil. A principal acepção descreve *capoeira* como um cesto onde se colocam galinhas e *capoeiro*, como o ladrão de galinhas.

Vieira (1873, v. 2) complementa as definições de Bluteau, acrescentando outras acepções que o vocábulo adquiriu com o passar do tempo e dando explicações morfológicas sobre ele:

CAPOÉIRA, sf. (De capão, com o suffixo “eira”; propriamente, gaiola grande para capões). Espécie de gaiola de grandes dimensões, de varas, táboas ou grades, em que se mettem capões, galinhas e outras aves domésticas.

- Termo de Fortificação. Espécie de cesto muito grande, redondo e sem fundo, feito de ramos entresachados, e que cheio de terra bem batida, serve para cobrir os que se defendem - Bluteau. - “Estas capoeiras se fazem também nos angulos da contra-escarpa”. Luiz Serrão Pimentel, *Methodo Lusitanos*, p. 187. Cova de quatro até cinco pés de alto, cercada de parapeito de dous pés, que, se cobre por cima com pranchadas cobertas de grossa camada de terra, e em cujos lados se abrem setteiras ou canhoneiras.

- Mata talhadaça, que se roça ou corta para lenhas, lavouras na terra, etc. - Capoeira de fouce, de machado, a de arbustos duros, que se cedem a fouce e machado.

-Termo do Brazil. Negro que vive no mato e accomete os passageiros á faca.

Vieira faz clara referência aos capões, galos capados, que, por associação metonímica, teriam dado origem ao nome do cesto em que eram colocados. Refere-se também, em uma das acepções, à mata que se pode cortar, que, conforme, mais adiante, veremos, relaciona-se ao significado da capoeira em tupi. Não podemos deixar de salientar que Vieira menciona a acepção de negro que vive no mato, na capoeira, atacando pessoas com facas. Essa descrição aproxima-se muito do comportamento dos

capoeiras cariocas, que costumavam utilizar uma faca ou navalha em suas brigas. Esse foi o primeiro indício que observamos em dicionários que nos indica que a capoeira pode ter se originado no campo. Entretanto, como observamos anteriormente, há outras explicações.

Para Macedo Soares (1942)³, o vocábulo *capoeira* seria derivado de *capão*, cuja origem estaria no guarani *caá*, mato, e *pau*, o que está no meio, o que poderíamos entender como bosque no campo, mato isolado no meio do campo, uma ilha de arvoredo. Portanto, *capoeira* seria simplesmente o vocábulo guarani *caápuêra*, formado por *caá*, mato, mata, floresta, mato virgem e *puêra*, pretérito nominal, “o que foi”, resultando então em mato que foi, mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou. Soares critica, ainda, a origem, sustentada por Henrique Beaurepaire Rohan (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, II, 426, *apud* MACEDO SOARES, 1942, p. 39), na qual *capoeira* teria se originado do termo *copuera*, roça velha, não explicando como uma forma teria passado a outra, e acentua que todas as palavras guaranis começadas por *ca*, mato, folha, planta, erva, pau, ao passarem para o português, mantêm a sílaba *ca* e aquelas compostas de *co*, roça, persistem com a sílaba inicial, dando como exemplo *copé*, pequena cabana de madeira e palha em que habitam índios guaranis.

Além de comentar a etimologia do vocábulo, Macedo Soares enfatiza as diferenças entre o léxico português e o brasileiro, mencionando a analogia estranha de significado que Domingos Vieira teria feito ao explicar que do vocábulo *capoeira*, que define como o negro que vive no mato e acomete os passageiros à faca, teria sido derivado o vocábulo *capoeirão*, o que tem vivido muito na *capoeira*. Explica, também, que essa confusão teria ocorrido pelo fato de *capoeira* significar também o sujeito que se exercita no jogo do pau, da faca, da navalha e faz a profissão da capoeiragem, definindo, ainda, os capoeiras como turbulentos que vivem no Rio de Janeiro a ferir e matar por divertimento. O próprio Autor afirma desconhecer a origem e o fundamento do emprego da palavra *capoeira* na acepção apresentada.

Macedo Soares menciona também a confusão entre *capoeira*, termo brasileiro, mato ralo e miúdo, e *capoeira*, termo português, que significa cesto fechado para conduzir galinhas, vocábulos que trata como homônimos.

³ O artigo Capão, Capoeira, Restinga, no qual nos baseamos, foi publicado em 1880, e reeditado em *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*, em 1942.

Morais Silva, na 2ª edição de seu *Diccionario da Língua Portuguesa*, publicado em 1813, traz apenas as acepções que já observamos em Bluteau. Entretanto, em sua 8ª edição, publicada em 1890 sob o título de *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, traz novas acepções, entre elas a da *capoeira-jogo* e seus vocábulos derivados, que, quando mencionados, são referenciados como termos do Brasil. Vejamos algumas das acepções que compõem o verbete:

CAPOEIRA, sf. [...]§ O matto baixo que fica na terra depois de tiradas as madeiras de construção. § Capoeira de fouce, de machado; é de arbustos duros, arvoretas. § (t. do Brazil.) Preto fugido que vive no matto. § (t. do Rio de Janeiro) Espécie de jogo athletico para defeza e ataque corporal, predilecto das ultimas camadas sociaes, e que consiste em rápidos movimentos de mãos, pé, cabeça, acompanhados de pau ou navalha de que resulta muitas vezes à morte de um ou mais dos luctadores. § - sm. O que faz uso do jogo da capoeira. Os que são conhecidos por esta designação são verdadeiros assassinos; matam só pelo prazer de matar, servindo-se para esses crimes da navalha de barba; tendo exercido o officio de capangas foram por muito tempo estes miseráveis protegidos pelos antigos chefes políticos, que d'elles faziam seus agentes eleitoraes; no momento, porém, em que escrevemos estas linhas estão soffrendo uma perseguição tão enérgica, que se espera vêr em pouco tempo de todo extirpado este cancro social. (MORAIS SILVA, 1890, v. 2, grifo do autor)

Como podemos observar, antes de explicar a *capoeira* como jogo atlético, cuja acepção do termo refere-se ao Rio de Janeiro, o Autor mostra, como acepção do vocábulo utilizado no Brasil, *preto fugido*. Como essa acepção vem antes da primeira, isso pode mostrar-nos uma antecedência cronológica do seu uso, uma utilização geral no Brasil ou até mesmo uma utilização mais freqüente do vocábulo nessa acepção. Poderia então a denominação do mato ter-se associado à do negro fugido e, em seguida, à luta que ele utilizava para defender-se? Se seguirmos essa lógica, poderíamos dizer que a *capoeira* teria vindo do campo para a cidade, da capoeira para as ruas. Além disso, destacamos o fato de o Autor não apenas definir a capoeira como jogo, mas dar seu parecer sobre as conseqüências que ela traz para a comunidade, mostrando ódio e preconceito e deixando de lado o distanciamento científico.

Da acepção brasileira da *capoeira-jogo*, Moraes Silva (1890) mostra-nos que foram criados vários vocábulos derivados:

CAPOEIRADA, s.f. (t. do Brazil) Matto de capoeiras. § Acção de capoeira; capoeiragem.

CAPOEIRÁGEM, s. m. (t. do Brazil) Acção de capoeira.

CAPOEIRÁR, v. intrans. Praticar actos de capoeira. § Andar em mattas de capoeiras. (MORAIS SILVA, 1890, v. 2, grifos do autor)

No início do século XX, o vocábulo *capoeiragem* era tão comum quanto *capoeira* para designar o jogo, mas não era empregado nos sintagmas junto a verbos, pois não se diz *fulano joga capoeiragem*. É comum dizer-se que *alguém joga capoeira*.

Em seu *Diccionario de Vocábulos Brasileiros*, publicado em 1889, Visconde de Beaurepaire-Rohan considera a capoeira um jogo atlético, que teria sua origem no vocábulo *capão* em analogia à briga de galos capões, e *capueira*, o mato que nasce em um terreno que já foi cultivado, segundo ele, seria uma corruptela de *copuêra*, em tupi “roça extinta”. Entretanto, lembra que geralmente se escreve *capoeira* em lugar de *capueira* e por isso a confusão. Como observamos anteriormente, essa origem é contestada por Macedo Soares (1942), que explica que a forma *copuêra* não poderia passar a *capoeira*.

Theodoro Sampaio (1928, p. 27) explica o vocábulo capoeira da seguinte forma: “Ao matto, que se renova sobre os destroços de uma matta primitiva, dava-se o nome caa-pôera, de que a corruptela fez capueira, que significa mato extinto.”

As transformações fonéticas que teriam se processado na passagem de *caápoêra* para *capueira*, segundo o Autor, seriam a contração das vogais duplas “aa” e a ditongação da vogal “ê” com acento tônico na última sílaba dos vocábulos tupis, passando a “ei”.

Eduardo Navarro (1998) trata capoeira como “mata extinta”, vocábulo formado a partir da composição de *ka’a*, mata, e *puêra*, extinta, que já foi. Nesse caso, capoeira seria a mata destruída.

Nos dicionários contemporâneos, publicados entre o fim do último século e início deste, podemos ter uma idéia de como a capoeira é entendida nos dias atuais e como os dicionaristas entendem sua etimologia.

Em *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), também observamos que a capoeira, como jogo atlético, é uma das acepções do vocábulo de origem tupi, que os autores descrevem como *kopuêra*, “o que já foi roça, um mato ralo,

de pequeno porte, que nasce em lugar do mato derrubado”. Destacamos, ainda, que o vocábulo *capoeira* pode designar tanto o jogo quanto o seu praticante, mas atualmente utiliza-se com mais frequência o vocábulo *capoeirista* para referir-se ao indivíduo. Outro derivado é o vocábulo *capoeiragem*, que em Michaelis está definido como *vida de capoeira ou desordeiro*. Vejamos o fragmento do verbete no qual é apresentado o vocábulo:

capoeira [...] **3.** Espécie de jogo atlético tradicional no Brasil e mais violento que a savata; na capoeira os contendores às vezes empunham facas e navalhas. **s.m.** Indivíduo que pratica esse jogo. (MICHAELIS, 1998, grifos do autor)

Ferreira (1999) organiza duas entradas para o vocábulo *capoeira*. Na primeira entrada, Ferreira define *capoeira* assim como Bluteau a definiu, como gaiola grande ou casinhola onde se alojam capões, e as demais acepções do vocábulo. A segunda entrada é dedicada ao vocábulo de origem tupi, como apresentamos a seguir:

capoeira² [Do tupi = 'mata que foi'.] **S. f. 1.** Bras. Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim: [...] & **2.** Bras. Santom. Mato que nasceu nas derrubadas de mata virgem. **3.** Bras. Cap. Jogo acrobático constituído por movimentos [Cf., nesta acepção, *pernada* (7).] **S. 2 g. 4. Cap.** Capoeirista. **Capoeira angola.** Cap. 1.V. angola2 (5). **Capoeira brejada.** Bras. PB 1. O trecho mais úmido de uma capoeira2 (1). **Capoeira grossa.** Bras. 1 Tipo de capoeira2 (1) onde crescem árvores altas e grossas; capoeira-de-machado. **Capoeira rala.** Bras. N.E.1. Terreno roçado quase todos os anos, e no qual a vegetação quase não passa de arbustos e ervas. **Capoeira regional.** Cap. Modalidade de capoeira criada por Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado [1899-1974]), e que amplia os conceitos da capoeira tradicional, adicionando-lhe novas possibilidades de golpes, ritmos, sistematização de treinamento, etc. (FERREIRA, 1999, grifos do autor)

Ferreira (1999) considera que a denominação do jogo atlético teria se originado do tupi, pois é nessa entrada que o classifica, em analogia ao local onde os negros se escondiam e jogavam. O dicionarista complementa seu verbete com as duas variedades

de capoeira: a angola e a regional, que foram assim denominadas na primeira metade do século passado.

O dicionário que traz a descrição mais completa do vocábulo é o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, publicado em 2001. Nele, há três entradas para o vocábulo *capoeira*. Na primeira, a obra descreve o vocábulo de origem portuguesa com as mesmas acepções encontradas em Bluteau e Vieira. Na segunda, descreve o vocábulo tupi e todas as acepções relacionadas a mato ou mata. Segundo a obra, o termo é datado de 1577. Quanto à etimologia, o termo teria se originado do tupi *ko'pweira*, de *ko*-‘roça’ + *-pweira* ‘que já foi’. Mais uma vez, percebemos que a etimologia do vocábulo é explicada de forma variável, principalmente o elemento de composição inicial *ka* ou *ko*. Segundo Houaiss e Villar, A. G. Cunha comenta que as formas iniciadas com *ca*, diferentes do étimo tupi, ocorreriam devido à influência do tupi *ka'a* ‘mato’, documentadas em vários vocábulos portugueses de origem indígena. O verbete mostra ainda diversas variantes ortográficas observadas ao longo do tempo: 1577 *capoeira*, 1579 *capuera*, 1581 *quapoeira*, 1584 *copuera* ‘terreno roçado e reconquistado pelo mato’, 1817 *capueiras*, 1856 *capoeira* ‘ave’. Diferentemente das demais obras lexicográficas, Houaiss e Villar tratam a capoeira-jogo como um homônimo e abrem uma entrada exclusiva para o vocábulo. Vejamos:

³**capoeira** *s.m.* **1** HIST *B* negro que vivia na ¹capoeira ('mato') e assaltava viajantes ❖ *s.f.* **2** arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravos bantos; capoeiragem [Atualmente praticada como jogo e esporte.] **3** vida de capoeira ('lutador de rua'), valentão, desordeiro **4** *p.met.* bando de capoeiras (acp. 5) ❖ *s.2g.* **5** *p.ext. obsl.* malandro típico do sXIX, esp. no Rio de Janeiro, Bahia e Recife, lutador de rua que usava a capoeira ('arte marcial'), armado de navalha ou faca, para combater bandos rivais ou provocar desordens públicas **6** praticante de capoeira (acp. 2); capoeirista ☉ ETIM orig.contrv.; de ²capoeira (Nasc.) ou do umbd. *kapwila* 'pancada, tabefe; surra' (Nei Lopes) ☉ SIN/VAR ver sinonímia de valentão ☉ ANT ver antonímia de *malvado* e *presumido* e sinonímia de *apavorado* e *medroso* ☉ COL capoeirada ☉ HOM ver ¹capoeira. (HOUAISS; VILLAR, 2001, grifos do autor)

Verificamos no dicionário *Houaiss* a preocupação tanto com a etimologia e a evolução do termo quanto com a evolução histórica do jogo da capoeira, apresentando

esse dicionário a descrição mais completa entre aquelas que consultamos em dicionários contemporâneos. É interessante perceber que os Autores iniciam o verbete com a acepção do negro que vivia na capoeira e que já estava presente em Vieira (1873), abrindo precedentes para explicar a metonímia que teria dado origem à atual acepção da *capoeira*, em que o local de sobrevivência ou esconderijo teria dado o nome ao morador, que, por conseguinte, teria dado nome ao jogo que possivelmente praticava. Teria havido, então, uma seqüência de metonímias.

Com base nas definições dos dicionários, verificamos que a etimologia do vocábulo é muito controversa, notadamente os vocábulos tupis que lhe deram origem. Macedo Soares (1842) e Navarro (1998) mostram-nos a origem tupi mais provável. Tendo sido formada a partir da composição dos vocábulos *ka'a* e *puêra*, as vogais duplas “aa” sofreram contração, o “u” de *puêra* passou a “o”, embora tenha sido registrada também a forma *capueira*, em Sampaio (1928), por exemplo, e o “e”, sendo vogal tônica, sofreu ditongação, passando a “ei”.

A homonímia do vocábulo *capoeira*, que observamos em nossa análise das definições e etimologias do termo, é uma das causas dessa polêmica. Se considerarmos que a *capoeira* desenvolveu-se nas zonas portuárias das cidades, a versão de que o vocábulo teria se originado do fato de o negro praticante desse jogo carregar o cesto denominado capoeira faz sentido, pois os negros que trabalhavam nas cidades, denominados negros de ganho, transportavam todo e qualquer objeto, inclusive galinhas, como nos mostra Rugendas (1972), e também vendiam comida nas ruas e, ao final da tarde, entregavam grande parte do dinheiro conquistado durante o dia aos seus senhores. Esses escravos tinham mais liberdade e podiam exercitar-se na rua nos horários de folga. Nesse caso, o vocábulo seria resultado de uma sucessão metonímica: o conteúdo pelo continente, no caso do galo capoeiro dar origem a capoeira-cesto e o instrumento pela profissão, na associação entre capoeira-cesto, e o carregador de cestos, o *capoeira*. Entretanto, há outra explicação, mais aceita entre capoeiristas e dicionaristas, que considera a etimologia tupi do vocábulo que dá nome ao jogo. Explica-se que esse jogo era praticado nas capoeiras, nas roças das fazendas durante os escassos períodos de lazer. Quando os negros fugiam, refugiavam-se nas capoeiras, onde também dominavam com facilidade os capitães-do-mato. Desse modo, por se refugiarem e lutarem nas áreas de capoeira, os negros e sua luta teriam herdado tal

denominação. Além disso, o fato de Vieira apontar como “negro fugido” uma das acepções para capoeira pode indicar que a etimologia mais provável esteja no tupi.

Apresentamos, então, duas etimologias: uma portuguesa, na qual entenderíamos o surgimento da capoeira como fenômeno urbano; e outra tupi, a mais comum e aceita, que explicaria a capoeira como fenômeno rural. Há ainda uma terceira, menos discutida que as anteriores. Essa nova explicação para o vocábulo é defendida por Nei Lopes (1995) no *Dicionário banto do Brasil*. O Autor considera que o étimo de capoeira está no umbundo *kapwila*, que significa espancar ou, ainda, bofetada, tabefe. Entretanto, o vocábulo umbundo, cujo significado remete a golpes de mão, vai de encontro à caracterização básica da capoeira, que é um jogo em que se usam basicamente as pernas, os pés e a cabeça, sendo as mãos utilizadas como apoio para manter o equilíbrio e como membros principais em apenas alguns golpes.

1.3. República de Palmares e Rebeliões de Escravos

É quase um fato, no mundo capoeirístico, que a capoeira teria sido empregada, no início, nas fugas dos escravos, que se reuniam em quilombos em busca da liberdade. Dessa forma, a República de Palmares é constantemente citada como parte do histórico da capoeira e Zumbi como seu praticante.

A República de Palmares, segundo Édison Carneiro (1966), teria se formado por volta de 1630, na região da Serra da Barriga, estado de Alagoas, nas proximidades de Porto Calvo, e teria seu fim com a morte de seu mais famoso líder, Zumbi, em 1697.

Durante seus mais de 60 anos de existência, Palmares enfrentou várias expedições do governo, que tinham o objetivo de destruí-la.

Em 1676, D. Pedro de Almeida, que governava a Capitania de Pernambuco, chegou a propor um tratado de paz ao então líder de Palmares, Ganga Zumba, que aceitou a proposta, enviando seus filhos e uma comitiva de negros à capital para ratificar o acordo.

Entretanto, o acordo não foi aceito por Zumbi, sobrinho de Ganga Zumba, que matou o tio e proclamou-se rei de Palmares. Iniciou-se mais um período de lutas, que se estendeu por dez anos, com o fracasso de várias expedições enviadas pelo governo da capitania de Pernambuco. Em 1687, o então governador da capitania, Matias da Cunha,

propôs um acordo ao bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, que, em sua segunda tentativa, acompanhado por seus homens e por mais dois contingentes de soldados, um de Pernambuco, comandado por Vieira Melo, e outro de Alagoas, liderado por Sebastião Dias, conseguiu com sucesso destruir a República de Palmares em 1697.

A morte de Zumbi conta com duas versões: em uma delas, defendida pelo historiador Fernandes Pinheiro, Zumbi teria preferido a morte à rendição, se jogando de um penhasco; em outra, Zumbi teria sido atraído por um valente, que o matou, cortando-lhe depois a cabeça. Essa última versão é comprovada pela Carta do Governador de Pernambuco Caetano de Melo e Castro dando conta de se ter conseguido a morte de Zumbi. Nela, o governador relata que haviam lhe enviado a cabeça do líder negro, a qual mandou expor em praça pública para atemorizar os negros que o julgavam imortal. (MARINHO, 1956, p. 11)

Haveria alguma relação entre a República dos Palmares e a capoeira?

Palmares sobreviveu às investidas e expedições do governo durante 67 anos, utilizando como defesa a estratégia de emboscada, muito comum na guerrilha, e também pela própria localização natural dos quilombos, no meio da mata, protegidos por muralhas construídas com troncos de árvores, organizados em três fileiras de cerca.

Segundo Burlamaqui (1928, p. 12-3), os quilombolas já teriam conhecimento da capoeira:

A causa dessa superioridade, que na luta corpo a corpo, mostrava o refugiado na capoeira, explicavam os da escolta, que diziam saber aplicar o foragido um jogo estranho de braços, pernas, cabeça e tronco, com tal agilidade e tanta violência, capazes de lhe dar uma superioridade estupenda.

Entretanto, Clóvis Moura (1959) e Édison Carneiro (1966) não mencionam, em momento algum, a capoeira em seus relatos sobre Palmares. Ao descrever o cotidiano dos quilombos, Carneiro menciona inclusive a troca de alimentação por instrumentos, armas de fogo e munições e a emboscada como técnica de assalto.

Na primeira metade do século XIX, a Bahia assistiu a várias revoltas de negros envolvendo, em sua maioria, os haussás, negros maometanos alfabetizados na língua árabe, que organizavam e lideravam os levantes. Na revolta ocorrida em 1809, participaram os haussás e os nagôs dos engenhos do Recôncavo Baiano, que se embrenhavam nas matas fugindo de seus senhores e unindo-se aos escravos da capital

para atacar Salvador. Em 1813, os haussás lideram outro levante com a participação dos ganhadores dos “cantos” dos cais de Cachoeira, Dourado e do Corpo Santo. Esses escravos reuniam-se em uma pequena capoeira atrás da capela Nossa Senhora de Nazaré. Em 1835, os nagôs uniram-se aos negros do Recôncavo, de Santo Amaro e de Itaparica para mais uma investida. Todas essas revoltas foram descobertas e reprimidas. É importante notar que, pelo menos na Bahia, é justamente em Salvador, em Santo Amaro da Purificação, em Itaparica e no Recôncavo Baiano que a capoeira se desenvolve. A integração e comunicação entre os negros na época da organização dos levantes podem explicar, de certa forma, a disseminação da capoeira na Bahia. Quanto às técnicas de luta utilizadas, Clóvis Moura (1959, p. 195) explica que “[...] os escravos ajustavam métodos de luta aprendidos no Continente Negro com outros adquiridos em contato com os brancos”. Sampaio A, em Apontamento sobre a História de Sergipe, mostra, com mais detalhes, como os negros sergipanos faziam para combater as tropas do governo:

Atrairão as tropas para o recesso das matas e lá, com movimentos rápidos vão submetendo as tropas legais a um desgaste de energias constante e desesperador. Possuirão, além disso, um sistema de ligação com os escravos das senzalas dos engenhos e fazendas muito eficaz e que os auxiliará bastante na luta. (Fundamentos, n.36, p.67, apud Moura, 1959, p. 84)

Apesar de não mencionar a capoeira propriamente dita, a expressão *movimentos rápidos* remete-nos a uma das características da capoeira, a movimentação ligeira e constante.

Com base na descrição dessas lutas e revoltas, podemos observar que não há menções diretas sobre a capoeira, apenas indícios como a expressão *movimentos rápidos*, o local de encontro dos negros para a organização das revoltas, a capoeira, e a localidade de onde fugiam os negros que se integravam às revoltas.

1.4. A Guerra do Paraguai

Os capoeiras tiveram participação importante nas conquistas da Guerra do Paraguai. Muitos escravos seguiram para a guerra como voluntários diante da promessa

de serem alforriados; outros, no entanto, eram forçados a se alistarem. Os negros capoeiras mostravam suas habilidades principalmente nos assaltos à baioneta.

Manuel Querino (1922) aponta que um episódio importante dessa conquista foi a tomada do forte de Curuzú pelas Companhias de Zuavos Bahianos, formada, em sua maioria, por capoeiras, entre os quais se destacaram Cezário Alvaro da Costa e Antônio Francisco de Melo.

Um episódio dessa campanha que demonstra com clareza a prática da capoeira e sua importância nos momentos de batalha é o assalto final à ponte de Itororó, descrito por Agenor Lopes Vieira, no qual os soldados cariocas que constituíam o 31^o Corpo de Voluntários da Pátria tiveram a seguinte reação:

[...] vendo esgotadas as munições em pleno combate corpo a corpo, ao ultrapassarem a fatídica ponte, retiraram os sabre-baionetas e jogaram fora as inúteis espingardas, lançando-se com ímpeto irresistível contra as trincheiras inimigas, e atacando os seus defensores à arma branca e golpes de capoeiragem. (OLIVEIRA, 1951 apud PIRES, 1996)⁴

Segundo Carlos Eugênio Líbano Soares (2002), a Guerra do Paraguai trouxe certo *status* ao capoeirista, que, obtendo sucesso nos campos de batalha, ao retornar, mostrava, com orgulho, suas habilidades publicamente. Nessa época, os capoeiristas já enchiam as fileiras do exército e praticavam sua arte dentro dos quartéis. Portanto, os capoeiristas deixavam de ser somente capadócios e malandros, integrando-se à vida militar e recebendo ainda a proteção de seus superiores.

2. Os Pólos Capoeirísticos

Como observamos anteriormente, a capoeira desenvolveu-se em cidades como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Em nosso trabalho, vamos concentrar-nos nas duas primeiras, que foram decisivas na evolução da capoeira nos séculos XIX e XX.

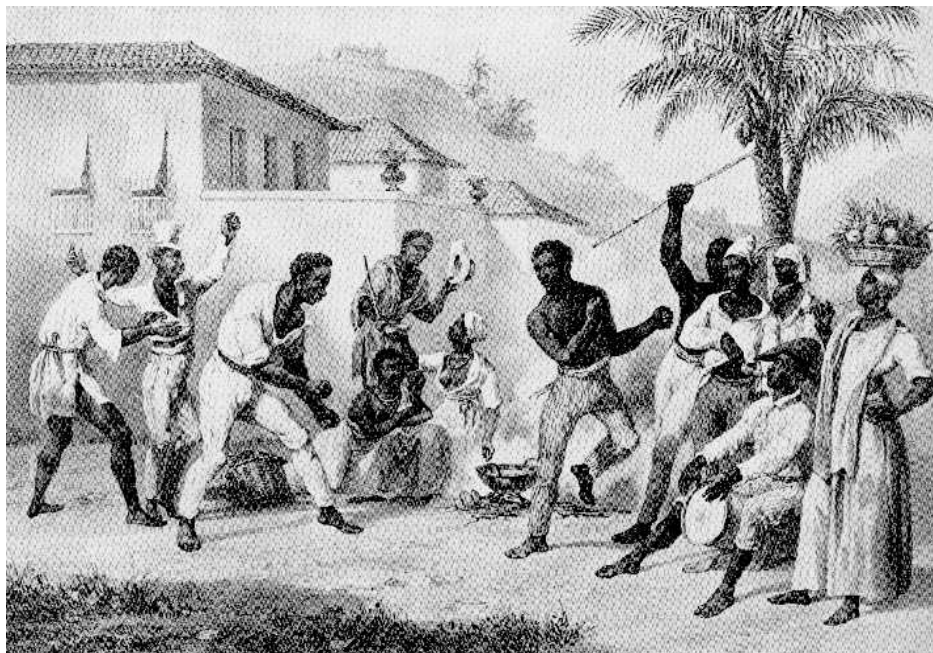
Uma das primeiras definições e registros ilustrados da capoeira foi feita por Rugendas em sua viagem pelo Brasil. O desenhista alemão, que acompanhava Langsdorff, diplomata alemão, em uma expedição científica ao sertão brasileiro, decidiu

⁴ Não indicamos a página, porque o material a que tivemos acesso estava em meio eletrônico e sem a indicação de página.

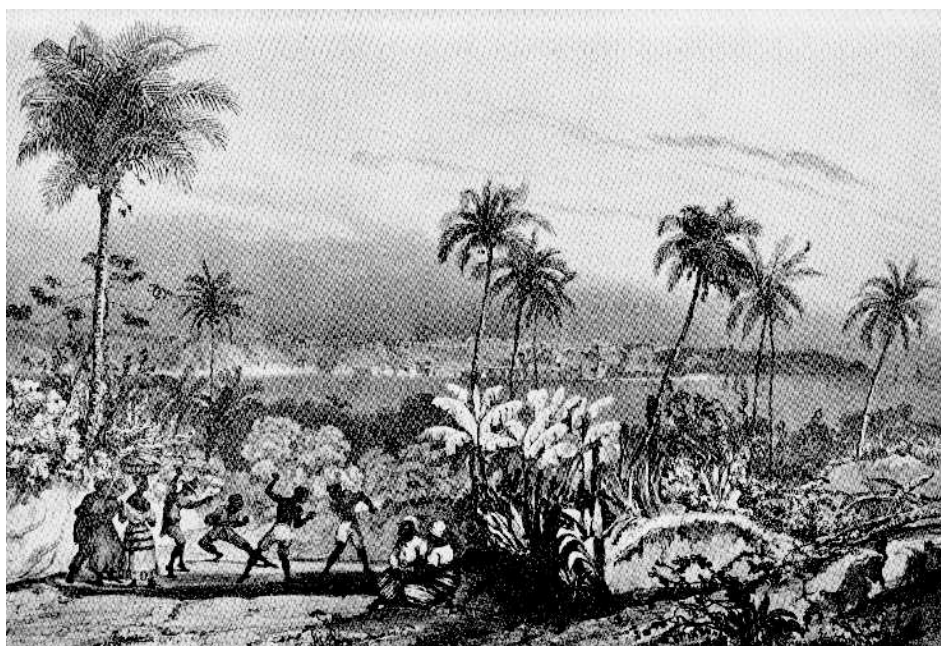
separar-se da equipe de estudiosos e registrar a paisagem e o povo brasileiro por meio de seus desenhos e da observação dos costumes. Apesar do desenhista não seguir o rigor científico dos pesquisadores modernos, registrou suas impressões da terra, que muito contribuíram para traçar o perfil da sociedade brasileira da época, notadamente, de negros e índios, retratando inclusive os traços físicos que distinguiam as tribos e os grupos étnicos dessas duas raças. Apresentamos, a seguir, como Rugendas descreveu a capoeira:

Os negros têm ainda um outro folguedo guerreiro, muito mais violento, a “capoeira”: dois campeões se precipitam um contra o outro, procurando dar com a cabeça no peito do adversário que desejam derrubar. Evita-se o ataque com saltos de lado e paradas igualmente rápidas; mas, lançando-se um contra o outro mais ou menos como bodes, acontecem-lhe chocarem cabeça contra cabeça, o que faz com que a brincadeira não raro degenera em briga e que as facas entrem em jôgo ensangüentando-a. (RUGENDAS, 1972, p. 155)

Na ilustração apresentada a seguir, podemos ver dois negros frente a frente, gingando. Vemos ainda um espectador batendo palmas e outro tocando um tambor, que se assemelha a um atabaque. A negra carregando o cesto de frutas pode ser uma negra de ganho, que, como dissemos anteriormente, vendia alimentos na cidade para sustento próprio e de seus senhores, dando à capoeira ilustrada características de fenômeno urbano no início do século XIX. Nessa época, a capoeira já poderia ter deixado as zonas rurais e se estabelecido nas zonas urbanas. Entretanto, devemos deixar claro que a ausência de material escrito anterior não nos permite afirmar com exatidão a origem desse jogo.



Na ilustração que segue, podemos observar outros dois negros gingando e um terceiro em posição para *comprar o jogo*, ou seja, entrar na roda para jogar com um dos contendores, o que resulta na saída do outro. A paisagem ilustrada é de uma *capoeira*, mato extinto, próxima ao porto.



São Salvador

(RUGENDAS, 1972)

Debret (1972), desenhista francês que veio em missão ao Brasil a pedido de D. João VI em 1816, por sua vez, não fala propriamente da capoeira, mas há indícios, em sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, que apontam para a prática da capoeira e para a utilização do urucungo, ou berimbau, instrumento que passou a fazer parte da roda apenas no século XX. Ao descrever a gravura que mostra o enterro de um filho de rei negro, Debret (1972, p. 180) faz referência a “[...]negros volteadores dando saltos mortais ou fazendo mil outras cabriolas para animar a cena [...]” da procissão fúnebre. Na gravura, observamos dois negros fazendo evoluções que muito se assemelham aos

movimentos da capoeira: um prepara-se para saltar, talvez para a realização de um *aiú*⁵, enquanto o outro planta *bananeira*⁶.



O Enterro do Filho de um Rei Negro (DEBRET, 1972, v. 3)

O desenhista também destaca o talento para a música dos negros benguelas de Angola, considerados os mais musicistas e notáveis pelos instrumentos que fabricam, como a maringa, a viola de Angola, o violão (instrumento composto por um coco atravessado por um bastonete que serve de cabo) e o *urucungo*, também denominado berimbau. Vejamos como Debret descreve este último instrumento:

[...] e finalmente o urucungo, aqui representado. Êste instrumento se compõe da metade de uma cabaça aderente a um arco formado por uma varinha curva com um fio de latão sôbre o qual se bate ligeiramente. Pode-se ao mesmo tempo estudar o instinto musical do tocador que apóia a mão sobre a frente descoberta da cabaça, a fim de obter pela vibração um som mais grave e harmonioso. Êste efeito, quando feliz, só pode ser comparado ao som de uma corda de tímpano, pois é obtido batendo-se ligeiramente sôbre a corda com uma pequena vareta que se segura entre o indicador e o dedo médio da mão direita. (DEBRET, 1972, p. 253)

Nessa época, o *urucungo* era utilizado como chamariz para a venda de produtos ou tocado para chamar a atenção dos transeuntes em troca de algumas moedas, como podemos observar na ilustração de Debret:

⁵A definição deste termo está indicada no **Glossário**.

⁶Idem.



Negro Trovador (DEBRET, 1972, v. 2)

Há outra observação interessante, feita pelo desenhista, quando este escreve sobre o Mercado do Valongo, no Rio de Janeiro, onde eram vendidos os negros que chegavam da África. Debret refere-se aos “bailes” realizados no local por licença do patrão, nos quais “ [...] ouvem-se urros ritmados dos negros girando sôbre si próprios e batendo o compasso com as mãos; essa espécie de dança é semelhante à dos índios do Brasil”. (p. 188) A descrição lembra as evoluções da capoeira.

Com as duas representações da capoeira, de Rugendas e de Debret, observamos que esse jogo tinha como principais centros o Rio de Janeiro, onde se concentraram as pesquisas de Debret, e a Bahia, descrita nas ilustrações de Rugendas.

2.1. A Capoeira Carioca

A capoeira carioca teve um papel bastante destacado na vida dos moradores do Rio de Janeiro do século XIX. Como discutimos anteriormente, a capoeira passou a ser registrada no início desse século com as obras de Debret e Rugendas. Além dessas obras, existem registros policiais de prisões realizadas por motivos relacionados à prática da capoeira, como revela o estudo de Leila Mezan Algranti (1988, p. 156-210 apud Pires, 1996) ao observar que das 4.853 prisões efetivadas pela polícia da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1810 e 1821, 438 (9%) eram por acusações de prática da capoeira.

A capoeira teve participação importante na defesa nacional. Em 1928, a Corte assistiu à revolta de soldados mercenários de origem irlandesa e alemã, que foi reprimida por Major Vidigal, o chefe de polícia da época, com a ajuda dos capoeiras cariocas. Major Vidigal, personagem marcante do livro de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*, foi famoso por reprimir a capoeiragem e os rituais religiosos africanos na primeira metade do século XIX.

No final desse século, a capoeira apareceu na importante obra naturalista de Aluísio Azevedo *O Cortiço*, representada pelos carapicus e cabeças-de gato, duas maltas de capoeira rivais que se encontravam para brigar no cortiço. Os carapicus e os cabeça-de-gato faziam referência aos nagôas e aos guaiamus, as maltas, grupos de praticantes da capoeira, formados por escravos e por homens livres e pobres, que a utilizavam como forma de resistência, e que dominavam o Rio de Janeiro na época do Segundo Império. O auge das maltas de capoeira aconteceu na segunda metade do século XIX, época em que ganharam não só a atenção das obras literárias como também a menção em jornais, contos, Anais da Câmara dos Deputados, entre outros registros.

O Rio de Janeiro desses tempos era dividido em várias “freguesias”, bairros ou regiões, com suas respectivas maltas. Vejamos algumas denominações: a malta “Franciscanos” era da freguesia de São Francisco de Paula, a “Cadeira da Senhora”, da freguesia de Santana, a “Flor da Gente”, da freguesia da Glória, a “Espada”, do Largo da Lapa, a “Guaianmu”, da Cidade Nova etc. (Cruls, 1949, p. 318)

Segundo Plácido de Abreu, em *Os Capoeiras* (1886?), os guaiamus pertenciam aos “partidos” ou “maltas” de São Francisco (cujo principal chefe era Leandro Bonaparte), Santa Rita, Ouro Preto, Marinha, S. Domingos de Gusmão, entre outras. No livro mencionado, Abreu apresenta algumas palavras da gíria dessas maltas, entre elas: *banho de fumaça, bracear, caveira no espelho, chifrada, grampear, lamparina, moquete, pantana, passo, passo de syrycopé, rabo de arraia, topete a cheirar, trastejar*, entre outras.

Os nagôas, por sua vez, pertenciam aos partidos de Santa Luzia (do qual foi chefe o famoso Manduca da Praia), S. José, Lapa, Sant’Anna, Moura, Bolinha de Prata, entre outros.

Com base na descrição de uma ilustração do texto *A Capoeira*, assinado por L. C. e publicado, em 1909, na revista *Kosmos*, observamos que os nagôas e os guaiamus também se distinguiam pela cor e tipo de trajes. Os primeiros usavam uma cinta de cor

branca sobre a vermelha e chapéu de aba batida para frente, os segundos usavam a cor vermelha sobre a branca e chapéu de aba levantada na frente. Outro fator que nos chama a atenção é que o nagôa era um negro de pele muito mais escura que o guaiamú, um mulato. Carlos Eugênio Líbano Soares (1994), em *Negrada Instituição*, explica as possíveis etimologias dos termos nagôa e guaiamú, mostrando que o primeiro termo refere-se a uma nação da África Ocidental e o segundo, de origem tupi, refere-se a um tipo de caranguejo de cor azul. Desse modo, parece-nos que a distinção entre ambas as maltas leva em conta também a origem: os nagôs, com descendência fortemente negra e arraigada na tradição africana e os guaiamús, mulatos, miscigenados, com suas raízes na terra brasileira.

Desde a época das maltas, já havia aulas de capoeira. Segundo Plácido de Abreu (1886?), os guaiamus costumavam dar treinamento aos noviços no morro do Livramento, num local denominado Mangueira, nas manhãs de domingo. Essas aulas contavam com exercícios de cabeça, pé e golpes de navalha e faca. Os capoeiras mais antigos e de mais fama serviam de instrutores aos mais novos. No início, os golpes eram ensaiados com armas de madeira, mas depois partia-se para as armas brancas. Os nagôas também realizavam o mesmo tipo de treinamento na Praia do Russel e no Morro do Pinto.

A capoeira também tinha participação na política carioca, controlando, por meio da intimidação e da força, a participação dos eleitores e garantindo a fidelidade partidária. Alguns capoeiras eram também capangas de políticos, padrinhos que os livraram da prisão. Depois da libertação dos escravos, em 1888, assinada pela Princesa Isabel, muitos negros, “agradecidos” pelo ato da princesa, defendiam a permanência do Império contra a investida dos republicanos, formando a Guarda Negra.

Com a Proclamação da República houve uma verdadeira caça aos capoeiras. As correrias das festas de largo, em que as maltas se desafiavam e a briga rolava solta com navalhadas e pernadas, assombravam a população. Os capoeiras eram também facilmente encontrados fazendo evoluções ao tocar os sinos das igrejas, mostrando suas habilidades capoeirísticas e ganhando a atenção dos transeuntes. Nessa época, o então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, mandou queimar em praça pública toda a documentação referente ao tráfico negreiro, para apagar as dívidas de indenização com proprietários de terras, dificultando o trabalho dos pesquisadores sobre o assunto. (CAPOEIRA, 2001, P. 68)

Quando discutimos a etimologia e as significações do termo *capoeira*, havíamos mostrado um verbete de Morais Silva (1890) sobre o vocábulo. Nele, o Autor reflete toda a sua revolta e a da sociedade contra o que era considerado um “cancro social”, a capoeira. Além disso, o lexicógrafo menciona claramente a perseguição, sob o comando de Sampaio Ferraz, sofrida pelos capoeiras nessa época. Vejamos um fragmento do verbete:

[...] Os que são conhecidos por esta designação são verdadeiros assassinos; matam só pelo prazer de matar, servindo-se para esses crimes da navalha de barba; tendo exercido o offício de capangas foram por muito tempo estes miseráveis protegidos pelos antigos chefes políticos, que d’eles faziam seus agentes eleitoraes; no momento, porém, em que escrevemos estas linhas estão soffrendo uma perseguição tão enérgica, que se espera vêr em pouco tempo de todo extirpada este cancro social. (MORAIS SILVA, 1890)

Na maioria das vezes, o capoeira era sinônimo de malandro, capadócio. Entretanto, muitos praticantes dessa “luta” eram membros do exército, da marinha e da polícia, tendo, muitas vezes, a proteção de seus superiores. Nessa época, a capoeira não era praticada somente por negros, mas já tinha penetração entre os brancos, tanto os pobres quanto aqueles abastados como, por exemplo, o Barão do Rio Branco e Floriano Peixoto que, quando jovens, também experimentaram a arte da capoeiragem.

Com a Proclamação da República, em 1889, a repressão à capoeira aumenta em demasia. Antes desse período, os capoeiras já eram presos como arruaceiros, como consequência das brigas, navalhadas e mortes que ocorriam, na maioria das vezes, em festas populares. Entretanto, com a nomeação de Sampaio Ferraz como chefe de Polícia do Distrito Federal, com total apoio do primeiro presidente republicano, Deodoro da Fonseca, começa uma verdadeira caça aos praticantes da capoeira.

Segundo Wanderloir Rego (1968), Sampaio Ferraz perseguia tanto os membros das maltas quanto os capoeiristas ligados à Corte. Em 1890, a prisão do filho do Conde de São Salvador de Matosinhos, o capoeira Juca Reis, rendeu ao governo uma crise ministerial. Quintino Bocaiúva, então Ministro de Relações Exteriores, era amigo da família Matosinhos e chegou a colocar seu cargo à disposição em defesa de Juca Reis, mas foi dissuadido pelo próprio general Deodoro da Fonseca. No final desse embate,

Sampaio Ferraz acaba por vencer, levando Juca Reis para o presídio em Fernando de Noronha, local para onde era enviada grande parte dos capoeiras presos.

Nesse mesmo ano, em 11 de outubro, é publicado o novo Código Penal, que em seu artigo 402, denominado “Dos vadios e capoeiras”, dá o golpe de misericórdia nos praticantes dessa “luta”, pois, a partir dessa data, a prática da capoeira havia sido criminalizada. O artigo determinava que:

Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias com armas e instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal.

Pena - prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único: é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças se imporá pena em dobro. (AUTRAN, 1898, art.402)

De acordo com Carlos Eugênio Líbano Soares (1994), após o banimento dos grandes chefes das maltas cariocas, Sampaio Ferraz pôs-se a prender os “capoeiras amadores”, que não pertenciam às maltas. Dentre eles, havia muitos estrangeiros, portugueses, principalmente, que eram chamados de fadistas e que, ao lado dos chefes de malta, foram os responsáveis pela introdução da navalha na capoeira carioca. O Autor mostra que, entre 1870 e 1877, cerca de 6,4% dos capoeiras livres eram portugueses. Soares revela, ainda, que a grande maioria dos capoeiras livres era artesão.

Após esse período de perseguições, a capoeira, destituída dos principais chefes de malta, perde sua força. Alguns cronistas até decretam a sua morte, o que na realidade não acontece. A capoeira carioca ainda sobrevive nos quartéis e entre a comunidade de malandros, “substitutos dos capoeiras”, como observa Maria Angela Borges Salvadori (1990). Antonio Liberac Pires (1996), que estudou processos criminais de 1890 a 1930, aponta que, mesmo depois da forte repressão de Sampaio Ferraz, algumas maltas ainda subsistiram, dentre as quais a do chefe Peixe Frito, preso em 1902 na freguesia do Espírito Santo, onde agia sua malta. De qualquer modo, mesmo resistindo às pressões, as maltas do início do século XX não chegam a demonstrar a mesma força daquelas que dominaram o século anterior.

Depois desse período de trevas da capoeira carioca, o artigo A Capoeira, publicado na revista *Kosmos*, em 1906, e assinado por L.C., reconhece a luta como “[...] a melhor e mais terrível como recurso individual de defesa certa ou de ataque impune [...]”⁷, ao comparar a capoeira à savata francesa, ao jiu-jitsu japonês, ao boxe inglês e ao páu português. É interessante observar como, aos poucos, a capoeira passa de vilã a heroína, sendo fortemente defendida como uma luta marcial genuinamente brasileira. Vejamos como L.C descreve a gênese da capoeira:

Creou-a o espírito inventivo do mestiço, porque a capoeira não é portugueza nem é negra, é mulata, é cafusa e é mameluca, isto é - é cruzada, é mestiça, tendo-lhe o mestiço anexado, por princípios atavicos e com adaptação inteligente, a navalha do fadista da mouraria lisbôeta, alguns movimentos sambados e simiescos do africano e, sobretudo, a agilidade e levipedez felina e pasmosa do indio nos saltos rapidos, leves e imprevistos para um lado e outro, para vante e, surpreendentemente, como um tigrino real, para traz, dando sempre a frente ao inimigo (L. C. , 1906)⁸.

O Autor afirma, ainda, que a capoeira legítima era a carioca, reconhecendo também a capoeira pernambucana, sem mencionar, no entanto, a capoeira baiana. Os sobreviventes da capoeira carioca também são lembrados pelo Autor, que os chama de mashorqueiros, navalhistas e faquistas, que seguem, uns mais e outros menos, o jogo, sem, entretanto, fazer da capoeira uma arte, uma profissão, uma instituição. O artigo traz também ilustrações com nomes de alguns golpes, entre os quais: *peneiração*, *cocada*, *calço* ou *rasteira*, *lamparina* e *meter o andante*.

O primeiro manual sobre capoeira de que temos notícia, *Guia do Capoeira ou Gymnastica Brasileira*, teve sua segunda edição publicada em 1907, sob as siglas ODC (Ofereço, Dedico e Consagro), e foi oferecido à distinta mocidade da época. Segundo o editor, a obra havia sido composta por um distinto oficial do exército brasileiro, mestre em todas as armas, professor dos militares e muito hábil na ginástica defensiva, que chama de verdadeira arte da capoeira. O manual conta com quatro capítulos, divididos de acordo com os tipos de movimento: posições, negaças, pancadas simples, defesas relativas e pancadas afiançadas.

⁷ Não há indicação de página no material consultado.

⁸ Idem

O Autor desse manual, como L.C., também compara a capoeira às lutas de outras nacionalidades e a trata como luta nacional, com certa nostalgia, chamando-a de arte antiga e lembrando os mestres de capoeira como o lendário Manduca da Praia, Emydio Corneta, Chico Cafoto, Chavez Oficial da Marinha, Couto Operário da Marinha, entre outros.

Em 1909, Ciríaco Francisco da Silva, conhecido como Macaco Velho, negro que trabalhava como carregador de café no Rio de Janeiro, demonstrou à sociedade carioca do que a capoeira era capaz. Derrotou com um célebre *rabo-de-arraia* o japonês Sado Miako, lutador de jiu-jitsu. Ciríaco foi consagrado pela imprensa e saiu carregado do Concerto Avenida nos braços dos estudantes cariocas (DIAS, 2001, p. 148).

As demonstrações de apoio à pretensa volta de uma capoeira que fosse aceita pela sociedade e disciplinada nos moldes da educação física pode ser claramente observada no discurso inflamado de Coelho Netto (1928)⁹:

A capoeiragem deveria ser ensinada em todos os collegios, quartéis, navios, não só porque é excellente gymnastica, na qual se desenvolve, harmoniosamente, todo o corpo e ainda se apuram os sentidos, como também porque constitui um meio de defesa individual superior a todos quantos são preconizados pelo estrangeiro e que nós, por tal motivo apenas, não nos envergonhamos de praticar.

Coelho Netto também descreve alguns movimentos e golpes da capoeira carioca e defende os grandes chefes de malta que, segundo ele, evitavam usar a navalha e não aceitavam assassinos, senão por legítima defesa, dentro de seus grupos de capoeira.

Como podemos perceber pela posição dos jornalistas e militares da época, a capoeira já estava muito próxima de um reconhecimento social. Entretanto, sua origem escrava e as desordens causadas no final do século anterior ainda preocupavam a sociedade da época, de modo que muitos autores se escondiam sob pseudônimos ou iniciais para não sofrerem represálias, pois a prática da capoeiragem era considerada crime de acordo com o Código Penal.

Em 1928, Annibal Bularmaqui publica sua *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*, um dos primeiros manuais a explicar a dinâmica dos movimentos da capoeira e as regras criadas para esse “sport”. Naquela época, a capoeira

⁹ Idem.

começava a ser valorizada como uma arte marcial brasileira, a exemplo do boxe inglês, da savata francesa e do jiu-jitsu japonês. Portanto, principalmente no meio militar, havia um certo esforço para tornar a capoeira um esporte, tentando regrá-la e tirá-la da ilegalidade, inserindo-a no meio da educação física dos quartéis, numa prática disciplinada e controlada.

A capoeira carioca também sobreviveu no Clube do Sinhozinho, Agenor Moreira Sampaio, um paulista, nascido em Santos, em 1891. Em seu clube, localizado em Ipanema, Rio de Janeiro, praticava-se levantamento de peso, ginástica em aparelho, boxe, capoeira, entre outros. A capoeira ali exercitada, desde o início da década de 30, era vista simplesmente como luta, não sendo praticada ao som de qualquer instrumento musical. Entre seus alunos estão: André Jansen, Alberto Silva, Joaquim Gomes e Rudolf Hermanny (LOPES, 1999, p. 115).

Entretanto, anos mais tarde, na Bahia, é que a capoeira ganha *status* de esporte nacional, com o desenvolvimento da Luta Regional Baiana de Mestre Bimba.

2.2 A Capoeira Baiana

Como observamos anteriormente, Rugendas, em sua ilustração *São Salvador* mostra uma roda de capoeira. Esse é um dos primeiros registros escritos da capoeira na Bahia. Lembramos que a literatura sobre o tema é escassa no século XIX e só começa a florescer, no século seguinte, a partir da década de 20.

Manuel Querino é um dos primeiros historiadores a tratar da capoeira na Bahia. Em *A Bahia de Outr'ora: vultos e factos populares*, obra publicada em 1922, o Autor dedica um capítulo à capoeira baiana.

Para o Autor, a capoeira teria sido introduzida na Bahia pelo angola, que como ele mesmo define, era, em geral, “[...] pernóstico, excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, tipo completo e acabado do capadócio [...]” (1922, p. 61), descrição que muito aproxima os capoeiras baianos dos cariocas, visto que ambos são fortemente estigmatizados como capadócios. Na realidade, não podemos afirmar que tenha sido o angola, ou qualquer outro representante africano, o introdutor da capoeira, pois sua origem é obscura.

Querino apresenta uma boa descrição da dinâmica do jogo da capoeira, definindo-a como:

[...] espécie de jogo athletico que consistia em rápidos movimentos de mãos, pés e cabeça, em certas desarticulações do tronco, e, particularmente, na agilidade de saltos para frente, para traz, para os lados, tudo em defesa ou ataque, corpo a corpo (1922, p. 61).

Como ocorria no Rio de Janeiro, Salvador também era dividida em bairros em que dominavam certos grupos de capoeiras. Dentre eles destacava-se o da Sé, de São Pedro, de Santo Ignácio e da Saúde. Esses grupos costumavam enfrentar-se em dias santos como o Domingo de Ramos, encontrando-se no Terreiro de Jesus para lutar.

A capoeira não era somente praticada pelas camadas populares. Na época já tinha entre seus representantes pessoas de sociedade, que, segundo Querino (1922) praticavam a capoeira como um meio de desenvolvimento e educação física, como praticariam futebol ou qualquer outro esporte. Vemos então uma certa tendência, no início do século, para o desenvolvimento de uma capoeira esportiva.

Os trajes e as características físicas dos capoeiras das duas cidades também não se diferenciavam muito, principalmente quanto à maneira de andar e a posição do chapéu. O capoeira baiano era logo reconhecido pelas atitudes singulares de corpo, pelo andar arrevesado, pelas calças com bocas largas, que cobriam a parte anterior do pé, pela argolinha de ouro na orelha, um sinal de valentia e o chapéu à banda. Outra semelhança entre os capoeiras baianos e cariocas era a participação de ambos nos processos eleitorais como capangas, induzindo à força os eleitores a votar em determinados candidatos.

Entretanto, diferentemente da capoeira carioca, a baiana contava, nas primeiras décadas do século XX, com acompanhamento musical. Nessa época, já se jogava capoeira ao som do berimbau. Querino (1922, p. 63) descreve com detalhes o instrumento e como tocá-lo:

[...] instrumento composto de um arco de madeira flexível, preso às extremidades por uma corda de arame fino, estando ligada à corda numa cabacinha ou moeda de cobre.

O tocador de berimbau segurava o instrumento com a mão esquerda, e na direita trazia pequena cesta contendo calhaus, chamada - gongo, além de um cipó fino, com o qual feria a corda, produzindo o som.

Além do acompanhamento do berimbau, o tocador também entoava cantigas que falavam do cotidiano do negro, das relações sociais entre escravos e senhores, e outras que desafiavam seus oponentes para o jogo.

Em Salvador, entre os anos de 1920 e 1927, Pedro de Azevedo Gordilho, mais conhecido como Pedrito, chefe de polícia da cidade, utilizava a cavalaria para perseguir capoeiras e praticantes do candomblé (REIS, 1993, p. 62).

A Bahia foi, no século XX, um verdadeiro celeiro de praticantes da capoeira. No começo do século destacam-se figuras lendárias como Manuel Henrique, também conhecido como Besouro Mangangá, Besouro Cordão de Ouro ou ainda Bezouro Preto e exímios capoeiristas como Dois de Ouro, Chico da Barra, Curió, Traíra, Totonho Maré, Samuel Querido de Deus, Sete Mortes, Aberrê, Pedro Porreta, entre outros¹⁰.

¹⁰Wandeloir Rego (1968) traz uma relação bastante detalhada com o nome dos principais capoeiristas baianos e a biografia dos que mais se destacaram nesse jogo.

Besouro Mangangá, natural de Santo Amaro da Purificação e discípulo de Tio Alípio, deixou seu nome em diversas cantigas de capoeira, que narram suas habilidades e personalidade. O apelido Besouro surgiu da lenda de que, ao encontrar-se em situações em que o número de inimigos era muito grande, o capoeira se transformava em besouro e saía voando (REGO, 1968, p. 263-5).

Essa é apenas uma das histórias que demonstram a magia e a mandinga que envolviam os capoeiristas da época, criando verdadeiros mitos e heróis na imaginação popular.

Entretanto, a capoeira baiana tornou-se um jogo conhecido no Brasil e no mundo pela determinação, criatividade e espírito de liderança de dois homens: Manuel dos Reis Machado, mestre Bimba, e Vicente Ferreira Pastinha, mestre Pastinha. Conhecer a história destes dois mestres é entender o reconhecimento nacional e internacional da capoeira no século XX.

2.2.1. Mestre Bimba

Manuel dos Reis Machado, filho de D. Maria Martinha do Bonfim e do batuqueiro Luiz Cândido Machado, nasceu em 23 de novembro de 1899, no Engenho Velho, localizado na Freguesia de Brotas, em Salvador, Bahia. Seu apelido, Bimba, surgiu de uma aposta feita entre sua mãe e a parteira, que acreditava que a criança seria um menino. Batizou-lhe, então, a parteira com o nome utilizado para referir-se ao órgão masculino das crianças. Raimundo César Alves de Almeida (1994), conhecido no mundo capoeirístico como mestre Itapoan, traça um perfil do mestre no qual nos baseamos para elaborar este texto.

Bimba começou a praticar capoeira aos 12 anos pelas mãos de Mestre Bentinho, que trabalhava na Companhia de Navegação Baiana. O próprio mestre Bimba identifica as ocupações mais comuns dos praticantes da capoeira do início do século XX:

Naquele tempo Capoeira era para carroceiro, trapicheiro, estivador e malandros. Eu era estivador, mas fui um pouco de tudo. A Polícia perseguia os capoeiristas como se persegue cão danado. (ALMEIDA, R., 1994, p. 15-6)

Aos 18 anos, Bimba começou a ensinar a arte da capoeiragem e formou o Clube União em Apuros, situado no Engenho Velho de Brotas, um bairro de Salvador. Nessa

época, a capoeira era uma só, não havendo distinção entre regional e angola, mesmo porque Bimba foi o responsável pelo desenvolvimento dessa nova modalidade de capoeira, a regional, que teria nascido entre o final da década de vinte e o início da de trinta.

Segundo depoimentos de mestre Bimba registrados em Almeida (1994), a regional teria sido criada em 1928, resultado da inclusão de golpes do batuque, do desenvolvimento de novos golpes e do aperfeiçoamento daqueles existentes na capoeira antiga.

Bimba contava com muitos alunos da alta sociedade como os jovens Joaquim de Araújo Lima, mais tarde governador do Guaporé, Décio dos Santos Seabra, desembargador, Aclépios Ferrer, escritor, Cisnando Lima, estudante de medicina, entre outros. O fato de Bimba conquistar alunos da classe dominante permitiu que a capoeira fosse reconhecida e aceita, pois foi por meio do contato de Cisnando com Juracy Magalhães, então Interventor da Bahia, que Bimba pôde se apresentar com seu grupo no Palácio do Governo, facilitando assim a abertura de sua academia.

A Academia de Bimba, aberta em 1932, teria sido a quinta academia brasileira, segundo estudos realizados por José Maurício Capinussú e Lamartine Pereira da Costa em *Administração e Marketing nas Academias de Ginástica* (apud ALMEIDA, R., 1994, p. 21). Entretanto, verificamos que seu Centro de Cultura Física Regional, localizado na rua do Bananal, 4, distrito de Sant'ana, só seria registrado na Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública em 09 de julho de 1937, como afirma Almeida (1994, p. 28).

Ao criar a regional, Bimba procurou deixar a capoeira mais combativa, incluindo uma série de golpes. Entretanto, motivo de muita polêmica é a identificação da origem desses golpes. Jair Moura (1991, p. 23), discípulo de Bimba, afirma que a Capoeiragem Regional Baiana ou Luta Regional Baiana teria se originado da mistura do batuque e da capoeira, que tiveram seus golpes aperfeiçoados por Bimba. Encontramos a mesma explicação em Almeida (1994), na entrevista realizada com Manuel Nascimento Machado¹¹, conhecido como Nenel, filho de Bimba, e na biografia do recente relançamento do livreto do *Curso de Capoeira Regional* de mestre Bimba, escrita por Frederico de Abreu, em 2002.

¹¹ Entrevista realizada em 14.01.2002, em Salvador, Bahia.

Em *A Herança de Mestre Bimba* (1996), Angelo Decâncio Filho¹² trata da importante participação de Cisnando Lima, estudante de medicina e um dos muitos alunos brancos da classe dominante que Bimba teve. Segundo Decâncio, Cisnando, conhecedor do jiu-jitsu, que lhe foi ensinado por mestre Takeo Yano, e de halterofilismo, ajudou mestre Bimba a enriquecer o potencial bélico da capoeira pelo acréscimo de movimentos oriundos de outros processos africanos e alguns raros de outras origens, ampliando seus recursos pugilísticos. Sob uma nova denominação e com uma nova dinâmica, a capoeira pôde, então, ser aceita pela classe dominante. Esdras M. Santos (1996, p. 36) explica que Bimba teria se inspirado em golpes de jiu-jitsu, da luta greco-romana, do boxe e do batuque para modificar a capoeira angola, transformando-a na regional.

Wanderloir Rego (1968, p. 269) destaca que a regional “ [...]é a mesmíssima Capoeira Angola, apenas com a adoção de elementos novos europeus e orientais, resultando disso os chamados golpes ligados, não existentes na Capoeira Angola.”

De qualquer forma, como nos explicou Esdras M. Santos¹³, a aprendizagem de alguns golpes como, por exemplo, o *armiloque*, adaptação fonética e ortográfica do termo *arm lock*, comum na luta livre, era necessária para que os capoeiristas pudessem defender-se caso travassem lutas com atletas de outras artes marciais, como acontecia nas exibições ao público, nas quais entravam em combate capoeiristas e atletas de luta livre.

Nosso objetivo não é, entretanto, defender uma ou outra posição, pois não teríamos suporte técnico para precisar se a luta regional baiana teria seus golpes inspirados em lutas como o box, o jiu-jitsu e a luta greco-romana. Nesse caso, seria necessário um estudo comparativo para dirimir as dúvidas e contradições dessa discussão.

A criação da regional, de acordo com mestre Decâncio¹⁴, foi um processo gradual em que os discípulos ajudavam mestre Bimba na criação e no aprimoramento dos golpes. O próprio Decâncio teria sido responsável por criar o *martelo*¹⁵, golpe que também batizou e que, apesar de não ser muito bem visto, de início, por Bimba, acabou sendo incorporado à capoeira.

¹² Ângelo Decâncio Filho é atualmente o aluno mais antigo de Bimba. Conviveu com o Mestre durante muitos anos, sendo também seu médico e amigo.

¹³ Dados coletados a partir de conversas telefônicas mantidas em maio de 2002.

¹⁴ Entrevista realizada em 13.01.2002, em Salvador, Bahia.

Sob o ponto de vista político e social, mestre Bimba contribuiu sobremaneira para o reconhecimento da capoeira pela sociedade dominante e, conseqüentemente, para sua legalização. Nestor Capoeira (2001, p.72) assinala que Getúlio Vargas teria extinguido o Decreto-Lei que proibia a capoeira e os cultos afro-brasileiros. Apesar de não comprovarmos essa informação documentalmente, verificamos que a prática da capoeira já não aparecia mais no Código Penal Brasileiro de 1940, que reconhece em seu artigo 93, inciso I e alínea b, apenas a vadiagem e a ociosidade como crimes passíveis de pena privativa da liberdade.

Sob o ponto de vista técnico, desenvolveu uma metodologia de ensino que facilitava o aprendizado dos golpes, de modo que a capoeira pudesse ser aprendida com rapidez e eficiência. Essa metodologia tem como base oito seqüências de movimentos de ataque e defesa, que eram praticadas pelos alunos iniciantes. Essas seqüências podem ser consideradas pequenas simulações de jogo, em que a determinados golpes, os mais comuns da capoeira, correspondem certas defesas ou contragolpes, que os alunos devem praticar em dupla e aplicar em situações de jogo. As oito seqüências de Bimba totalizam dezessete movimentos.

O curso de capoeira regional era composto de três aulas semanais, com duração de uma hora cada. As aulas eram iniciadas com a prática da *cintura desprezada*, uma seqüência de movimentos de projeção realizados com a ajuda de um contramestre ou do próprio mestre, por meio da qual o aluno aprendia a cair bem, de pé. Em seguida, os alunos treinavam as seqüências sem acompanhamento musical. As oito seqüências de Bimba são adotadas até hoje por muitas academias e, em alguns casos, são adaptadas ou utilizadas como base para o desenvolvimento de outras seqüências (ALMEIDA, R., 1994).

Como explica Almeida (1994), após alguns meses de treinamento, o calouro, como chamavam os alunos novatos, já poderia ser batizado. No batizado, o aluno recebia seu apelido, seu nome de guerra, que poderia ter origem em suas características físicas ou psicológicas, em seu modo de vestir-se, em sua característica de jogo e até no bairro onde residia, como, por exemplo: Itapoan, Galo, Sacy, Acordeon, Salário Mínimo, Boina, Cabeludo, Camisa Roxa, Cascavel, Preguiça, Alegria, entre outros. Era no batizado também que o calouro jogava pela primeira vez ao som do berimbau. Ao som de *São Bento Grande*, toque que caracteriza a regional, um formado escolhido por

¹⁵ Termo definido no **Glossário**.

Bimba jogava com o calouro fazendo-o aplicar os golpes aprendidos e defender-se de suas investidas. Ao final, o mestre colocava o calouro no centro da roda, pedindo para que o formado lhe desse um apelido, batizando-o. Em seguida, como brincadeira, o formado dava uma *benção*¹⁶ no aluno, jogando-o no chão. Como acentua o Autor, o batizado é um evento criado por Bimba, não sendo realizado na capoeira antiga.

Após seis meses de capoeira, já batizado, o aluno passava por uma avaliação, que era realizada em quatro domingos seguidos no Nordeste de Amaralina, Academia do Mestre, para poder participar da formatura. Nesse evento, o mestre e todos os capoeiristas, formandos e formados, vestiam-se de branco, a cor de Oxalá. Inicialmente, os alunos formados faziam uma apresentação de regional ao som de um berimbau e dois pandeiros, que formam a orquestra da capoeira regional. Os alunos deviam mostrar o que haviam aprendido durante as aulas como a *cintura desprezada*, os balões e o jogo de floreio, no qual o capoeirista não poderia sujar suas roupas, a exemplo dos capoeiristas antigos, que saíam impecáveis das rodas, vestidos com seus ternos de linho branco, chamados *domingueiras*. Cada aluno recebia uma medalha de seu paraninfo e um lenço de seda de sua madrinha. Os lenços eram uma forma de retomar a tradição, homenageando os capoeiristas antigos, que os colocavam no pescoço para protegê-lo do corte da navalha, visto que esse instrumento não corta a seda. A formatura continuava, então, com rodas livres, em que todos os capoeiristas podiam participar, com o samba de roda, momento em que as mulheres participavam, e com samba duro, roda de samba exclusivamente masculina em que eram aplicadas rasteiras.

Após a formatura, havia o curso de especialização, que tinha a duração de três meses, dos quais dois eram ministrados na Academia e um na mata da Chapada do Rio Vermelho, onde aconteciam as emboscadas elaboradas por Bimba. Nesse curso, os alunos aprendiam a defender-se contra ataques de faca, navalha e cacetes. Ao final do curso de especialização, o capoeirista recebia um lenço vermelho, numa festa como a da formatura.

Na década de 60, um discípulo de Bimba publica um livreto denominado Curso de Capoeira Regional, que acompanhava o LP e a fita cassete lançados pela RC Discos/Fitas. O livreto traz uma breve biografia do mestre, escrita por Wilson Ribeiro, e quatorze lições, nas quais são apresentados trinta e dois movimentos e golpes da

¹⁶A definição deste termo está indicada no **Glossário**.

capoeira regional, que foram utilizados na elaboração do **Glossário** que apresentaremos a seguir. Esse livreto, acompanhado do CD, foi relançado pela JS Discos, em 2002.

Da década de 30 até a de 70, Bimba fez várias apresentações não só em Salvador como no país todo. Em 23 de julho de 1953, apresentou-se para o então presidente Getúlio Vargas no Palácio da Aclamação, em Salvador. Entusiasmado com a apresentação, disse o presidente: “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (*apud* Alves de Almeida, 1994, p. 44).

Em 1948, Esdras M. Santos, conhecido como Damião no meio capoeístico, e Garrido vieram para São Paulo para mostrar a capoeira regional baiana. Após demonstrações ao empresário Jacob Naun, a Kid Jofre, a Higino Zumbano e a Matuk, todos relacionados ao pugilismo e a Kid Prat, empresário de luta livre, os capoeiristas conseguiram que fosse estabelecido um contrato para apresentações de mestre Bimba e de seus discípulos Brasilino, Clarindo, Garrido, Damião, Adib, Jurandir, Perez e Edevaldo, em São Paulo. As apresentações aconteceram no ginásio do Pacaembu, em fevereiro e março de 1949. As primeiras apresentações foram apenas entre capoeiristas. No entanto, finda a novidade, foram realizadas disputas combinadas entre capoeira e luta livre, sendo os resultados das lutas praticamente proporcionais para cada modalidade. Mestre Bimba, entretanto, não concordando com essas disputas, voltou para Salvador com Brasilino, seu compadre, e Edevaldo, seu filho. O mesmo grupo que lutou em São Paulo foi para o Rio de Janeiro para enfrentar lutadores de luta-livre e os capoeiristas cariocas treinados por Sinhozinho, Agenor Sampaio (SANTOS, 1996).

O *I Simpósio Brasileiro de Capoeira*, realizado em 1968, no Rio de Janeiro, não contou com a presença de mestre Bimba, que enviou Angelo Decânio Filho como representante. Entretanto, no ano seguinte, decidiu ir ao *II Simpósio Brasileiro de Capoeira*, patrocinado pela Academia da Força Aérea, com seus alunos formados: Angelo Decânio, Luciano Galo, César Itapoan e Josevaldo Sacy. Após o primeiro dia de debates, achando absurdas as propostas de unificação, nomenclatura, regras e outros “modismos”, decidiu não aparecer no segundo dia e voltar a Salvador (ALMEIDA, R., 1994, p. 55)

Após uma visita a Goiânia, em 1971, na qual fez os exames dos alunos de Oswaldo de Souza e foi recebido pelo prefeito da cidade e pelo governador do estado, com vários convites para ensinar sua capoeira, vendeu seus bens em Salvador e mudou-se para a cidade de Goiânia. Os convites que havia recebido eram, na realidade,

promessas que não se cumpriram, e o mestre teve de sustentar a família com aulas e apresentações. Mestre Bimba morreu em 5 de fevereiro de 1974, em Goiânia. Anos mais tarde, seus discípulos levariam seus restos mortais de volta a Salvador.

2.2.2. Mestre Pastinha

Vicente Ferreira Pastinha, mais conhecido como mestre Pastinha, nasceu em Salvador, em 05 de abril de 1889.

Seu primeiro contato com a capoeira aconteceu aos dez anos de idade. Nessa época, o africano Benedito, cansado de ver o menino franzino apanhar de um garoto mais forte, ofereceu-se para dar aulas de capoeira a Pastinha, que, então, começou a aprender os princípios da mandinga.

De acordo com informações colhidas nos *Manuscritos de Mestre Pastinha*, obra organizada e disponibilizada na Internet por Angelo Decânio Filho, o mestre começou a ministrar aulas de capoeira ainda garoto, na Escola de Aprendiz de Marinheiro, em Salvador, entre os anos de 1902 e 1909. Em 1910, Pastinha começa a lecionar na rua Santa Izabel, mas acaba deixando a função de instrutor de capoeira dois anos mais tarde. Somente em 1941, quando grandes mestres da capoeira baiana, entre os quais, Amosinho, Aberrê, Antônio Maré, Daniel Noronha, Onça Preta, Livino Diogo, Olímpio, Zeir, Vitor H.U, Alemão - filho de Maré, Domingos Magalhães, Beraldo, Izaque dos Santos, Pinião, José Chibata, Ricardo B. dos Santos convidam mestre Pastinha para dar aulas no centro de capoeira que pretendiam formar e que o próprio Pastinha denominou CECA - Centro Esportivo de Capoeira Angola, é que o mestre volta ao mundo da capoeira. O Centro é fechado logo depois da morte de Amosinho. Em 1944, Pastinha tenta reabrir o Centro, mas não obtém sucesso. Cinco anos mais tarde, Pastinha, Athaydio Caldeira e Aurelydio Caldeira reabrem o CECA na rua do Bigode. Nessa época, foram feitas as primeiras camisas do Centro, representado pelas cores preta e amarela. Em 1955, Pastinha e Daniel Angelo dos Reis, seu novo sócio, instalam o CECA no Pelourinho nº 19, sendo auxiliados pelos amigos Wilson Lins, presidente do Centro, Dr. Tancredo Teixeira, Sr. Alfredo, Alain Melo, Mario Cravo, Caribé, Geraldo Lessa, entre outros.

Mestre Pastinha contava com amigos ilustres entre os quais o escritor Jorge Amado e Caribé, escritor e pintor argentino radicado em Salvador. A popularidade de mestre Pastinha e o respeito por seu trabalho no CECA levaram-no a ser convidado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil para fazer parte da delegação brasileira levada ao I Festival Internacional de Artes Negras, em Dakar, em abril de 1966 (REGO, 1968, p. 275).

Em 1968, mestre Pastinha deixa sua contribuição com os Manuscritos de Pastinha e com o livro *Capoeira Angola*, no qual há uma breve introdução sobre a capoeira e a apresentação de movimentos como a ginga, a *bananeira* e os sete principais golpes da capoeira angola, que são: a *cabeçada*, a *rasteira*, o *rabo de arraia*, a *chapa de frente*, a *chapa de costas*, a *meia-lua* e a *cutilada de mão*. Acredita-se que esse livro tenha sido escrito por um discípulo.

Mestre Pastinha, acometido pela cegueira, viveu seus últimos dias esquecido num quatinho simples, morrendo em 1981, aos 92 anos de idade.

Ao lado de mestre Bimba, mestre Pastinha era um dos ícones da capoeira baiana. Cada um deles era representante de um estilo de capoeira: o primeiro, o criador da Regional, o último, o filósofo da capoeira angola.

Muitos capoeiristas, principalmente os novatos, se perguntam o porquê de mestre Pastinha ter ganhado mais fama do que outros mestres de capoeira angola, como Aberrê, Traíra, Cobrinha Verde, mesmo tendo ficado tanto tempo afastado de sua prática, de 1912 a 1941. Além de seu carisma natural, explica Angelo Decânio¹⁷, como estava afastado do ensino da capoeira, Pastinha era um indivíduo neutro, não tinha diferenças com outros capoeiristas, e era alfabetizado, podendo representar bem o CECA.

Alguns discípulos de Pastinha, como João Grande, atualmente radicado nos Estados Unidos, e João Pequeno, que continua a lecionar em sua academia em Salvador, dão continuidade ao trabalho do mestre. Atualmente mestre Moraes, discípulo de João Grande, é um dos maiores defensores da capoeira angola e de suas tradições na Bahia.

¹⁷ Entrevista realizada em 13.01.2002, em Salvador, Bahia.

3. O Jogo

O jogo da capoeira exige a participação de dois jogadores, uma roda¹⁸ formada de pessoas que podem ou não jogar, mas que participam indiretamente batendo palmas e respondendo ao coro das cantigas, e de uma bateria ou orquestra, formada por um berimbau e dois pandeiros, na capoeira regional, ou por três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco, na angola.

A capoeira é caracterizada pela *ginga*, movimentação constante do capoeirista de um lado para o outro, a partir da qual são executados os golpes e realizadas as defesas. Nesse jogo, os participantes não mantêm contato corpo a corpo, como no judô e no boxe. Portanto, a execução dos golpes exige certa distância, que deve ser calculada com base no espaço necessário para se desferir com segurança um golpe no adversário. Outro componente importante é a mandinga, o engodo, a enganação, que faz o oponente pensar que o capoeirista vai dar um golpe, mas na realidade refuga ou executa um outro.

O berimbau¹⁹ é que comanda o ritmo de jogo, por isso cada toque exige uma movimentação diferente, às vezes mais rápida, mais vagarosa, um jogo de floreio, com golpes mais elaborados, ou um jogo mais duro e ágil. Wanderloir Rego (1968, p. 59-60) apresenta várias listas de toques executados pelos principais mestres de capoeira. Entre eles, destacamos os toques executados por mestre Bimba: São Bento Grande, Banguela, Santa Maria, Idalina, Cavalaria, Iúna e Amazonas; e por mestre Pastinha: São Bento Grande, São Bento Pequeno, Angola, Santa Maria, Cavalaria, Amazonas e Iúna.

Como explicamos anteriormente, a orquestra da capoeira regional é formada por um berimbau e dois pandeiros. As pessoas que formam a roda ficam em pé, batendo palmas e respondendo ao coro das cantigas. Para entrar numa roda em andamento é preciso passar à frente do berimbau, como se pedisse autorização para jogar, e esticar os braços em direção ao capoeirista com quem se pretende jogar, o que indica que ele está “comprando o jogo”. Nesse momento, o outro jogador retira-se e um novo jogo se inicia.

¹⁸ A roda delimita o espaço em que o jogo se desenvolverá.

¹⁹ Édison Carneiro (1977) descreve detalhadamente o emprego do berimbau na capoeira e suas variações.

A bateria ou orquestra de capoeira angola é formada pelos seguintes instrumentos: três berimbaus, dos quais, um gunga²⁰, um berra-boi²¹ e um viola²², um ou dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco. Segundo Pastinha, a viola também era utilizada na orquestra em tempos antigos. A orquestra é disposta em meia-lua, formando parte da roda.

O jogo de capoeira angola envolve uma série de rituais, tendo início com dois capoeiristas agachados ao pé do gunga, que abre a roda com os primeiros toques, seguidos dos dois outros berimbaus, o berra-boi e o viola, e dos pandeiros. Inicia-se, então, o canto da ladainha, momento de concentração para os capoeiristas, que precede o canto de entrada, quando outros instrumentos passam a ser tocados e a bateria responde em coro o verso do cantador. O canto de entrada termina com a frase “que o mundo dá”, que indica o início do jogo. Em seguida, canta-se o corrido, que determina o tipo de jogo dos capoeiristas. Após ouvirem as cantigas e fazerem suas orações, os capoeiristas colocam a ponta dos dedos no chão, fazem o sinal da cruz e cumprimentam-se, apertando as mãos. Depois desses procedimentos, os capoeiristas dão início ao jogo, que começa no chão, caracterizando o *jogo de dentro* e o jogo passa a se desenvolver de acordo com o ritmo impresso pelo berimbau. Para terminar, o berimbau chama-os por meio de um toque especial. Ouvindo o aviso, os capoeiristas agacham-se novamente ao pé do berimbau, apertam as mãos e encerram o jogo (BOLA SETE, 1997, p. 70).

²⁰Berimbau cujo tamanho da cabaça é médio em relação à verga. Este berimbau ocupa uma função importante no jogo, pois ele dita o ritmo, ficando nas mãos do mestre de bateria.

²¹Berimbau cuja cabaça, maior do que a média, emite som grave.

²²Berimbau cuja cabaça, menor do que a média, emite som agudo.

4. A Esportização da Capoeira

Em *Conversando sobre Capoeira...*, publicado em 1996, Esdras M. Santos propõe uma divisão cronológica da capoeira regional que nos auxilia na compreensão de seu desenvolvimento.

Na primeira fase, **inicial ou de criação** (1930 a 1937), Bimba, juntamente com Cisnando Lima e Ruy Gouveia, desenvolve sua luta regional baiana, estabelecendo sua academia.

Na segunda fase, **consolidação** (1938 a 1966), a capoeira regional, com suas feições definidas, vai ganhando terreno e os discípulos de Bimba como Esdras, Garrido, Peres, entre outros, começam a apresentar-se em outros estados. Nessa fase, Angelo Decânio Filho destaca-se como aluno e médico de mestre Bimba.

Na terceira fase, **propagação** (1967 a 1973), há uma grande migração de capoeiristas baianos para São Paulo e Rio de Janeiro. Migram para São Paulo os representantes da capoeira angola Ananias, Valdemar Angoleiro, Brasília, Silvestre e Limão e os da regional Joel, Suassuna, Paulo Gomes, entre outros. Esses capoeiristas vêm para São Paulo em busca de melhores condições de vida, trabalhando em diversos ofícios durante o dia e dando aulas de capoeira durante a noite. Foi assim que mestre Brasília, pedreiro, e mestre Suassuna, office-boy, abriram a Academia Cordão de Ouro, localizada no bairro de Santa Cecília. Foi nessa época que começaram a surgir as primeiras academias em São Paulo.

Para o Rio de Janeiro vai Arthur Emídio, que abre sua academia nos subúrbios cariocas. Em Ipanema, no início da década de 60, um grupo de adolescentes formado por Paulo Flores e Rafael, que haviam tido algumas aulas com mestre Bimba em Salvador, e Gato e Gil Velho, começa a treinar por conta própria e, mais tarde, com o auxílio de alunos de Bimba como Preguiça, Anzol, Camisa Roxa e Camisa constituem o grupo Senzala. Esse grupo formou capoeiristas como: Nestor Capoeira, Toni Vargas, Cláudio “Moreno”, entre outros. O grupo Senzala tornou-se muito famoso entre fins da década de 60 e inícios da década de 70, vindo a fragmentar-se em 1974, quando seus componentes resolveram trabalhar individualmente, abrindo suas próprias academias, como Camisa, fundador do Abadá, grupo de capoeira com diversas escolas no Brasil e no exterior (CAPOEIRA, 2001).

Nessa mesma época, em Curitiba, mestre Burguês funda o Grupo Muzenza.

Em Salvador, Bimba forma discípulos como Jair Moura, Ubirajara Guimarães Almeida (Acordeon) e Raimundo César Alves de Almeida (Itapoan), que são responsáveis pela produção de importante bibliografia sobre a história da capoeira, notadamente da regional, e sobre a vida de mestre Bimba, material que utilizamos como parte do nosso *corpus* de análise e como fonte para a elaboração deste histórico, ao lado de outros trabalhos. Não podemos esquecer também de José Andrade Bittencourt (Vermelho) e de Ezequiel Martins Marinho, que deram continuidade à academia de mestre Bimba quando este foi para Goiânia.

Na quarta fase, **contemporânea** (1974 até os dias atuais), a capoeira, principalmente a paulista, é marcada pela mesclagem dos estilos angola e regional. Esses estilos conviviam pacificamente na Academia Cordão de Ouro, fundada, como já observamos, por Suassuna, da capoeira regional, e por Brasília, representante da angola. Foi também nesse período que a capoeira ganhou caráter internacional, sendo levada para a Europa por mestres e praticantes desse jogo.

Com relação ao número de golpes, Santos (1996, p. 43) observa:

Um fato interessante é que nessa fase contemporânea (ano de 1995), a Capoeira Regional já possui 90 (noventa) golpes anotados. Creio que tal inflação de golpes só pode ter ocorrido em função do desdobramento dos golpes fundamentais.

Mesmo sendo reconhecida como luta nacional, a capoeira ganha *status* de esporte com a criação da Federação Paulista de Capoeira em 14 de julho de 1974, que resultou da união de representantes de algumas academias paulistas, entre as quais: Associação K'poeira, representada por Airton Neves Moura; Associação Fonte do Gravata, por Sérgio Médice Dieston; Associação São Bento Pequeno, por Djamir Pinatti; Associação Capoeira Zumbi, por Edson Oliveira Lima; Associação de Capoeira Santo André, por José Andrade; e Associação de Capoeira Melo, por Antônio Melo. Em seguida, foi criada a Federação Carioca de Capoeira.²³ Nesse mesmo ano, a capoeira passa a integrar os esportes universitários quando Gladson Oliveira Silva a introduz

²³Essas informações foram obtidas por meio de entrevista com Gladson Oliveira Silva, mestre de capoeira e docente dessa modalidade no CEPEUSP. Foi Diretor Técnico da Federação Paulista de Capoeira na época de sua criação.

entre os cursos oferecidos pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo.

Em 1985, a capoeira é incluída nos Jogos Estudantis Brasileiros, JEBS, que reúnem alunos de escolas do ensino fundamental e médio de todo o país. Entretanto, em 1991, em virtude da troca dos Secretários de Desportos, a capoeira é excluída das atividades dos JEBS, voltando apenas em 1994 (BARBIERI, 1994).

O próximo passo para a esportização da capoeira foi a criação da Confederação Brasileira de Capoeira em 23 de outubro de 1992. Portanto, até essa data, as federações de capoeira de todo o país constituíam um dos departamentos da Confederação Brasileira de Pugilismo, única existente no país. Essa relação era estritamente burocrática, pois cada federação tinha autonomia para estabelecer e organizar campeonatos.

Outra conquista da capoeira-esporte foi o seu reconhecimento pelo Comitê Olímpico Brasileiro, em 1995. Quatro anos mais tarde, em 1999, é criada a Federação Internacional de Capoeira (FICA), que tem como objetivo homogeneizar as regras, a denominação dos movimentos, a formação dos professores de capoeira e o sistema de graduação, identificado por meio de cordões que representam as cores da bandeira brasileira.²⁴

Há uma séria divergência entre a política das federações estaduais, brasileira e internacional, e os grupos de capoeira existentes. A maioria dos grupos visa à autonomia e à prática de uma capoeira criativa, livre de regras. Portanto, muitos deles não são filiados à Federação. De acordo com Sérgio Luiz de Souza Vieira, presidente da FICA, as federações querem que as regras concernentes à capoeira sejam bem-definidas, para que a capoeira seja praticada de forma homogênea em qualquer parte do país e do mundo, salvaguardando as origens brasileiras do esporte.

Essa tentativa de homogeneização resultou numa lista de golpes oficiais, que foram estabelecidos em reuniões com representantes da capoeira baiana, discípulos de Bimba e das federações, especialmente, a paulista, representada por Valentim Rodolfo Muzzareli²⁵, em 2001. Como podemos perceber pela evolução histórica da capoeira, o vocabulário utilizado para referir-se aos golpes, considerado gíria no início do século

²⁴ Entrevista realizada com Sérgio Luiz de Souza Vieira, presidente da Confederação Brasileira de Capoeira e da Federação Internacional de Capoeira, em 27.02.2002, em São Paulo.

²⁵ Entrevista realizada com Valentim Rodolfo Muzzareli, em 14.03.2002, em Araras, São Paulo.

XX, tornou-se, pelo reconhecimento social e também pela sistematização da capoeira como esporte, uma terminologia.

Atualmente, vêm sendo incorporados vários movimentos acrobáticos na capoeira, como reversões para frente, para trás, saltos, executados principalmente em apresentações. Entretanto, neste trabalho nos concentraremos nos movimentos mais tradicionais, visto que nosso *corpus* é formado por manuais, nos quais não encontramos tais movimentos.

Além de ser reconhecida como esporte na década de 70, a capoeira tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento como Sociologia, História e Educação Física, desde a década de 90, resultando daí várias dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

5. O que é Capoeira, afinal?

Com base neste histórico, podemos verificar que a capoeira assumiu diversas facetas ao longo de seu desenvolvimento e, dependendo da abordagem, pode ser entendida como esporte, luta, dança ou jogo.

Como defesa dos negros, a capoeira foi empregada como luta, o que destaca seu caráter ofensivo, que também pode ser aplicado num contexto de combate nos dias atuais. No início do século XX, os militares também a consideravam uma luta, elegendo-a mesmo como a arte marcial brasileira. Quando a consideramos um jogo, enfatizamos seu aspecto lúdico, a participação dos capoeiristas num diálogo estratégico e constante de corpos, sem que haja, necessariamente, a intenção de machucar o oponente.

A capoeira-esporte pode ser entendida como uma modalidade para o aprimoramento das qualidades físicas do homem e sua integração social, com organização técnica visando também à realização de campeonatos.

Diferentemente de outras lutas ou artes marciais, a capoeira se caracteriza pelo acompanhamento musical, que comanda o ritmo de jogo e que, somado à movimentação, confere à capoeira características de dança.

A capoeira é, em sua essência, ambígua e a diversidade de abordagens e apenas consequência de sua aplicação ou adaptação de acordo com os objetivos de quem a pratica e da situação em que é empregada.

Na elaboração deste trabalho, consideramos a capoeira um jogo, um sistema de ataque e defesa desenvolvido pelos negros africanos no Brasil, procurando abordar seus aspectos técnicos na descrição dos movimentos e golpes que a constituem. Além disso, destacamos que nossa linha de pesquisa também aponta para a capoeira-esporte, visto que seu reconhecimento possibilitou a organização de uma bibliografia e nomenclatura que foram essenciais para a realização deste trabalho.

IV. GLOSSÁRIO

1. Apresentação

O *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira* apresenta oitenta verbetes, organizados em ordem alfabética. Este trabalho tem o objetivo de auxiliar os praticantes da capoeira, principalmente os iniciantes, servindo como uma referência de pesquisa e de identificação dos principais movimentos e golpes desse jogo. Além disso, esse conjunto de termos é a base para os estudos lingüísticos que desenvolveremos nesta Dissertação.

A terminologia da capoeira é muito complexa, visto que as denominações variam de mestre para mestre, de região para região e de época para época, o que tornou este trabalho um desafio à pesquisa. Decidimos tomar, portanto, como referência materiais escritos sobre capoeira publicados a partir de 1960, pelos mestres Bimba e Pastinha, duas grandes personalidades da capoeira brasileira, por seus discípulos e também livros sobre capoeira com circulação nacional ou de grande divulgação. Auxiliaram também na determinação da freqüência de certas denominações a Nomenclatura Oficial da Federação Internacional de Capoeira e as listagens de movimentos e golpes dos XIV Jogos Estudantis Brasileiros (JEBS), realizados em 1985. Com base nesse material, selecionamos os movimentos e golpes mais freqüentes, ou seja, que apareceram pelo menos duas vezes nos manuais consultados.

Gostaríamos de salientar que este trabalho tem caráter descritivo, visando apresentar os termos coletados bem como suas variantes e sinônimos dentro do universo do material pesquisado, sem indicações ou propostas de termos novos ou apropriações dos termos encontrados. Entretanto, foi necessária nossa interferência na escolha dos termos de entrada dos verbetes nos casos em que havia variantes ou sinônimos. Quanto à sinonímia, também tivemos de selecionar o termo cujo verbete recebeu a definição, que foi, via de regra, o termo mais freqüente no *corpus*, ou seja, que apareceu pelo menos mais de duas vezes nos manuais e nas listas de referência. Nos casos em que a freqüência não foi, por si só, um critério suficiente, tomamos como base os termos utilizados pelos mestres citados anteriormente.

Quanto à polissemia, tratada neste **Glossário** em verbetes separados, observamos casos em que há variações importantes na realização do movimento, que, no entanto, mantém a mesma denominação, como é o caso de **negativa**. Em outros casos, a polissemia ocorre porque determinado movimento, mesmo mantendo suas

características essenciais, é realizado de maneira diferente em determinada variação de capoeira, como a angola, a regional e a capoeira praticada em nossos dias, que também tem influência da capoeira praticada no Rio de Janeiro, no início do século XX.

É importante ressaltar que a capoeira é dinâmica e que, durante um jogo, os movimentos são adaptados às condições e à necessidade do capoeirista, podendo sofrer variações, de que, salvo quando não foram notadamente recorrentes, decidimos não tratar. Outra observação importante é que para descrever os movimentos e golpes, principalmente aqueles aplicados com os membros inferiores, usamos como referência de posição de partida a **ginga**. Consideramos, portanto, estar o capoeirista com um pé diante do outro, ou seja, um em posição anterior e outro em posterior. No jogo, os movimentos e golpes podem partir de outras posições, de acordo com os ataques e defesas realizados.

Para auxiliar a compreensão e visualização dos movimentos, apresentamos ilustrações daqueles mais comuns ou de realização mais complexa, pois a imagem é uma importante ferramenta complementar para as informações lingüísticas, que, no caso de uma manifestação corporal como a capoeira, são, não raro, insuficientes. As ilustrações foram feitas por Reinaldo Uezima, com base em fotos de rodas de capoeira e em figuras constantes do *corpus* consultado.

Microestrutura

Os verbetes deste trabalho foram estruturados com base no *Glossário de Termos Neológicos da Economia*¹, organizado por Ieda Maria Alves, no qual tivemos participação como colaboradora.

Os verbetes deste **Glossário** contam com quatro campos essenciais: termo, referências gramaticais, definição e contexto(s).

Há também a presença de campos facultativos, ou seja, que são acrescentados apenas em alguns casos como: variante(s), nota(s), sinônimo(s) e remissivas(s).

É importante observar que, nos casos de sinonímia, o campo definição é preenchido apenas no verbe do termo mais freqüente ou escolhido com base nos critérios mencionados anteriormente. Nos demais verbetes, há uma remissiva indicada pela palavra **Ver**.

¹ Esse trabalho, publicado em 1998, nos Cadernos de Terminologia, 3, faz parte do projeto “Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo”, desenvolvido na Universidade de São Paulo, sob a coordenação da Profa. Dra. Ieda Maria Alves.

A seguir, detalharemos os campos essenciais e facultativos que constituem este **Glossário**.

Termo

No campo **termo**, apresentamos as unidades terminológicas selecionadas em nosso *corpus* e definidas neste **Glossário**, em forma lematizada, ou seja, substantivos no masculino singular e verbos no infinitivo. Devemos salientar que alguns substantivos são utilizados no gênero feminino, caso em que mantivemos o termos no gênero em que são utilizados, pois a alteração implicaria mudança de sentido.

Quanto à formação, verificamos termos simples, como **ginga**, **guarda**; termos formados por derivação, como **cocorinha** e **escorão**; termos formados por composição, como **corta-capim**, **quebra-mão** e **vôo-do-morcego**; e também termos formados por composição sintagmática, como **banda traçada** e **tesoura de costas**.

Os elementos que constituem as formações sintagmáticas são formados basicamente por substantivo e adjetivo (**banda traçada**, **esquiva lateral**,) e por substantivo, preposição e substantivo (**chapa de costas**, **rabo de arraia**).

Na maioria dos casos, as unidades terminológicas da capoeira já existem na língua comum e são empregadas em sentido figurado, como **bênção**, **leque** e **martelo**.

Quando o termo é polissêmico, optamos por apresentar as definições em verbetes distintos para facilitar a consulta do usuário, fazendo remissões uns aos outros e identificando esses termos com um número arábico sobrescrito, que denota a ordem de frequência ou importância observada no corpus. Em alguns casos, quando a polissemia deve-se a estilos de capoeira diferentes, convencionamos indicar em primeiro lugar o conceito relativo à capoeira regional, visto que os manuais consultados são, em sua maioria, sobre esse estilo de capoeira.

Referências gramaticais

No campo **referências gramaticais**, indicamos a classe a que pertence o termo e, quando este é um substantivo, informamos também sobre seu gênero.

Neste **Glossário**, os sintagmas nominais são classificados como substantivos, pois denominam um único conceito. No único caso em que observamos um sintagma verbal, **plantar bananeira**, este foi classificado como verbo, pois se refere a uma ação específica. Os demais verbos registrados foram: **esquivar** e **gingar**.

Definição

Nesse campo, apresentamos a definição do termo. Com base nas características dessa terminologia, a definição por análise e descrição pareceu-nos a mais adequada. Portanto, apresentamos inicialmente um termo genérico e, em seguida, as características que individualizam o termo, ou seja, que o diferenciam dos outros que pertencem à mesma área.

Devemos salientar que, para diferenciarmos os movimentos e golpes, precisamos descrever sua execução, o que torna a definição bastante extensa. O que diferencia movimento de golpe neste **Glossário** é o caráter ofensivo do segundo. Uma cocorinha, por exemplo, é um exemplo de movimento, pois não visa a atingir um alvo, mas a evitar um golpe. A classificação dos movimentos em lineares, ou seja, que descrevem uma trajetória em linha reta, semigiratórios, que descrevem uma trajetória em semicírculo, e giratórios, cuja trajetória é circular, partiu de discussões com mestres de capoeira. Por outro lado, para qualificarmos os movimentos como traumatizantes e desequilibrantes, baseamo-nos na obra *A Saga de Mestre Bimba*, de Raimundo César Augusto de Almeida, mestre Itapoan, publicada em 1994. Entretanto, devemos salientar que os golpes podem ser traumatizantes ou desequilibrantes, dependendo da intensidade com que são aplicados. Um golpe traumatizante, como a **cabeçada**, pode provocar o desequilíbrio do jogador que recebe o ataque. Dessa forma, lembramos que essa classificação é meramente didática. Há, também, os movimentos de projeção, que envolvem a elevação e lançamento do corpo, e que são característicos da **cintura desprezada**². Os movimentos que classificamos como de floreio são aqueles utilizados para tornar o jogo mais bonito, mais elaborado e envolvem saltos e movimentos de execução mais trabalhosa.

É importante notar que todas as definições foram redigidas de acordo com os contextos apresentados.

Com base na dissertação de Mariangela Araujo (2001, p. 73), decidimos também colocar em negrito os termos utilizados na redação das definições e das notas que fazem parte da macroestrutura do **Glossário**. Como salienta a Autora, esse procedimento facilita a consulta do usuário que não conhece o termo utilizado na definição.

Contexto

No campo denominado **contexto**, registramos um ou mais fragmentos de texto nos quais aparece o termo, delimitando-o, de modo que forme uma unidade de sentido completa. Na maioria das vezes, escolhemos um contexto definitório ou explicativo, que é destacado dos demais campos do verbete com o texto em itálico. Todos os grifos indicados no campo contexto constam dos textos originais, sendo, portanto, dos autores dos livros utilizados. Entretanto, como em alguns manuais nos deparamos com listas acompanhadas de ilustrações, não raro tivemos de utilizar fragmentos das listas de termos. Buscamos registrar, quando possível, o contexto mais elucidativo.

Apresentamos dois ou mais contextos quando o termo possui variantes ou quando é observado em vertentes de capoeira distintas, representadas pelos autores utilizados.

Destacamos o termo sob análise com os sinais < >, que servem para delimitá-lo das outras palavras que integram o contexto. O sinal [...] indica que foi omitida alguma parte do fragmento transcrito.

As referências contextuais, ou seja, o nome do autor, o ano de publicação da obra e a página em que o termo foi encontrado, são apresentadas no final de cada contexto. As referências bibliográficas completas correspondentes às referências contextuais são apresentadas no subitem três deste capítulo. Nesse subitem, relacionamos os livros que constituíram nosso *corpus*, bem como as listas complementares que nos auxiliaram a determinar a frequência dos termos.

Variante (s)

Nesse campo, indicado pela forma abreviada Var., registramos as variações ortográficas, o apagamento de termos constituintes do sintagma registrado como termo de entrada e também os sintagmas que deram origem aos termos de entrada, com eles concorrendo.

As variações ortográficas que observamos se referem ao emprego de hífen, que demonstra o sentimento de unidade do usuário, que enxerga no sintagma um único termo. Como a capoeira apresenta uma terminologia em formação, observa-se uma certa instabilidade no emprego desse sinal gráfico. A nomenclatura oficial da Federação Internacional de Capoeira não adota o hífen. Entretanto, como nosso trabalho tem

caráter descritivo, apresentamos os termos grafados com hífen que concorrem com os termos sintagmáticos de entrada, mais freqüentes, como, por exemplo, **balão-de-lado**, forma variante de **balão de lado** e **chapéu-de-couro**, que concorre com o termo sintagmático **chapéu de couro**. Em outros casos, observamos a troca de vogais devido à influência da língua oral como **escorrumelo** e **escurrumelo**.

Indicamos também uma variante de caráter morfológico, com o apagamento da marca de plural em **banda-de-costa**, variante de **banda de costas**.

Há, ainda, casos de elipse, apagamento de um dos elementos do sintagma. Verificamos que, ao contrário do que ocorre normalmente, o termo apagado é o determinante e não o determinado, como em **meia lua**, variante de **meia-lua de frente e chapa**, variante de **chapa-de-costas**.

Registramos também casos em que o termo de entrada é o resultado de uma elipse do sintagma que lhe deu origem, que registramos como uma variante, visto que é menos recorrente. Entre esses casos está o termo **armada**, cuja variante é **armada solta**. Outro exemplo é **cutilada de mão**, que originou o termo **cutila**, que, mais curto do que o anterior, pela elipse e pela apócope da sílaba *da*, refletindo uma economia lingüística, mostrou-se mais freqüente.

Todas as variantes são ilustradas com um fragmento de texto, que apresentamos no campo contexto.

Nota

No campo Nota, incluímos informações enciclopédicas, referentes à execução de alguns movimentos, que não foram incluídas na definição, e ao estilo de capoeira a que pertence determinado movimento ou golpe, indicando-o por meio das expressões Cap. Angola, Cap. Regional e Cap. Carioca, principalmente nos casos de polissemia e de sinonímia, e também quando determinado movimento é característico de um estilo particular.

Sinônimo(s)

Nesse campo, registramos as relações sinonímicas entre os termos repertoriados. O sinônimo é indicado apenas no verbete principal, que contém a definição e que se refere ao termo mais freqüente, fazendo uma remissiva ao sinônimo menos freqüente. No verbete correspondente ao sinônimo menos freqüente, apresentamos um contexto

ilustrativo e o remetemos ao termo mais freqüente com a inclusão da palavra Ver, que antecede o termo a ser consultado, como mostra o exemplo:

sapinho sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista, de costas para o companheiro, assume a posição de cócoras e, com o apoio das mãos no solo, eleva as pernas, flexionadas, lançando-as em direção ao companheiro.

... do volteio do aú realizamos ...

rolê no aú ... leque no aú ... joelhada no aú ... corte no aú ... tesoura ... ponteira ...

<sapinho> ... aú encurugido ... aú fechado ... aú espichado e arqueamento para trás...

(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

Sin. **coice**

coice sm

Ver **sapinho**

Como o nome dá a entender, o <coice> é um golpe que se desfere com os dois pés, no peito ou no estômago. Ao pretender dar um "coice", o lutador, partindo de uma posição voltada para o adversário, gira o corpo apoiando as mãos no chão e dando-lhe as costas. Subitamente, encolhendo as pernas e erguendo-as, lançamos os pés juntos na direção do alvo escolhido. (COSTA, 1971, p. 69)

Remissiva(s)

As remissivas, representadas pela forma abreviada Cf., relacionam os termos que constituem o **Glossário**. Esse campo indica termos que mantêm relações de caráter hiponímico ou hiperonímico, como **esquiva lateral** e **esquiva** e também **açóite de braço** e **cintura desprezada**². Neste último caso, o **açóite de braço** é um dos movimentos de projeção que formam a **cintura desprezada**². Nesse campo, também são indicados os termos incluídos na definição, como **armada** e **ginga, s dobrado e rasteira** e nas notas como **tesoura** e **aú**. As remissivas também relacionam os termos

polissêmicos como **negativa**¹, **negativa**² e **negativa**³, e os verbos aos movimentos a ele correspondentes, como **ginga** e **gingar**.

2. Abreviaturas Utilizadas no Glossário

Cap.	capoeira
Cf.	conferir
f	feminino
m	masculino
p.	página
s	substantivo
Sin.	sinônimo
v	verbo
Var.	variante

3. Corpus Utilizado para a Coleta de Termos

3.1. Livros

ALMEIDA, Raimundo César. *Mestre “Atenilo”: o “relâmpago” da capoeira regional*. 2. ed. Salvador, 1991.

_____. *A saga de mestre Bimba*. Salvador, 1994.

ALMEIDA, Ubirajara. *Água de beber camará! Um bate-papo de capoeira*. Salvador: EGBA, 1999.

BOLA SETE, Mestre. *A capoeira angola na Bahia*. 2. ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

CAMPOS, Hélio, Mestre Xaréu. *Capoeira na escola*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COSTA, Lamartine P. da. *Capoeira sem mestre*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971.

DECÂNIO FILHO, Ângelo A. *A herança de Mestre Bimba*. Salvador, 1996a. (Coleção São Salomão 1). Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

_____. *A herança de Pastinha: a metafísica da capoeira*. Salvador, 1996b. (Coleção São Salomão 3). Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

LOPES, Augusto José F. *Curso de capoeira em 145 figuras*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

MESTRE BIMBA. *Curso de capoeira regional*. Salvador: RC Discos/Fitas, [1966?].1 disco. Livreto

MESTRE BIMBA. *Curso de capoeira regional*. Salvador: JS Discos, 2002.1 CD.
Livreto

MOURA, Jair. *Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem*. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1991.

PASTINHA, Vicente F. *Manuscritos de mestre Pastinha*. Salvador, [196-?]. Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

_____. *Capoeira angola por mestre Pastinha*. 2 ed. Salvador: Nossa Senhora de Loreto, 1968.

REGO, Wanderloir . *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoã, 1968.

REIS, Leticia V. de S. *Negros e brancos no jogo da capoeira: reinvenção da tradição*. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SANTANA, Mestre. *Iniciação à capoeira*. São Paulo: Ground, 1985.

SILVA. Gladson O. *Capoeira: do engenho à universidade*. 2 ed. São Paulo, 1995.

SOUZA, Osvaldo de. *Capoeira Regional com mestre Osvaldo de Souza*. Goiânia, [198-]

3.2. Listas Extraídas de Regulamentos

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA. *Regulamento Internacional de Capoeira*. São Paulo, 1999.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA. *Regulamento Internacional de Capoeira*. Vitória, 2001.

REGULAMENTO TÉCNICO DA CAPOEIRA. XIV Jogos Estudantis Brasileiros In: BARBIERI, César (Org.). *Capoeira nos JEBs*. Brasília, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira – CIDOCA, 1994.

ação de braço sm

Var. **ação-de-braço**

Movimento de projeção em que o capoeirista, ao desviar-se de um **galopante** ou de uma **asfixiante**, segura o pulso do companheiro com uma das mãos e o braço correspondente com a outra, dando-lhe as costas. Apoiando o braço do companheiro em seu ombro, o capoeirista arremessa-o para frente e por cima de seu corpo.



11. <AÇÃO DE BRAÇO>

Serve mais como defesa pessoal contra ataque de porrete. (CAPOEIRA, 1999, p. 172)

<Ação-de-braço>:

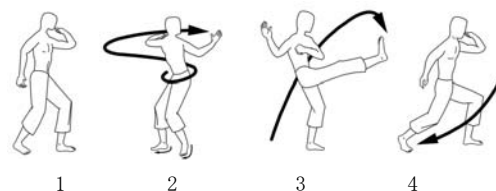
Este golpe é defesa e contra-ataque de murro, galopante e asfixiante. Desvie-se e, segurando o adversário pelo pulso e antebraço, gire rapidamente o corpo, dando-lhe as costas, e o arremesse para frente, por cima do seu corpo. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 28)

Nota: Cap. Regional

Cf. **asfixiante, cintura desprezada², galopante**

armada sf

Golpe giratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, gira sobre seu próprio eixo, sem tirar os pés do chão, ficando de costas para o companheiro. A perna que com o giro ficou em posição anterior é lançada em direção ao companheiro, de modo a descrever um círculo, atingindo-o com a lateral externa do pé e retornando à posição de partida.



A <armada> é o melhor exemplo de golpe fintado. O lutador estando de frente para o oponente, dá-lhe as costas girando o corpo, mas, em vez de parar, continua o movimento lançando a perna esticada sobre o inimigo que é apanhado de surpresa. (COSTA, 1971, p. 61-2)

Cf. **ginga**

arpão de cabeça sm

Cabeçada em que o capoeirista, com os braços abertos e voltados para trás de si, atinge o companheiro na região torácica.

<Arpão de Cabeça>:

Procure atingir o seu companheiro no tórax com a cabeça. Este se defende com a joelhada. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 12)



Nota: Como estratégia de defesa contra uma joelhada, alguns capoeiristas cruzam os braços diante do rosto.

Cf. **cabeçada**

arrastão sm

Golpe desequilibrante em que o capoeirista, ao aproximar-se do companheiro, posiciona suas pernas entre as dele, segurando-as na altura dos joelhos e puxando-as para si, de modo a provocar-lhe a queda.



Seu companheiro para defender-se, aplica o <arrastão>. Ou seja: abaixando-se e afastando-se rapidamente para o lado segurando você pelas pernas, tentando jogá-lo no chão. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 12)

asfixiante sf

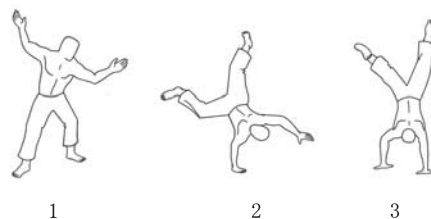
Golpe direto e traumatizante em que o capoeirista eleva um dos braços, flexionando-o e lançando a mão fechada em direção ao rosto de seu companheiro.

<Asfixiante>:

Levante o braço e desfira um murro (direto) procurando atingir a região inferior do rosto do seu companheiro. Ele se defenderá aplicando o arrastão. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 18)

aú sm

Deslocamento lateral e semigiratório em que o capoeirista, inclinando o tronco para um dos lados, apóia as mãos no solo alternadamente, projetando os quadris no ar, de modo a descrever um semicírculo com as pernas.



O <Aú> difere de "plantar bananeira" porque o corpo gira, lateralmente, com enérgico impulso, permitindo ao capoeirista efetuar saltos de vários metros de distância.

É um valioso recurso para o capoeirista, sobretudo, quando se vê assediado por vários agressores. Por meio do <Aú>, tanto pode defender-se como atacar. (PASTINHA, 1968, p. 58)

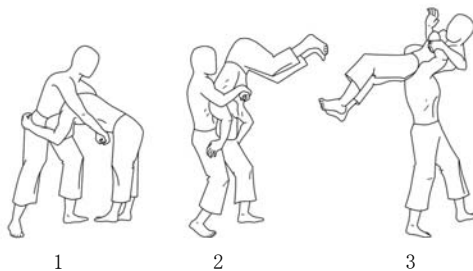
...<Aú>...

Descrição...

Descrever um giro no ar com apoio das mãos no solo e voltar à posição de pé ou ortostática. Movimento bilateral. (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 225)

balão cinturado sm

Movimento de projeção em que o capoeirista, ao aproximar-se de seu companheiro, segura-o pelo tórax ou cintura, de modo que ele fique com a cabeça apoiada no abdômen do capoeirista, que o levanta do solo, projetando-o para trás e por cima de seus ombros.



<BALÃO CINTURADO>

Comece gingando e aplique uma meia-lua-de-compasso (lição 6). O seu oponente gira, e passando rapidamente para sua frente, segura-o por baixo das axilas e tenta jogá-lo para trás. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 24)

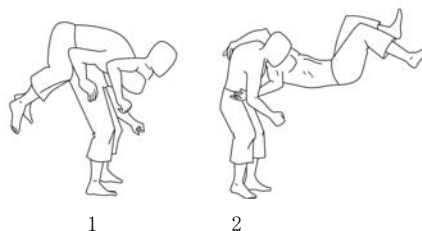
Nota Cap. Regional

Cf. **cintura desprezada**²

balão de lado sm

Var. **balão-de-lado**

Movimento de projeção em que o capoeirista, de costas para seu companheiro, agarra-o pelo pescoço com um dos braços, e, flexionando o tronco, arremessa-o para frente.



Com extensão das pernas, impulsiona A para o alto e para trás, que ao cair aplica o <balão de lado>. (SILVA, 1995, p. 79)

Ao cair, coloque-se em posição de gingar (o que deve também ser feito pelo seu adversário), aplique um martelo (lição 3), seguido de um contra-ataque seu, aplicando o <balão-de-lado>. Segure o adversário pelo pescoço, numa gravata, e arremesse-o para frente, flexionando o tórax para baixo. Este golpe, depois de encaixado, não tem defesa, resultando na queda perigosa do adversário. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 24)

Nota: Cap. Regional

Cf. **cintura desprezada**²

bananeira sf

Posição em que o capoeirista, com o apoio das mãos no solo, eleva os quadris e as pernas para cima, de modo que o tronco forme um ângulo de aproximadamente 90° em relação ao solo, mantendo-se em equilíbrio por certo tempo.

... <**Bananeira**> e **Parada**...

... posição de ficar em pé, de cabeça para baixo...

... em equilíbrio na vertical... (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 197)

banda de costas sf

Var. **banda-de-costa**

Golpe desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, aproxima-se do companheiro por um dos lados, posicionando sua perna atrás da perna anterior do companheiro. O capoeirista pressiona a perna do companheiro para si ao mesmo tempo em que empurra o tórax do mesmo com a mão.

/4 – *Balão cinturado*

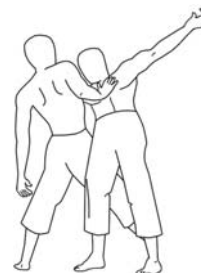
5 - <*Banda de costas*>

6 – *Banda traçada*/ (CAMPOS, 1998, p. 55)

<*Banda-de-costa*>:

Coloque a perna por trás do adversário e, forçando o seu tórax com a mão espalmada, empurre-o, tentando derrubá-lo. Ele se defende com o rolê. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 18)

Cf. **ginga**



banda traçada sf

Golpe desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, atinge a perna do companheiro com a coxa e, encaixando seu pé no calcanhar do mesmo, arrasta a perna atingida.

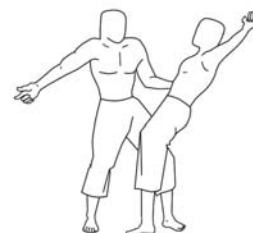
... dos movimentos de pernas originam-se ...

(IT) queixada... benção ... escorão ... rebote ... joelhada ...

dourada <banda-traçada> e rasteira ...

(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

Cf. **ginga**



bênção sf

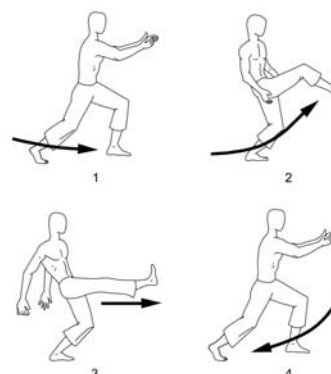
Golpe linear e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, eleva a perna flexionada, impulsionando-a em direção ao companheiro, de modo a atingi-lo com a planta do pé.

<Bênção>:

Êste é um golpe perigoso. Você, em frente ao seu companheiro, procura atingi-lo no tórax, levantando a perna ligeiramente flexionada e impulsionando-a vigorosamente para frente. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 28)

Sin. **chapa de frente**

Cf. **ginga**



boca de calça sf

Var. **boca-de-calça**

Golpe desequilibrante em que o capoeirista segura com cada uma de suas mãos os tornozelos ou as bocas da calça do companheiro, puxando-os para cima.

*... da **cocorinha** passar ao movimento de <boca de calça> ...*

... realizando o gesto simulado ...

... de agarrar as bocas das calças do adversário imaginário ...

... e puxá-las para o meio de nossas pernas ...

... enquanto levamos as mãos para cima ...

... em movimento circular ...

... como se projetássemos o pretenso adversário...

... para trás ... de costas e cabeça no chão ...

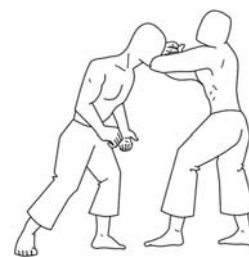
(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 194)

A <boca-de-calça> é muito usada, na roda da malandragem, num começo de briga.

(CAPOEIRA, 1999, p. 168)

bochecho sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista cruza os braços à frente do corpo, com as mãos fechadas, lançando-as em direção ao rosto do companheiro.



<Bochecho>:

Golpe de defesa e contra-ataque da cabeçada (arpão-de-cabeça). Afaste-se rapidamente um passo para trás, cruzando imediatamente os braços, tendo as mãos bem fechadas, e num movimento violento abra os braços, atingindo o rosto do seu companheiro. (Golpe perigoso). (MESTRE BIMBA, 2002, p. 28)

cabeçada sf

Golpe traumatizante em que o capoeirista flexiona o tronco e lança-se em direção ao seu companheiro, atingindo-o com a cabeça no estômago, tórax ou queixo.

A <CABEÇADA>

É o golpe aplicado com a cabeça.

Pode ser desferido em várias regiões do corpo, de preferência, sobre o tórax ou no rosto e, ainda, de baixo para cima, sob o mandibular. (PASTINHA, 1968, p. 70)

A <cabeçada> é um dos golpes preferidos na capoeiragem. Apesar de ser de simples execução, é dos mais perigosos, causando freqüentes mortes. Para dar uma <cabeçada>, basta abaixar o corpo e lançar-se em direção ao adversário, atingindo-o pela cabeça. O alvo preferido é o plexo solar. Neste ponto basta uma pequena e firme <cabeçada> para derrubar o oponente. O queixo, o peito e o estômago também são locais acessíveis às <cabeçadas>. (COSTA, 1971, p. 77-8)

chapa sf

Golpe linear e desequilibrante em que o capoeirista flexiona a perna, lançando-a, de modo a atingir o companheiro com a planta do pé.

<Chapa> - *É um golpe de coxa erguida desferido com a “planta do pé”, na altura do plexo solar, ou em qualquer parte do corpo do adversário. (BOLA SETE, 1997, p. 51)*

Nota: Cap. Angola. Esse golpe pode ser desferido de diversas posições e em várias partes do corpo. Em alguns casos, a variação na execução do movimento recebe denominações específicas como **chapa de frente** e **chapa de costas**, que relacionamos neste trabalho. Outras vezes, o nome chapa é utilizado indistintamente para referir-se às suas variações.

chapa de frente sf

Ver **benção**

É um golpe muito perigoso não só pela violência com que pode ser aplicado, mas, sobretudo, pela delicadeza da região onde se encontram órgãos de grande sensibilidade a traumatismo de tal porte. [...]

A <chapa de frente> pode ser aplicada em numerosas regiões do corpo, dependendo da posição tomada pelo adversário. (PASTINHA, 1968, p. 62)

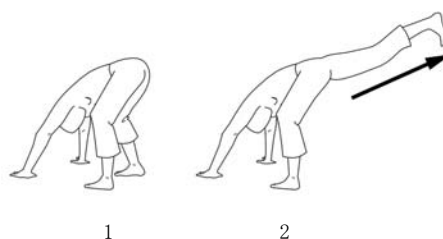
Nota: Cap. Angola

Cf. **chapa**

chapa de costas sf

Var. **chapa**

Golpe linear e desequilibrante em que o capoeirista, de costas para seu companheiro e com o apoio das mãos no solo, flexiona perna, lançando-a em direção a ele, de modo a atingi-lo com a planta do pé.



/<chapa de costas> e queda de negativa/ (BOLA SETE, 1997, p. 62)

<**CHAPA**>

Corpo inclinado para o lado direito com as duas mãos indo para o chão; faça o giro do corpo e tire a perna direita do chão, flexionando-a e lançando-a em direção ao peito do adversário. (SANTANA, 1985, p. 60)

Cf. **chapa**

chapéu de couro sm

Var. **chapéu-de-couro**



Golpe semigiratório e traumatizante em que o capoeirista inicia uma **rasteira** e, antes de atingir o companheiro interrompe-a, levando os braços para o lado da perna estendida, que se flexiona, enquanto a outra perna é estendida e lançada em direção ao companheiro, descrevendo um semicírculo, de modo a atingi-lo com o peito do pé.

- <chapéu de couro> - traumatizante (SANTANA, 1985, p. 41)

O nome - <chapéu-de-couro> - é mais uma ironia da capoeira: o “chapéu” é o sapato do atacante pegando na cabeça de sua vítima. (CAPOEIRA, 1999, p. 181)

Nota: Esse movimento também pode partir da **negativa**².

Sin. **chibata**

Cf. **negativa**², **rasteira**

chibata sf

Var. **chibatada**

Ver **chapéu de couro**

/cruzo de carreiro, chapéu de couro (<chibata>)/. (SOUZA, 198-?, p. 9)

<Chibatada> no Jogo de Baixo (Chapéu de Couro) e Negaça na Guarda Média. (BOLA SETE, 1997, p. 60)

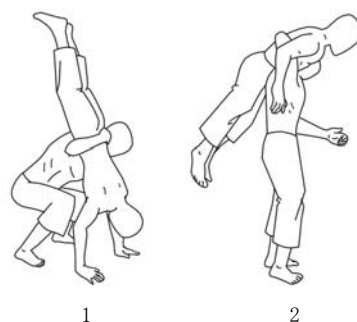
cintura desprezada¹ sf

Movimento de projeção em que o capoeirista, aproveitando-se de um **aú** do companheiro, agacha-se, apoiando a cintura do mesmo em seu ombro, elevando-o e arremessando-o para trás.

<CINTURA DESPREZADA> [...]

Comece gingando. Aplique um aú. Seu adversário, aproveitando-se, abaixa-se curvado, encostando o ombro na sua cintura, tenta erguê-lo e jogá-lo para o ar. Ao cair, você aplica a tesoura. Ele pode defender-se completando a seqüência, com a saída-de-aú. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 22)

Cf. **aú, cintura desprezada², tombo-da-ladeira**



cintura desprezada² sf

Seqüência de movimentos de projeção que tem o objetivo de ensinar o capoeirista a cair em pé, após ser projetado.

Geralmente, os alunos que tinham mais do que três meses começavam fazendo o treinamento da <"cintura desprezada">, uma série de movimentos de arremesso chamados "balões cinturados" (ALMEIDA, U., 1999, p. 50)

Cf. **cintura desprezada¹**

cocorinha sf

Movimento defensivo em que o capoeirista toma a posição de cócoras, elevando um dos braços, flexionado, na direção do ataque para proteger o rosto e apoiando a outra mão no solo, ao lado do corpo... a <Cocorinha>

[...] ... durante o jogo de capoeira ...

... ao empregá-la em defensiva ...

... tomar a postura acocorada ...

... com um leve caimento para um dos lados ...

... apoiando a mão no solo ...[...]

... enquanto o membro superior do lado oposto ...

...move-se na direção do movimento de ataque...

... protegendo o rosto ... [...] (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 191-2)



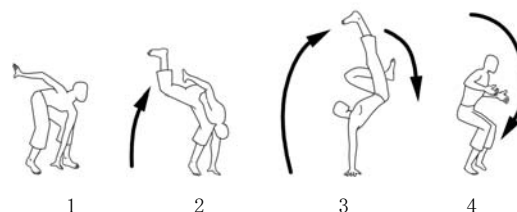
coice sm

Ver **sapinho**

Como o nome dá a entender, o <coice> é um golpe que se desfere com os dois pés, no peito ou no estômago. Ao pretender dar um "coice", o lutador, partindo de uma posição voltada para o adversário, gira o corpo apoiando as mãos no chão e dando-lhe as costas. Subitamente, encolhendo as pernas e erguendo-as, lançamos os pés juntos na direção do alvo escolhido. (COSTA, 1971, p. 69)

compasso sm

Movimento semigratatório em que o capoeirista, apoiando uma das mãos no solo à frente de si, projeta os quadris para o alto, de modo a descrever um semicírculo com as pernas, caindo à frente e agachado.

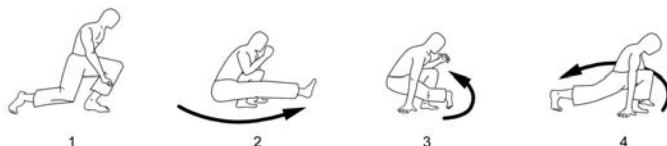


O <compasso> é uma aproximação rápida e inesperada para o adversário. Consiste num movimento no qual o lutador dá uma cambalhota no ar, apoiando-se com uma das mãos no chão e caindo à frente agachado. (COSTA, 1971, p. 44)

corta-capim¹ sm

Golpe giratório e desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, leva a perna posterior à frente, flexionando a outra e apoiando a mão correspondente no solo, e gira a perna estendida em torno do próprio eixo, passando-a por baixo da perna flexionada, ao mesmo tempo em que inverte a mão de apoio, de modo a descrever um círculo rente ao solo, arrastando o companheiro.

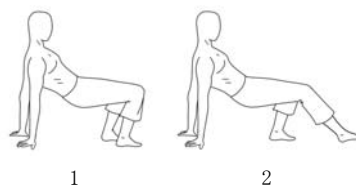
Os golpes e artificios do jogo do capoeira são estes: cabeçada, meia-lua, chulipa, chibata, rabo-de-raia, <corta-capim>, cavaco, pião,



Cf. **corta-capim²**, **ginga**

corta-capim² sm

Golpe semigiratório e desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **queda-de-quatro**, estende uma das pernas, arrastando-a em direção ao companheiro, de modo a descrever um semicírculo rente ao solo.



Apesar de não ter a potência da rasteira, o <corta-capim> é muito eficiente nos desequilíbrios.

Parte da queda-de-quatro. Nesta posição o lutador lança uma das pernas, esticada, varrendo em semicírculo o espaço onde se apóia o pé inimigo. (COSTA, 1971, p. 51)

Nota: Cap. Carioca

Cf. **corta-capim¹**, **queda-de-quatro**

cotovelada sf

Golpe traumatizante em que o capoeirista flexiona o braço, impulsionando o cotovelo em direção ao companheiro.

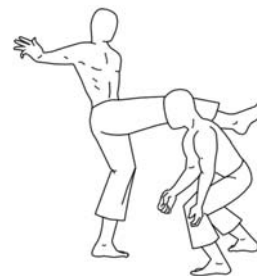
... dos movimentos de mãos e braços nascem ...

galopante ... asfixiante ... quebra-mão ... godemi ... dedo nos olhos ... palma ... leque ... cutila ... costa-de-mão ... <cotovelada> ... e jicá...

(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

cruz sf

Golpe desequilibrante em que o capoeirista aproveita-se do ataque alto de perna dado por seu companheiro, agachando-se e encaixando seu ombro embaixo da perna que desferiu o ataque, projetando-a para cima.



<Cruz>:

Serve de defesa contra o ponta-pé alto. Agache-se e com o ombro levante seu adversário, açoitando-o para trás. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 28)

cutila sf

Var. **cutilada de mão**

Golpe traumatizante em que o capoeirista lança o braço, com a mão aberta e os dedos unidos e estendidos, em direção ao companheiro, atingindo-o com a lateral externa da mão.

O seu oponente se defenderá com a <cutila> - a mão aberta, dedos bem estirados e unidos e num movimento rápido de braço, golpeia o seu pé. Este exercício deverá ser praticado com os dois pés (esquerdo e direito) no ataque, e com os braços (defesa). (MESTRE BIMBA, 2002, p. 8)

A <CUTILADA DE MÃO>

É um golpe que se aplica com a mão, em forma de cutelo, sobre numerosas partes do corpo. Sua aplicação em determinadas regiões pode trazer graves conseqüências. Em Capoeira Angola os capoeiristas, geralmente lutam separados procurando atingir com golpes de pé, entretanto, quando existe uma possibilidade de maior aproximação, os golpes em forma de cutilada são aplicados. (PASTINHA, 1968, p. 76)

dedo nos olhos sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista lança os dedos indicador e médio de uma das mãos, enrijecidos, em direção aos olhos do companheiro.

... dos movimentos de mãos e braços nascem ...

galopante ... asfixiante ... quebra-mão ... godemi ... <dedo nos olhos> ... palma ... leque ... cutila ... costa-de-mão ... cotovelada ... e jicá... (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

Sin. **forquilha**

escorrumelo sm

Var. **cabeçada de escorrumelo**

Cabeçada em que o capoeirista, partindo da **cocorinha**, lança-se em direção ao tórax do companheiro, deslizando a cabeça sobre essa região, de modo a atingi-lo no queixo.

<Escorrumelo>

Perigosa cabeçada usada quando os dois jogadores estão muito próximos – p. ex. , quando um desceu e outro entrou na cocorinha (evitando um golpe rodado). O jogador sobe com a cabeça deslizando pelo peito do outro. (CAPOEIRA, 1999, p.183)

... a partir da cabeçada praticamos ...

cabeçada de açoite e <cabeçada de escorrumelo> ... (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

Cf. **cabeçada, cocorinha**

escorão sm

Golpe linear e traumatizante em que o capoeirista gira os quadris para o lado interno do corpo e eleva uma das pernas, flexionada, lançando-a em direção ao companheiro, de modo a atingi-lo com a planta do pé voltada para o lado.

/8 - *chave*

9 - <escorão>

10 – *esporão*/ (CAMPOS, 1998, p. 58)

esquiva sf

Movimento defensivo que o capoeirista realiza para desviar-se de golpes.

A capoeira tem golpes de ataque muito eficazes, mas se torna muito mais perigosa quando o jogador é bom de <esquiva>, descendo por baixo do golpe, entrando e derrubando ou soltando o contra-ataque indefensável. (CAPOEIRA, 1999, p.131)

Cf. **esquivar**

esquiva lateral sf

Esquiva em que o capoeirista desloca o corpo para um dos lados.

1) *bênção*

2) <Esquiva lateral> *com defesa de braço e armada*

(SILVA, 1995, p. 87)

Cf. **esquiva**

esquivar v

Desviar-se de golpes, movimentando o corpo para frente, para trás, para baixo ou para os lados.

Assim, sem depender do agir intuitivamente, poderemos nos <esquivar> de golpes usando movimentos clássicos; poderemos, dentro de mais algumas sessões de treino, jogar e ir acumulando a experiência que nos transformará em capoeiristas experientes. (CAPOEIRA, 1999, p. 131)

Cf. **esquiva**

forquilha sf

Ver **dedo nos olhos**

/dedo nos olhos (<forquilha>), dorado, escorão/ (SOUZA, 198-?, p. 9)

galopante sm

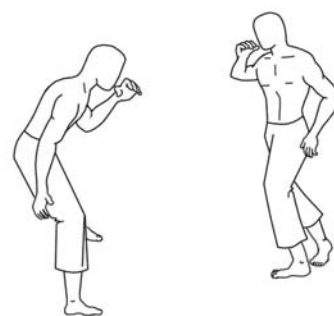
Golpe traumatizante em que o capoeirista leva um dos braços estendidos, com os dedos unidos e levemente flexionados, em direção ao ouvido do companheiro, atingindo-o com a palma da mão em forma de concha.

<Galopante>:

Levante o braço distendido um pouco para o lado e com os dedos rijos e curvados procure atingir o ouvido do adversário com a palma da mão. Seu companheiro para defender-se, aplica o arrastão. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 12)

ginga sf

Movimentação corporal que o capoeirista realiza durante o jogo, da qual se originam os movimentos de ataque e de defesa. Partindo da **guarda**, o capoeirista arrasta a perna em posição posterior para frente e para o lado, levando, em seguida, a perna anterior para o mesmo lado e para trás, com o auxílio da movimentação dos braços, que se alternam em oposição às pernas, na proteção do rosto. A movimentação é realizada para ambos os lados, alternadamente.



A <ginga> é que diferencia a Capoeira das outras modalidades de luta e tem como finalidade o estudo do adversário e do "jogo". Serve para preparar e desferir os golpes de ataque e, na defesa, é responsável pelas esquivas e molejo, ajudando de forma decisiva no reflexo, justamente por estar o capoeirista em constante movimento. (CAMPOS, 1998, p. 50)

A palavra <"ginga">, em Capoeira, significa uma perfeita coordenação de movimentos do corpo que o capoeirista executa com o objetivo de distrair a atenção do adversário para torná-lo vulnerável à aplicação de seus golpes. (PASTINHA, 1968, p. 50)

Sin. **gingado**

Cf. **gingar, guarda**

gingar v

Movimentar-se de um lado para o outro, alternando a posição das pernas e dos braços.

Deve-se <gingar> corretamente, movimentando braços e pernas, dentro de ritmo que tem que ser constante. O aprendiz deve estar o mais relaxado possível, bem descontraído. (LOPES, 1979, p. 46-9)

Cf. **ginga**

gingado sm

Ver **ginga**

O <gingado> é um movimento de vaivém, tomando-se apoio sobre o pé que fica atrás e conservando-se o tronco levemente inclinado para diante. Os braços são levados até a altura da frente, numa constante proteção à face e ao tronco. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 4)

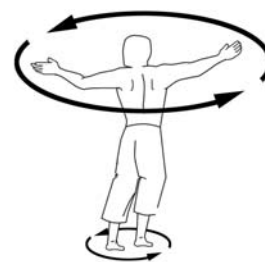
giro sm

Deslocamento lateral em que o capoeirista, partindo da **ginga**, realiza uma rotação em torno de seu próprio eixo.

/<Giro> (lado direito) Cabeçada (no tórax do Aluno A)
Joelhada (joelho direito) Negativa (perna direita)/

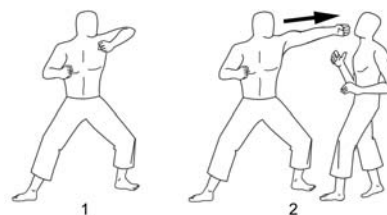
(SILVA, 1995, p. 76)

Cf. **ginga**



godeme sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista eleva o braço flexionado, com a mão fechada, levando o cotovelo em direção ao companheiro, estendendo, em seguida, o antebraço, de modo a atingi-lo com o dorso da mão.

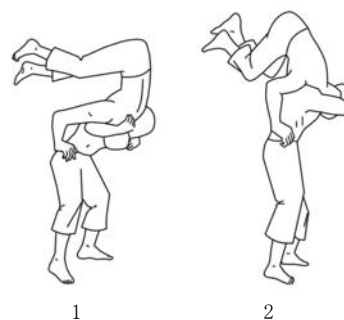


<Godeme>:

Levante o braço oferecendo o cotovelo à altura da face do adversário (para enganá-lo). Em seguida distenda o antebraço para atingir com as costas da mão fechada, o ouvido do companheiro. Seu companheiro se defenderá com a palma da mão, logo que você levante o cotovelo. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 12)

gravata cinturada sf

Movimento de projeção em que o capoeirista, ao defender-se de um golpe aplicado com a mão com uma **cutila**, realiza um giro, ficando de costas para o companheiro, de modo a agarrar-lhe o pescoço com o outro braço, lançando-o para cima e à frente de seu corpo.



<GRAVATA CINTURADA>

Comece gingando. Aplique um galopante. O seu oponente defende-se com a cutila alta e, girando o corpo rapidamente, dando as costas para você, segura-o pelo pescoço (fig. 12-A), jogando-o por cima dos ombros. Golpe perigoso. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 26)

Nota: Cap. Regional

Cf. **cintura desprezada²**, **cutila**

guarda sf

Posição defensiva em que o capoeirista posiciona suas pernas uma à frente da outra. A perna anterior é flexionada e a perna de trás fica estendida, enquanto a mão do lado oposto à perna anterior é posicionada diante do rosto para protegê-lo, ficando a outra relaxada ao lado do corpo.



Aplicado o golpe, o capoeirista devia voltar imediatamente à posição de <"guarda"> e à "negaça", para se esquivar dos contra-ataques ou ficar em posição para infligir novo golpe. (MOURA, 1991, p, 53)

joelhada sf

Golpe traumatizante em que o capoeirista eleva o joelho, projetando-o, flexionado, em direção ao rosto de seu companheiro.

Procure atingir o seu companheiro no tórax com a cabeça. Este se defende com a <joelhada>. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 12)

Joelhada – Só é aplicada quando o capoeirista está bem próximo ao adversário. Os órgãos genitais, o plexo solar e a coxa do adversário são os locais mais visados para aplicá-la. (BOLA SETE, 1997, p. 52)

leque sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista leva uma das mãos abertas com os dedos distanciados à região superior da cabeça de seu companheiro, girando-a.

... dos movimentos de mãos e braços nascem ...

galopante ... asfixiante ... quebra-mão ... godemi ... dedo nos olhos ... palma ... <leque>

... cutila ... costa-de-mão ... cotovelada ... e jicá...

(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

martelo sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, gira os quadris para o lado interno do corpo, ao mesmo tempo em que o pé de base realiza uma rotação externa, e eleva uma das coxas com a perna flexionada, estendendo-a em direção ao companheiro, de modo a atingi-lo com o peito do pé. Após a aplicação do golpe, a perna volta a ser flexionada e retorna à posição de partida.

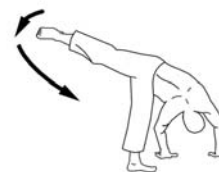


Agora não haveria possibilidade de me defender do seu <martelo> rápido lançado contra meu rosto. Claro que aquele <martelo> fora um movimento fora de hora, um golpe inaceitável de acordo com as regras do jogo que aquele toque de berimbau comandava. (ALMEIDA, U.,1999, p. 106)

Cf. **ginga**

martelo voador sm

Golpe giratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, inclina o tronco em direção à lateral externa da perna anterior, apoiando as duas mãos no solo e lançando a perna posterior, estendida, em direção ao oponente, de modo a descrever um círculo, atingindo-o com a lateral interna do pé e retornando à posição de partida.



Alguns centímetros a mais e ele teria quebrado as minhas costelas com um <martelo voador>. Não dava tempo para aplicar nenhuma combinação de golpes premeditada. (ALMEIDA, U., 1999, p. 109)

Cf. **ginga**

meia-lua de compasso sf

Var. **meia-lua-de-compasso**

Golpe giratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, inclina o tronco para o lado da perna em posição posterior e, encaixando as mãos entre as pernas, lança a perna posterior em direção ao oponente, de modo a descrever um círculo, retornando à posição de partida.

/14 – Martelo

15 – <Meia-lua de Compasso>

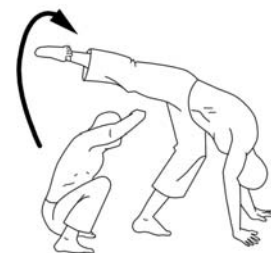
16 – Meia-lua de Frente/ (CAMPOS, 1998, p. 58)

<MEIA-LUA-DE-COMPASSO> [...]

Comece gingando. Coloque as duas mãos no chão, levante uma perna bem estirada, gire completamente o corpo, tentando atingir o adversário na cabeça, com o pé. Este se defende com a queda de cocorinha. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 14)

Cf. **ginga**

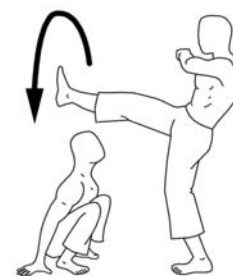
Sin. **rabo-de-arraia**¹



meia-lua de frente sf

Var. **meia-lua, meia-lua-de-frente**

Golpe semigiratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, eleva e lança a perna posterior estendida em direção ao companheiro, descrevendo um semicírculo, que parte do lado externo para o interno em relação à linha mediana de seu corpo, e volta à posição de partida.



<Meia-Lua de Frente> (perna direita) Cocorinha (l. esquerdo) (SILVA, 1995, p. 74)

...<Meia-lua-de-frente>...

Descrição...

Da posição de gingado, levantar a perna estendida e girar em movimento de varredura frontal tentando bater na mão espalmada do mestre. (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 225)

O golpe <"meia lua"> tem esse nome devido ao movimento giratório que a perna executa quando o capoeirista o aplica.

Dependendo da posição em que se encontra o adversário este golpe poderá ser desferido em várias regiões do corpo. (PASTINHA, 1968, p. 54)

Cf. **ginga**

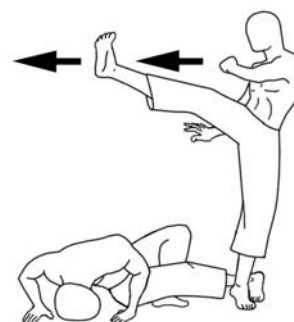
negaça sf

Movimentação corporal em que o capoeirista desloca-se para os lados, para frente e para trás, simulando golpes e esquivando-se com o objetivo de confundir o companheiro.

A base da luta era a <negaça>, o engano, o engodilhar, o emaranhar, a isca, o florear.
(MOURA, 1991, p. 9)

negativa¹ sf

Descida defensiva em que o capoeirista, partindo da **ginga**, flexiona a perna anterior e estende a perna posterior à frente, jogando o tronco para o mesmo lado da perna estendida, onde também são posicionadas as mãos, que ficam apoiadas no solo com os braços flexionados. A cabeça é mantida rente ao solo, do lado da perna estendida, cujo pé deve encaixar no calcanhar do companheiro.



Gire a perna direita levantada sobre o seu oponente (movimento igual ao primeiro descrito). Ele deverá cair, defendendo-se, na <negativa> (fig. 2-B) e tentar derrubá-lo, deslocando a sua perna que faz apoio no solo. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 6)

Nota: Essa descida também pode ser ofensiva, pois o capoeirista pode desequilibrar seu companheiro ao encaixar seu pé no calcanhar dele.

Cf. **ginga**, **negativa²**, **negativa³**

negativa² sf

Descida defensiva em que o capoeirista, partindo da **ginga**, flexiona a perna posterior e estende a perna anterior, tocando o calcanhar no solo e posicionando a mão correspondente à perna estendida ao lado desta. O outro braço, flexionado, é posicionado diante do rosto, e o tronco é ligeiramente inclinado para frente.



A <negativa> pode ser esquematicamente dividida em queda e deslocamento. [...] A ação começa quando o aprendiz, estando de pé, cai rapidamente sobre uma perna que se dobrará sob o peso do corpo. A outra perna é lançada, durante a queda, para frente, com o pé tocando o solo pelo seu bordo externo. A mão, do lado da perna estendida, bate no solo, finalizando a caída e equilibrando o corpo que se deve manter voltado para frente e ligeiramente inclinado para o lado. (COSTA, 1971, p. 35-6)

Cf. **ginga, negativa¹, negativa³**

negativa³ sf

Descida defensiva em que o capoeirista, partindo da **ginga**, posiciona as pernas paralelamente, flexionando uma delas e estendendo a outra ao mesmo tempo em que inclina o tronco para o lado da perna flexionada. As mãos são posicionadas paralelamente no solo, do lado da perna flexionada, de modo que o corpo fique rente ao solo.



Nos desenhos vemos uma negativa da capoeira regional, que é mais empinada; e uma <negativa> da capoeira angola, mais junto ao chão. (CAPOEIRA, 1999, p. 125)

Nota: Cap. Angola

Cf. **ginga, negativa¹, negativa²**

palma sm

Movimento defensivo em que o capoeirista leva a palma da mão com os dedos unidos e levemente flexionados contra o golpe.

/17 – *Ponteira*

18 - *<Palma>*

19 – *Queixada/* (CAMPOS, 1998, p. 58)

plantar bananeira v

Colocar-se em posição de **bananeira**

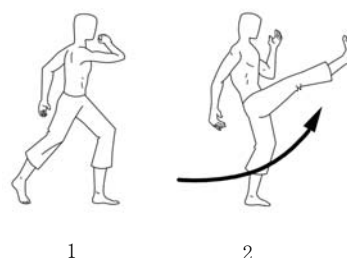
Quando o capoeirista se equilibra sôbre as mãos e com as pernas para cima se diz que está <plantando bananeira>.

Nesta posição poderá atacar com os pés de cima para baixo ou voltar à posição normal. (PASTINHA, 1968, p. 58)

Cf. **bananeira**

ponteira sf

Golpe linear e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, eleva a perna, flexionada, impulsionando-a em direção ao companheiro, de modo a atingi-lo com a parte superior da planta do pé.



Destes golpes e manejos, retirei /Bimba/ os mendengues, cangapés, cabriolas e saracoteios. E acrescentei os seguintes: banda de frente, banda amarrada, dourada, baiana, queixada, benção, <ponteira>, encruzilhada, vingativa, etc. (MOURA, 1991, p. 23)

Cf. **ginga**

quebra-mão sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista segura uma das mãos do companheiro, na altura do dedo polegar, forçando-a para baixo e girando o corpo em direção ao companheiro, de modo a provocar a torção da mão sob ataque.

Aplique o <quebra-mão>. Defenda-se com a cutila alta e levante o braço para segurar a mão do adversário na altura do dedo polegar. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 30)

Nota: Ao atacar, enquanto uma das mãos do capoeirista segura a mão do companheiro na altura do dedo polegar a outra serve de apoio para a torção. Esse golpe é aplicado como defesa de um ataque de arma branca.

quebra-pescoço sf

Golpe traumatizante em que o capoeirista, flexionando um de seus braços, encaixa o seu antebraço na parte anterior do pescoço do companheiro, pressionando a parte posterior desse membro com o outro antebraço.



<Quebra-Pescoço>:

Golpe mortal. Serve de defesa quando se é agarrado pela cintura. Aplique o antebraço no pescoço do adversário e, com o outro braço por trás, faça pressão. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 28)

queda-de-quatro sf

Movimento defensivo em que o capoeirista leva seu tronco para trás apoiando as mãos no solo.

A <queda-de-quatro> é bem mais simples que a negativa, embora mais perigosa para o aluno na sua aprendizagem.

Estando o lutador em pé, deixará cair o corpo para trás, mantendo os pés na posição e sustentando a queda com as duas mãos. (COSTA, 1971, p. 40)

queda de rim sf

Movimento de floreio em que o capoeirista inclina o tronco para um dos lados, posicionando a cabeça e as mãos no solo com os braços flexionados, de modo que o cotovelo oposto ao lado da inclinação sirva de apoio para a elevação do tronco e das pernas.



...este movimento torna-se mais complexo e eficiente...

...pela elevação do tronco...

... à maneira duma <queda de rim>...

... simples ou complementada por rolê... (DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 193)

queixada sf

Golpe semigiratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, eleva e lança a perna posterior, estendida, em direção ao companheiro, descrevendo um semicírculo, que parte do lado interno para o externo em relação à linha mediana de seu corpo, e volta à posição de partida.



De certa maneira, a <queixada> faz o movimento inverso da meia-lua de frente. (CAPOEIRA, 1999, p. 141)

Cf. **ginga**

rabo-de-arraia¹ sm

Var. **rabo de arraia**

Ver **meia-lua de compasso**

<Rabo-de-arraia> - O capoeirista gira o corpo na direção do adversário com uma perna flexionada, servindo de apoio no solo juntamente com a(s) mão(s) e com a outra, completamente estirada, procura atingi-lo com o calcanhar na altura dos rins ou da cabeça. (BOLA SETE, 1997, p. 51)

Os golpes que não pode ser fonsionado em Demonstração: "golpes de pescoço", "dedo nos olhos", "cabeçada solta", "cabeçada presa", "meia lua baixa", "balão a coitado", "<rabo-de-arraia>", "tesoura fechada", "chibata de calcanhar" [...]. (Pastinha, 196-?, p. 96)

Nota: Cap. Angola

Cf. **rabo-de-arraia**², **rabo-de-arraia**³

rabo-de-arraia² sm

Golpe giratório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, inclina o tronco para o lado da perna em posição posterior, lançando-a em direção ao companheiro, de modo a descrever um círculo, retornando à posição de partida.

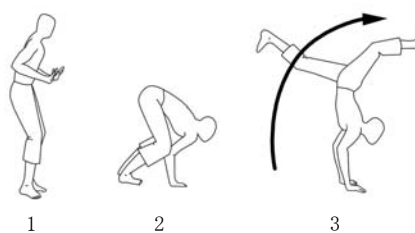
Uma queixada de direita se transforma num <rabo-de-arraia> de esquerda e tome-lhe ginga. Ele começou a defender uma meia lua e eu troquei para uma chapa de costas, acertando-o na testa. (ALMEIDA, U., 1999, p. 109)

Nota: Cap. Regional

Cf. **ginga**, **rabo-de-arraia**¹, **rabo-de-arraia**³

rabo-de-arraia³ sm

Golpe semigratatório e traumatizante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, flexiona o tronco e, apoiando as mãos no solo, lança as pernas para o alto, atingindo o companheiro com um ou com os dois pés e retornando à posição de partida.



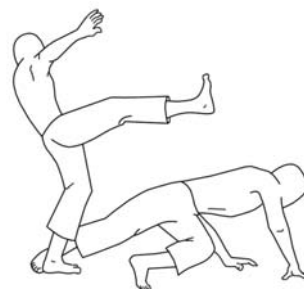
O <rabo-de-arraia> aparece muito raramente em lutas de capoeira. Em geral é usado em desespero de causa, porque sua execução implica em não cumprimento de um dos princípios básicos da capoeiragem que é sempre fugir do combate corpo-a-corpo. O lutador se aproxima do oponente gingando e, inesperadamente, joga o corpo como num salto mortal, apoiando-se com as mãos no solo e lançando os dois pés na direção da cabeça inimiga. O resultado deste golpe é quase sempre, mesmo quando bem sucedido, cair-se por cima do adversário. (COSTA, 1971, p. 73-4)

Nota: Cap. Carioca, muito utilizado no final do século XIX e início do século XX.

Cf. **ginga**, **rabo-de-arraia**¹, **rabo-de-arraia**²

rasteira sf

Golpe giratório e desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, leva a perna posterior, estendida, apoiando as mãos no solo do lado da perna anterior, flexionada, a realizar um movimento circular, rente ao solo, de modo a encaixar o peito do pé no calcanhar do companheiro, arrastando-o e retornando à posição de partida.



<RASTEIRA>

Comece gingando. Caindo para trás, apoie-se no solo com as mãos e procure derrubar o adversário, arrastando-o violentamente, com a perna bem estirada e os pés como na fig. 9B. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 20)

Cf. **ginga**

rasteira em pé sf

Golpe giratório e desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, leva a perna posterior em direção ao companheiro, em movimento circular, de modo a encaixar o peito do pé no calcanhar do companheiro, arrastando-o e retornando à posição de partida.

Traga a perna direita, que se encontra atrás do corpo; lance-se à frente fazendo um círculo com o pé, varrendo o chão em direção ao calcanhar do adversário; traga a perna de volta ao ponto de partida. (SANTANA, 1985, p. 52)

Cf. **ginga, rasteira**

resistência sf

Movimento defensivo em que o capoeirista, partindo da **ginga**, leva a perna posterior à frente e, com os pés paralelos, joga o tronco para trás, apoiando a mão correspondente no solo e levando o braço oposto à frente do rosto.

A <resistência> é a defesa mais rápida que existe. Consiste numa queda rápida do corpo sobre as duas pernas. Partindo da posição de pé, o aprendiz cai para trás levando uma das pernas que, se flexionando, mantém o peso do corpo juntamente com a mão do mesmo lado.

A outra perna se estende, apenas seguindo o movimento, não o auxiliando nem deslocando o pé. O braço correspondente a esta perna faz a defesa do tronco dobrando-se e juntando-se a este, deslocando-se em função de qualquer golpe lançado pelo inimigo. (COSTA, 1971, p. 43)

Cf. **ginga**

rolê sm

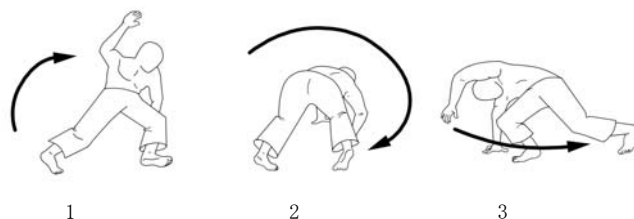
Deslocamento realizado no solo, em que o capoeirista, partindo da **negativa**², flexiona a perna estendida, girando a cintura sobre ela e apoiando as mãos no solo, de modo a retornar à posição de partida.

... do giro de cintura desenvolvemos...

<rolê> ... vingativa ... banda de costas e discóbulo ...

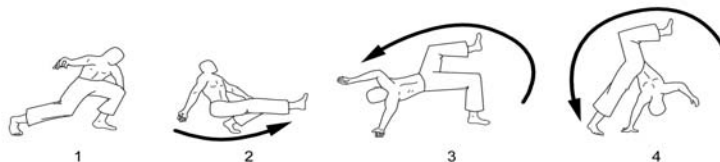
(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

Cf. **negativa**²



s dobrado sm

Var. “s” dobrado



Golpe traumatizante em que o capoeirista, partindo da **rasteira**, interrompe-a antes de atingir o companheiro e apóia no solo a mão que estava protegendo o rosto, elevando o outro braço e lançando a perna estendida para o alto e para trás, de modo que o impulso eleve a perna que estava flexionada, a qual atinge o companheiro no momento da reversão.

<S dobrado>

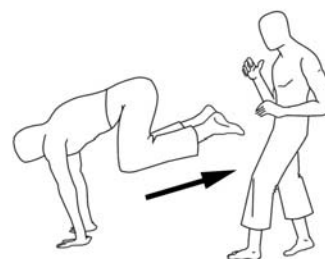
Golpe difícil de descrever e que impressiona o iniciante. Mas sua prática não é tão complicada assim. O segredo, neste golpe, está no impulso dado ao pé que sobe. (CAPOEIRA, 1999, p. 178)

O <“s” dobrado>, tal qual é a armada em relação ao pontapé, é feito em continuação a uma finta de rasteira. (COSTA, 1971, p. 78)

Cf. **rasteira**

sapinho sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista, de costas para o companheiro, assume a posição de cócoras e, com o apoio das mãos no solo, eleva as pernas, flexionadas, lançando-as em direção ao companheiro.



... do volteio do aú realizamos ...

rolê no aú ... leque no aú ... joelhada no aú ... corte no aú ... tesoura ... ponteira ...

<sapinho> ... aú encurugido ... aú fechado ... aú espichado e arqueamento para trás...

(DECÂNIO FILHO, 1996a, p. 222)

Sin. **coice**

suicídio sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista, aproveitando-se da queda do companheiro no solo, salta, com as pernas flexionadas, lançando os pés sobre o peito do companheiro. Após a execução, o capoeirista salta de volta ao solo.

/20 – salto mortal

21 - <suicídio>

22 – telefone/ (CAMPOS, 1998, p. 58)

telefone sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista abre os braços levando simultaneamente suas mãos, com os dedos unidos e levemente flexionados, em direção aos ouvidos do companheiro.

/21 – *suicídio*

22 – <*telefone*>

23 - *vôo do morcego*/ (CAMPOS, 1998, p. 58)

tesoura sf

Golpe em que o capoeirista, em posição ventral, com os braços flexionados e as mãos apoiadas no solo, leva as pernas esticadas e abertas, rentes ao solo, em direção ao companheiro, de modo a encaixá-las entre as pernas do mesmo na altura dos joelhos, para, com um giro de corpo, provocar-lhe a queda.

<*Tesoura*> – *O capoeirista encaixa as duas pernas na altura dos joelhos do adversário e, com uma girada de corpo, procura derrubá-lo ao chão.* (BOLA SETE, 1997, p. 51)

Nota: Geralmente a tesoura é aplicada partindo de uma queda de rim na capoeira angola e não chega a ser finalizada, pois o companheiro foge do movimento dando um **aú**.

Cf. **aú**

tesoura de costas sf

Golpe desequilibrante em que o capoeirista simula uma **meia-lua de compasso**, e lança suas pernas envolvendo as pernas do companheiro pelo lado externo, uma na altura da coxa e a outra na do tornozelo, para, com um giro de corpo, provocar-lhe a queda.

<*TESOURA DE COSTAS*> (*Execução da tesoura de costas*)

62A - *Partindo da posição de ginga, entrar como se fosse dar uma meia-lua de compasso.*

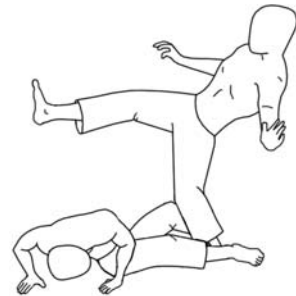
62B - *Em seguida, projetar as duas pernas por fora das do oponente, sendo uma na altura da coxa e a outra na altura do tornozelo.*

62C - *Executar o giro desequilibrando-o.* (LOPES, 1979, p. 114-5)

Cf. **meia-lua de compasso**

tesoura de frente sf

Golpe desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **rasteira**, encaixa o pé que está atacando no calcanhar do companheiro e, invertendo o lado de apoio das mãos no solo, lança a perna flexionada em direção à perna atacada, para, com um giro de corpo, provocar-lhe a queda.



<TESOURA DE FRENTE>

61A - Entrar no oponente como na posição negativa, estando, porém, a perna do mesmo entre as suas.

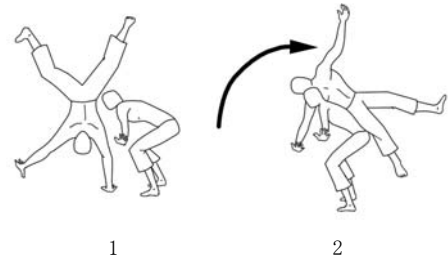
61B - Fazer uma torção com a perna flexionada...

61C - à altura do joelho do oponente, desequilibrando-o. (LOPES, 1979, p. 113)

Cf. **rasteira**

tombo-da-ladeira sm

Golpe desequilibrante em que o capoeirista empurra o companheiro, entrando no momento em que este executa um salto.



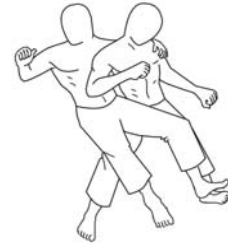
O <**tombo-da-ladeira**> é de difícil execução. Consiste em derrubar um adversário quando este salta em armação de um golpe, numa "fuga" ou numa "esquiva". Somente um lutador bem treinado consegue saber o tempo exato que deve "entrar" no inimigo, para apanhá-lo no ar. (COSTA, 1971, p. 55)

Nota: Na **cintura desprezada**¹, o capoeirista realiza um **tombo-da-ladeira** ao derrubar o companheiro quando este realiza um **aú**.

Cf. **aú, cintura desprezada**¹

vingativa sf

Golpe desequilibrante em que o capoeirista, partindo da **ginga**, aproxima-se lateralmente de seu companheiro, flexionando o tronco e encaixando sua perna posterior atrás da perna do companheiro. Ao mesmo tempo, o capoeirista leva o cotovelo correspondente ao lado da perna encaixada em direção ao tórax do companheiro, pressionando-o e provocando-lhe a queda.



<VINGATIVA>

Comece gingando. Coloque a perna por trás do adversário, levando o cotovelo sobre o seu tórax, tentando derrubá-lo. Seu oponente se defenderá jogando o corpo para o lado, apoiando-se no solo com as mãos e rolando rapidamente. (MESTRE BIMBA, 2002, p. 16)

Cf. **ginga**

vôo-do-morcego sm

Golpe traumatizante em que o capoeirista salta com os braços e pernas flexionados, estendendo-os ao alcançar o companheiro, de modo a provocar-lhe a queda.



6. <VÔO-DO-MORCEGO>

Pode ser aplicado de pé, como está nos desenhos. Ou o jogador pode subir da cocorinha já aplicando o golpe.

(CAPOEIRA, 1999, p. 179)

V. ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO

1. Processos de Formação de Termos

Nosso **Glossário** é constituído basicamente de substantivos, lembrando-se que consideramos os termos sintagmáticos como tais, visto que formam uma unidade de sentido. Confirmamos, portanto, a predominância dessa classe gramatical em terminologia, o que havíamos comentado no capítulo II. Registramos apenas três verbos e nenhum adjetivo ou advérbio. Devemos notar que termos que são classificados como adjetivos na língua comum como *rolê*, *galopante*, *vingativa* são empregados como substantivos na terminologia da capoeira.

Em nossa pesquisa, observamos que a terminologia da capoeira é formada, em sua maioria, cerca de 60%, por termos simples, ou seja, constituídos de uma única palavra. Alguns desses termos são oriundos da língua comum, já dicionarizados, ou de outras linguagens de especialidade relativas ao esporte e ganham um significado especializado na terminologia da capoeira por um processo de ressignificação semântica, que remete-nos à zona intermediária do esquema de círculos concêntricos proposto por Rondeau, que descrevemos no capítulo II. Vejamos uma lista desses termos:

armada	giro
arrastão	godeme
bananeira	guarda
bênção	joelhada
bochecho	leque
cabeçada	martelo
chapa	negaça
chibata/chibatada	negativa
coice	palma
compasso	ponteira
cotovelada	queixada
cruz	resistência
esquiva	suicídio
forquilha	telefone
ginga	tesoura

Termos como *esquiva*, *guarda* e *tesoura* também fazem parte da terminologia de outras lutas esportivas como o boxe e a luta greco-romana. No entanto, na capoeira, esses termos guardam sentidos específicos, pois a posição do braço na “guarda” da capoeira nem sempre é a mesma no boxe ou na esgrima, porque o objetivo dessas lutas

é distinto. Os processos semânticos que transferem o significado da língua comum e de outras especialidades para a capoeira serão estudados com mais detalhes no Capítulo VI, Terminologia Figurada, bem como os termos emprestados da língua comum que não forem tratados neste capítulo.

No quadro apresentado, verificamos a recorrência do sufixo *-ada*, formador de substantivos a partir de outros substantivos, nos termos *cabeçada*, *cotovelada*, *joelhada*, *queixada* e *chibatada*. Nesses casos, o sufixo *-ada* indica um ferimento ou um golpe. Portanto, de modo geral, a *cabeçada* é um golpe com a cabeça; a *cotovelada*, um golpe com o cotovelo; a *joelhada*, um golpe com o joelho; e a *chibatada* um golpe com a *chibata*, que, neste caso, é empregada em sentido figurado. Na capoeira, a *cabeçada* é um golpe que tem por objetivo atingir o companheiro ou oponente e, portanto, distingue-se da *cabeçada* da língua comum, que pode ser resultado de um movimento da cabeça contra um objeto, uma superfície, como o vidro, por exemplo. Isso indica que esses termos são empregados com sentido especializado, pois se referem a golpes específicos. A *queixada* é um caso distinto, pois o golpe não é dado com o queixo, mas no queixo, pois o golpe visa a atingi-lo.

Observamos, também, a formação de termos com o sufixo participial *-ada*, como no termo *armada*, oriundo do verbo *armar* + *-ad(a)*. As acepções da palavra *armada* nos dicionários consultados não têm nenhuma relação com o sentido desse termo na capoeira. A *armada* é um movimento em que se engana o adversário, girando o corpo para armar o golpe inesperado.

Outro sufixo que percebemos ser recorrente é *-ão*, que forma os termos substantivos *arrastão* e *escorão* com base nos verbos *arrastar* e *escorar*. O sufixo *-ão*, nesse caso, não é um sufixo aumentativo, mas apenas um morfema indicativo de ação. Até a publicação de Ferreira (1999), o termo *escorão* não era registrado. Nesse dicionário, ele tem como acepção única o golpe de capoeira, portanto, o termo *escorão* foi formado no âmbito dessa terminologia, utilizando uma base da língua comum e um sufixo já observado em *arrastão*. O termo *arrastão*, que segundo Houaiss e Villar (2001), é dicionarizado desde o século XVII, aparece na capoeira com uma restrição de significado, exprimindo a idéia de ato de arrastar.

Notamos que há uma regularidade no emprego do sufixo *-inho(a)*, que, neste trabalho, aparece na formação de dois termos, *sapinho* e *cocorinha*. Esses movimentos têm em comum, conceitualmente, o fato de serem executados num plano inferior, da posição de cócoras ou para a posição de cócoras. O sufixo estaria relacionado, então, ao plano corporal de execução do movimento. Em nossa pesquisa, observamos a existência

de outros movimentos como *pescocinho* e *escurinho*, que apareceram na nomenclatura da Federação Internacional de Capoeira, não havendo qualquer referência conceitual que pudesse nos indicar sua execução. Podemos, então, concluir que esse sufixo é bastante freqüente na terminologia da capoeira, sendo formado, em alguns casos, a partir de bases que se referem à posição ou a um membro do corpo.

Além das unidades lexicais simples destacadas anteriormente, apresentamos outras que também possuem características peculiares.

O termo *cutila* é resultado de um processo de truncação do termo original *cutilada*, registrado em Houaiss e Villar (2001), cuja variante é *cutilada de mão*. A relação entre esses termos parece refletir uma economia lingüística, visto que o termo *cutilada de mão*, por elipse, teria originando, o termo *cutilada*, o qual, por elipse, teria dado origem à *cutila*, termo mais freqüente nos dias atuais.

Há dois termos em capoeira cuja origem é controversa: *aú* e *escorrumelo*. Ferreira (1999) levanta a hipótese de o termo *aú* ser um africanismo e Houaiss e Villar (2001) indicam que o termo tem origem obscura. Como vários movimentos da capoeira tem relação estreita com formas de objetos, *aú* poderia ser uma metáfora relacionada às letras do alfabeto A e U, justamente, pelo desenho desses símbolos gráficos. A letra A é formada pela convergência de duas retas no plano superior, ficando as pontas voltadas para baixo, como ficam as pernas do capoeirista, quando este está em pé, preparando-se para realizar o *aú*. Na letra U, as pontas do semicírculo são voltadas para cima, como as pernas do capoeirista que ficam voltadas para o alto, quando ele apóia suas mãos no solo elevando os quadris para a execução do movimento. Entretanto, essa observação é apenas uma hipótese. Estudos sobre a possível etimologia africana poderiam esclarecer esta questão.

Escorrumelo é um termo bastante polêmico, pois além de não ser registrado em dicionários, sua estrutura lingüística não demonstra uma possível derivação sufixal. Segundo discípulos de Bimba, o termo seria uma criação do mestre. Decânio Filho, em uma de nossas conversas, explicou que a palavra teria relação com o verbo *escorregar*, pois, na execução desse tipo de golpe, a cabeça escorrega pelo tronco até atingir o queixo. Outra explicação, comum entre os capoeiristas, é que o termo seria uma metonímia referente aos efeitos do golpe. Após ser atingido escorreria o melo (líquido, sangue) do nariz do atacado e, portanto, a formação *escorr(u) + melo*. Em nossas pesquisas em dicionários, como já foi observado, não encontramos registro. Dessa forma, a origem desse termo não pode nesta pesquisa ser esclarecida.

A composição sintagmática representa cerca de 30% dos tipos de formação da terminologia da capoeira, sendo bastante produtiva. Vejamos:

Sintagma Preposicionado (s + prep ¹ . +s) ²	Sintagma Adjetival (s + a) ³
Açoite de braço	Balão cinturado
Arpão de cabeça	Banda traçada
Balão de lado	Cintura desprezada
Banda de costas	Esquiva lateral
Chapa de frente	Gravata cinturada
Chapéu de couro	Martelo voador
Cutilada de mão	S dobrado
Cabeçada de escorrumelo	Armada solta
Meia-lua de compasso	
Meia-lua de frente	
Queda de rim	
Tesoura de frente	
Tesoura de costas	
Dedo nos olhos	
Rasteira em pé	

Os sintagmas são, em sua maioria, preposicionados, ou seja, com a seguinte estrutura (substantivo + preposição + substantivo) como *arpão de cabeça*, *chapa de frente*, *rasteira em pé*, entre outros. Percebemos que, em alguns casos, essas preposições são seguidas de artigo definido, o que em terminologia indicaria ser um sintagma não lexicalizado⁴. Entretanto, a frequência ligada ao fato de essas unidades estarem relacionadas a um único significado deixa claro que se tratam de termos, como *dedo nos olhos*. Devemos salientar, ainda, que essas formas têm sentido figurado, que estudaremos no próximo capítulo.

Observamos que existe uma certa regularidade quanto ao determinante do sintagma, que é, na maioria das vezes, uma referência à parte do corpo utilizada na execução do movimento ou atingida por ele, como *arpão de cabeça* e *dedo nos olhos*. Refere-se também à posição do capoeirista ou dos membros que executam o movimento como *chapa de frente*, *chapa de costas*, *rasteira em pé*.

Ainda em relação à estrutura, verificamos a presença de sintagma formado por um substantivo e um adjetivo, como *balão cinturado*, *banda traçada*, *cintura desprezada*, *gravata cinturada*, *martelo voador*, *s dobrado*. Destacamos que a maioria dos adjetivos que formam esses sintagmas são derivados de formas participiais com

¹ A abreviação prep. significa preposição.

² A letra *s* corresponde a substantivo.

³ A letra *a* corresponde a adjetivo.

⁴ Consideramos que um sintagma é lexicalizado, quando, por frequência de uso, seus elementos formam uma unidade com um significado determinado.

terminação *-do, -da*, a exemplo de *balão cinturado, banda traçada, cintura desprezada, gravata cinturada e s dobrado*. Este último sintagma tem uma estrutura bastante peculiar, sendo a união do símbolo gráfico representativo da letra “s” e de um adjetivo que especifica o movimento e que estudaremos com mais detalhes no próximo capítulo.

Entre as composições, observamos alguns casos de composição subordinativa com base verbal e um substantivo: *corta-capim, quebra-mão, quebra-pescoço*. Como podemos verificar, o elemento determinado, que é a base verbal, refere-se sempre à ação ofensiva de ferir, provocar uma lesão.

Nos casos de *quebra-mão e quebra-pescoço*, a referência dos termos determinantes é transparente, pois constituem partes do corpo em que se objetiva aplicar o golpe e causar a “lesão” ou simulá-la. Esses termos refletem o efeito do golpe. No caso de *corta-capim*, o sentido é metafórico, visto que o movimento giratório, rente ao solo, objetivando arrastar o pé do companheiro, “lembra” o movimento da foice, instrumento utilizado para cortar o capim.

Entre os casos de composição subordinativa, também foram comuns formações em que substantivos são ligados por preposição, como *rabo-de-arraia, tombo-daladeira vôo-do-morcego*, e determinados por um numeral como *queda-de-quatro*. Não raro registramos termos variantes como *balão-de-lado, banda-de-costas, boca-de-calça, chapéu-de-couro, meia-lua de compasso*, entre outros, o que revela o sentimento de unidade lexical por parte dos usuários desses termos, expresso pelo emprego do hífen.

Registramos alguns casos de conversão, ou seja, termos que na língua comum pertenciam a determinada classe gramatical tornaram-se substantivos na passagem para a linguagem de especialidade, ou seja, a terminologia da capoeira. Em Jair Moura (1991, p. 57) encontramos o termo *sopapo galopante*. Como o termo apareceu apenas uma vez em nosso *corpus*, não o consideramos como evidência suficiente para o indicarmos como entrada ou variante, mas esse tipo de formação pode dar-nos uma pista da elipse do termo determinado *sopapo*, de modo que o determinante assumia a função de substantivo, sendo contagiado pelo sentido daquele que o antecede. Em todos os demais contextos e autores foi atestado apenas o termo *galopante*.

Não observamos nenhuma evidência de um substantivo que antecederesse *asfixiante*, mas poderíamos ter *soco* ou *murro*, ficando o termo determinante *asfixiante* com o sentido daquele que o teria antecedido. No entanto, essa é apenas uma suposição analógica do que ocorreu com o termo *galopante*.

Há outros casos em que observamos a mudança da classe gramatical quando o adjetivo passa a ser um substantivo como *rasteira, rolê e vingativa*. Os termos *rasteira*

e *rolê* refletem qualidades dos movimentos, caracterizam-nos. O *rolê* é um movimento em que o capoeirista gira o corpo sobre a perna, fica com o aspecto de algo que está enrolado; por isso a utilização do adjetivo, empréstimo do francês *roulé*. A *rasteira*, forma feminina do adjetivo *rasteiro*, refere-se ao que se arrasta, a algo rente ao solo. O termo *vingativa*, forma feminina do adjetivo *vingativo*, não aparece antecedido de nenhum substantivo, que pudesse, por elipse, contaminá-lo. O movimento não demonstra qualquer relação clara com o nome, senão o aspecto subjetivo de um golpe para vingar-se de outro.

Verificamos, também, casos de derivação regressiva. Os termos *ginga* e *esquiva* constituem substantivos deverbiais derivados de *gingar* e *esquivar*, respectivamente. Esses verbos já existiam na língua comum, mas na capoeira ganharam um sentido específico, pois *gingar* não é somente balançar o corpo, é um movimento que exige aprendizado e técnica. O mesmo ocorre com *esquivar*, diferente do termo utilizado na terminologia do *boxe* pelas características do jogo da capoeira.

Ainda quanto aos verbos, destacamos o sintagma verbal *plantar bananeira*, que tem um significado único, não podendo ser considerado uma fraseologia, que, segundo Cabré (1993, p. 186) consiste em combinações que aparecem com frequência no discurso especializado, mas que não parecem corresponder a conceitos estáveis de uma área de especialidade. O verbo é empregado em sentido metafórico e significa colocar-se na posição de bananeira, ficando a pessoa de cabeça para baixo.

Como podemos observar, a terminologia da capoeira é caracterizada pelos processos semânticos de formação de palavras, que estudaremos no próximo capítulo, mas constatamos a recorrência de certos sufixos, como *-ada*, *-inho* e *-ão*, mesmo formados com base proveniente da língua comum. Observamos também casos de conversão, em que adjetivos na língua comum passaram a funcionar como substantivos. Destacamos, ainda, um caso de truncação. Outra característica marcante da terminologia da capoeira é a formação por composição sintagmática, bastante produtiva, notadamente para nomear as variações de movimentos. Como observamos na Introdução deste trabalho, não iríamos explorar as variações dos movimentos, salvo se fossem muito frequentes, pois, caso o fizéssemos, seria difícil o estabelecimento de limites para o estudo, e o número de sintagmas seria muito grande. Observamos, ainda, composições por subordinação e o emprego frequente de hífen para unir as unidades lexicais compostas.

O fato de não observarmos derivações sufixais entre os termos próprios da capoeira, mostra-nos que esse jogo utiliza a língua comum como fonte e prefere

emprestar uma unidade lexical já utilizada, restringindo, ampliando ou associando seu significado. Não observamos processos de derivação prefixal, composição coordenativa ou empréstimos de outras línguas, a não ser aqueles já cristalizados na língua comum como *godeme* e *rolê*. Com exceção da polêmica etimologia dos termos *aú* e *gingar*, não verificamos nenhuma palavra de origem africana, constituindo-se este repertório predominantemente de termos vernáculos.

2. Sinonímia e Polissemia: as variações

Observamos vários casos de sinonímia e polissemia na terminologia da capoeira em virtude de variações de execução, de estilo, que podemos denominar de variações socioletais, de lugar, ou seja, topoletais, e de tempo, cronoletais.

2.1. Sinonímia

Neste trabalho, em virtude dos critérios de seleção dos termos, que deveriam ser os mais freqüentes, aparecendo em pelo menos dois manuais, foi reduzida a quantidade de sinônimos.

Os casos de sinonímia entre *bênção e chapa de frente, meia-lua de compasso e rabo-de-arraia*¹ devem-se ao fato de esses movimentos pertencerem a estilos de capoeira diferentes. O *rabo-de-arraia* é um dos mais antigos golpes de capoeira e tem muitas variações de execução, o que lhe confere um certo grau de polêmica dentro da própria capoeira. A *meia-lua de compasso* surgiu posteriormente ao *rabo-de-arraia*, pois a nomenclatura da capoeira regional começou a ser difundida a partir da década de 30. Essa mudança na denominação do movimento mostra-se como uma estratégia de diferenciação dos estilos. O mesmo ocorre com *bênção e chapa de frente*. A *chapa de frente* também possui muitas variações, uma das quais, a mais freqüente, é o movimento representado pela *bênção*, que muitos angoleiros tratam como *chapa de frente*. Dessa forma, esses termos não seriam sinônimos perfeitos, mas quase-sinônimos, visto que a abrangência do termo *chapa de frente* é muito maior.

Outro caso de sinonímia com o qual nos deparamos foi entre *chibata* e as formas *chibatada* e *chapéu de couro*. O termo *chapéu de couro* é mais freqüente do que *chibata* e *chibatada*, aparecendo principalmente nos manuais de capoeira regional, enquanto esses últimos são encontrados em manuais e citações de mestres angoleiros como Pastinha, Canjiquinha e Bola Sete.

O termo *dedo nos olhos*, mais comum e observado tanto nos materiais relativos à capoeira angola quanto à regional, parece-nos mais antigo do que o termo *forquilha*, preferido pela Federação Internacional para ser o sinônimo adotado. Portanto, a sinonímia é cronoletal, relativa à passagem do tempo, a épocas diferentes.

Outra relação sinonímica observada ocorre entre os termos *sapinho* e *coice*. O primeiro é mais freqüente nas listagens e o segundo, registrado em Ferreira (1999) como *coice-de-mula*, apareceu em um manual cujo autor tem forte influência da capoeira

carioca. Entretanto, não há informação suficiente para afirmar se esses movimentos são próprios de determinada região.

Os termos *ginga* e *gingado*, notadamente entre os discípulos diretos de mestre Bimba, são usados um pelo outro, muitas vezes, no mesmo texto ou livro e, outras vezes, na mesma página. *Ginga* é o termo mais freqüente, tanto nos materiais referentes à capoeira angola quanto à capoeira regional.

Como vimos, a sinonímia é empregada principalmente para marcar a diferença entre os estilos de capoeira regional e angola. Em outros casos, termos mais recentes concorrem com termos mais antigos, como é o caso de *dedo nos olhos* e *forquilha*. Outros variam de acordo com a região.

Como observamos anteriormente, os sinônimos apresentados são apenas uma amostra da variabilidade encontrada. Em alguns casos, manuais mostravam alguns termos como sinônimos; no entanto, para confirmarmos essas informações precisaríamos contatar mestres e outras fontes bibliográficas, mas não dispusemos de tempo hábil para tal.

2.2. Polissemia

Em nosso **Glossário**, há mais de um verbete para os seguintes termos: *corta-capim*¹, *corta-capim*², *negativa*¹, *negativa*², *negativa*³, *rabo-de-arraia*¹, *rabo-de-arraia*², *rabo-de-arraia*³, *cintura desprezada*¹ e *cintura desprezada*². Todos eles pertencem à linguagem da capoeira e possuem características comuns; portanto, consideramos que são termos polissêmicos, não homônimos.

Tanto em *corta-capim*¹ quanto em *corta-capim*², o movimento objetiva arrastar o companheiro, sendo o primeiro um movimento giratório e o segundo semigiratório, ambos lembrando o movimento da foice ao cortar o capim. O *corta-capim*², que já era descrito nos manuais da capoeira carioca, não é comum em rodas. O *corta-capim*¹, semelhante aos movimentos do *break*, é mais freqüente do que o anterior. Nesse caso, a polissemia é causada mais por uma variação temporal e espacial do que por diferença de estilos.

Os capoeiristas com os quais conversamos enxergam a *negativa* como um movimento de negação do corpo – negar ou esquivar-se de um golpe – possuindo inúmeras variações de acordo com as características do jogo. Dessa forma, torna-se bastante complicado e mesmo problemático estabelecer-se qualquer “etiqueta”, explicando que certo golpe é de capoeira angola e outro de regional.

Entretanto, pelas influências metodológicas de Bimba, há nos manuais tipos mais frequentes de *negativa*, que são denominados, na maioria das vezes, simplesmente *negativa*. A *negativa*¹ descrita nos manuais de capoeira regional, apesar de fazer parte da seqüência de Bimba, não é muito comum nas rodas de capoeira.

A *negativa*² foi observada principalmente nos manuais de autores ligados à capoeira carioca de nossos dias, como no de Nestor Capoeira (1999), sendo um tipo de descida defensiva bastante freqüente.

A *negativa*³ é comum nas rodas de capoeira angola, principalmente quando o jogo se desenvolve no chão, é rasteiro.

Analisando os momentos, podemos dizer que há algumas variações do posicionamento da perna e da cabeça, mas são muito semelhantes. A *negativa*¹, no entanto, pode transformar-se num contra-golpe, dependendo da forma aplicada, o que mostra a tendência a um jogo mais ofensivo.

O *rabo-de-arraia*¹, sinônimo da *meia-lua de compasso*, é um dos movimentos mais comuns e frequentes nas rodas de capoeira angola.

O *rabo-de-arraia*² é como os praticantes da capoeira regional denominam uma variação da meia-lua de compasso, aplicada sem o apoio das mãos no solo.

O *rabo-de-arraia*³, como explicamos no verbete, é um movimento bastante antigo que levou o negro Ciríaco à vitória contra Sado Miako. Encontramos referências sobre ele em manuais cariocas publicados nas últimas décadas.

Considerando a execução do movimento e, principalmente, seu traçado, observamos que o que diferencia o *rabo-de-arraia*² do *rabo-de-arraia*¹ é o fato de não se apoiar as mãos no chão, sendo que o traçado giratório do movimento é o mesmo, ou seja, a perna que ataca se desloca horizontalmente. No caso do *rabo-de-arraia*³, a perna desloca-se verticalmente num movimento semigiratório.

No caso de *cintura desprezada*, a freqüência com que se usava essa denominação para referir-se a um dos movimentos de projeção (*cintura desprezada*¹), acabou fazendo com que o seu significado fosse estendido para a sucessão de movimentos que forma a seqüência de balões, introduzidos na capoeira regional por Bimba, que muitos conhecem como *cintura desprezada*². Portanto, essa alteração no sentido, que acabou dando origem à polissemia, deve-se à extensão do significado original, que de um movimento passa a nomear toda a seqüência de movimentos, com o passar do tempo. Esse processo nos remete ao comentário de Alves (2000, p. 267), mencionado no capítulo II, que se refere à ocorrência de polissemia devido à freqüência de uso de um termo.

De um modo geral, percebemos que a polissemia ocorre devido às variações de estilo, também de execução do movimento e a frequência de uso do termo. Em outros casos, até as diferenças entre regiões podem influenciar no desenvolvimento do significado do termo.

Além desses casos, há também o termo *chapa*, variante do movimento designado *chapa de costas*. Como explicamos no **Glossário**, é comum, notadamente na capoeira angola, a generalização dos movimentos. Uma *chapa* pode ser dada de diversas posições e, muitas vezes, é chamada simplesmente de *chapa*, como ocorre com *chapa de costas*.

Muitas vezes, essas variações nascem da adaptação individual de um capoeirista, que repassa essa nova forma de executar o movimento para outros capoeiristas, que, por sua vez, modificam algum detalhe e assim, pouco a pouco, os movimentos variam e mantêm a mesma denominação.

A sinonímia e a polissemia, no caso da capoeira, podem tornar-se um problema apenas em casos de mudança de região, grupo ou estilo de jogo, no momento das aulas de treinamento. Na roda, a denominação não é utilizada, tornando-se importante o conhecimento técnico e também a intuição do jogador.

Quanto à capoeira como esporte, é necessário que haja denominações e seus respectivos conceitos claramente descritos para o atleta, de modo que estes conheçam os golpes permitidos e não-permitidos na competição, a fim de não existirem mal-entendidos em razão de o atleta conhecer o movimento com outra denominação. Sob o aspecto esportivo, então, é importante que os atletas conheçam a nomenclatura vigente e a descrição dos movimentos que a ela correspondem.

VI. TERMINOLOGIA FIGURADA

1. **Metáfora, Metonímia e Terminologização: aspectos teóricos**

Neste capítulo, iremos discutir os processos semânticos de criação de termos, que, na realidade, decorrem da transferência de significado por meio da metáfora, da metonímia e da sinédoque, como explicamos no capítulo II.

Para realizarmos nossa análise dos processos semânticos que deram origem aos termos da capoeira, baseamos-nos nos estudos de Guiraud em *La Sémantique* (1969), que resume e comenta a classificação feita por Stephen Ullmann em *The principles of semantics* (1951), que complementamos com as explicações desse mesmo autor em *Semantics: an introduction to the science of meaning* (1964). Além disso, incorporamos ao nosso embasamento teórico as reflexões de Kocourek (1991) sobre a importância do emprego figurado das palavras na ciência terminológica.

Nos últimos anos, foram realizados muitos estudos sobre a metáfora analisada no âmbito do texto, o que nos levou a buscar autores preocupados com a semântica lexical, pois os termos da capoeira são utilizados na prática, em comandos de aula ou em descrições de jogo e aparecem muito raramente em textos. Na maioria das vezes, esses termos aparecem isoladamente, seguidos da descrição da execução do movimento, como legenda de uma ilustração em um manual. Oralmente, os termos são utilizados nos comandos de aula, quando o professor de capoeira solicita aos seus alunos que realizem determinado movimento ou seqüência de movimentos. Verificamos, portanto, a importância do contexto extralingüístico do termo. Iniciaremos nossa reflexão sobre os processos semânticos de formação de termos discutindo as noções de arbitrariedade, convenção e motivação dos signos lingüísticos.

Segundo Guiraud (1969, p. 24), a essência do símbolo lingüístico é a convencionalidade, não a arbitrariedade. O símbolo é convencional porque resulta de um acordo lingüístico entre aqueles que o empregam. Ele só é arbitrário quando a relação entre o significante e o significado é puramente convencional, em caso contrário, é motivado. O Autor explica que, para a lingüística moderna, a língua é um sistema de símbolos arbitrários e imotivados, mas que a observação dos fatos lingüísticos mostra que grande parte das palavras que empregamos é efetivamente motivada e essa motivação, mais ou menos consciente, dependendo do caso, determina o emprego dessas palavras e de sua evolução. O Autor afirma ainda que “toda nova criação verbal é necessariamente motivada.” (1969, p. 24, tradução nossa).

Guiraud classifica as motivações em externas e internas. As **motivações externas** baseiam-se na relação entre a coisa significada e a forma significante fora do sistema lingüístico. As **internas** têm sua origem no interior do sistema lingüístico, com base na relação de motivação entre a palavra e outras palavras existentes na língua. As motivações externas podem ser **fonéticas**, como as onomatopéias, discutidas no capítulo II, ou **metassêmicas**, o que implica uma mudança de sentido, que ocorre por meio da metáfora. As internas, por sua vez, podem ser **morfológicas**, tipo mais geral e mais fecundo de motivação, que se refere aos processos de derivação e composição; ou **paronímicas**, que são mais raras e ocorrem devido à assimilação ou confusão de duas formas idênticas (homonímicas) ou vizinhas (paronímicas). Entretanto, Guiraud explica que, apesar de todas as palavras serem etimologicamente motivadas, como os empréstimos (motivados dentro da língua original), as onomatopéias, os derivados e compostos ou as decorrentes de mudança de sentido, essa motivação não é determinada nem determinante. Não é totalmente determinada, pois a criação das palavras é livre, dentro de certos limites, e não é determinante, porque não é necessária ao sentido, que é atualizado por uma associação convencional. Muitas vezes, o apagamento da motivação é necessário, pois a palavra deve evocar o conjunto de características que nomeia e não seu caráter motivador.

Quanto à motivação, Ullmann (1964) é mais crítico em suas reflexões e lembra que a motivação é relativa tanto no caso das onomatopéias, pois elas devem ser sentidas como tais, quanto no caso das motivações morfológica e semântica (metassêmica na terminologia de Guiraud), cujos componentes são muitas vezes opacos¹. Uma palavra pode conter várias camadas de motivação, que podem ser identificadas por um processo denominado redução semântica. Entretanto, segundo o Autor, a análise semântica e morfológica acaba tendo de parar diante de uma onomatopéia ou diante de um signo puramente convencional, ou seja, arbitrário.

Sob o ponto de vista terminológico, Kocourek (1991, p. 173) reafirma as observações de Guiraud, declarando que a maioria das unidades lexicais é motivada e que, em terminologia, a predominância do motivado é o caráter essencial da formação terminológica. Ressalta, ainda, que a forma dos termos sugere parte de seu sentido e que, para os cientistas, os termos devem dar uma explicação racional para a sua forma. É trabalho dos terminólogos, então, examinar a motivação dos termos e sua justificativa.

¹ Para Ullman (1964, p. 81) as palavras podem ser opacas ou arbitrárias, ou seja, sem conexão entre som e sentido, ou motivadas e transparentes, quando essa conexão é estabelecida.

Essa observação de Kocourek, em si, justifica nossa análise dos processos semânticos envolvidos na transferência de significado dos termos da capoeira.

Outro dado importante destacado por Kocourek é a estreita relação entre a abordagem da motivação e o estudo da formação léxica, a tal ponto que ambos os tipos de classificação podem ser comparados. Uma dessas correspondências é estabelecida entre a motivação semântica (metassêmica de Guiraud) e o emprego figurado, que, segundo o Autor não cria, mas acompanha o processo de formação de palavras.

Guiraud classifica os processos de denominação ou criação de palavras em onomatopéia, empréstimos, derivação, composição e transferência de sentido. O último consiste em designar um conceito por um nome que já pertence a outro conceito, com base na semelhança ou na contigüidade entre eles.

Desse modo, entendemos que a transferência de sentido descrita por Guiraud, que engloba a metáfora, a metonímia e a sinédoque, também cria um termo, pois dá a um significante existente um novo significado em um dado contexto ou área do saber, ao mesmo tempo em que também ocorre quando da constituição semântica de outros termos formados, por exemplo, por composição e por conversão, como verificaremos em nossa análise.

Ullmann (1964) explica que há, na realidade, a transferência do nome por semelhança ou por contigüidade de sentido e a transferência de sentido por semelhança ou por contigüidade de nome. Nesse caso, a metáfora e a metonímia resultariam não de uma transferência de sentido, mas de nome, de significante. Segundo o Autor, há ainda as transferências compostas.

1.1. Metáfora

A transferência de nome por semelhança de sentido é a mais freqüente de todas as mudanças de sentido, sendo que a metáfora é o tipo mais comum. De acordo com Ullmann, “[...]uma metáfora é uma comparação condensada que sugere uma identidade intuitiva e concreta” (1964, p. 173, tradução nossa). A semelhança pode ser:

- a) **substancial**: semelhança de forma, de função e de situação;
- b) **sinestésica**: assimilação de um som a uma cor, de uma cor a um odor;
- c) **afetiva**: assimilação das qualidades de um objeto concreto a um sentimento.

A transferência pode ser direta ou baseada em analogias, as quais podem ser o centro de um campo semântico. Na gíria utilizada pelos soldados em 1914, durante a I Guerra Mundial a cozinha rolante era um tanque e os feijões, por analogia, as balas. Os decalques também seriam baseados em analogias, como no exemplo francês *dada* originário do inglês *hobby*, significando ocupação favorita.

Baseado na terminologia de I. A. Richards, Ullmann (1964, p. 213) explica que a coisa que se compara é o *tenor* (teor), a coisa à qual se compara é o *vehicle* (veículo) e os traços em comum são chamados de *ground* (base). Em nosso trabalho, as metáforas são geradas no momento em que se nomeiam os movimentos, ou seja, não há outro nome para se colocar como *teor* senão, em muitos casos, o próprio nome do *veículo*.

Ullmann apresenta, ainda, os quatro tipos de metáforas mais recorrentes em línguas e estilos literários diferentes. São elas: metáforas antropomórficas, animais (zoomórficas), sinestésicas e aquelas que partem do concreto ao abstrato.

As metáforas antropomórficas são bastante comuns, pois grande parte das expressões que se referem a objetos inanimados são originárias, por transferência, do corpo humano e de suas partes, dos sentidos e das paixões humanas, como, por exemplo, a *boca do rio*.

As metáforas animais ou zoomórficas são formadas a partir da nomeação de plantas, objetos, máquinas e do próprio homem (com conotações humorísticas neste último caso) com nomes de animais. Ex: *dente de leão* (planta), *gato* (homem).

Nas metáforas sinestésicas ocorre uma transposição de um sentido a outro. Ex: *voz fria*.

Uma das tendências básicas da metáfora é a de traduzir experiências abstratas em termos concretos, um meio de facilitar a apreensão do abstrato. Como exemplo, citamos a palavra latina *velum* (véu), que deu origem ao verbo *revelar*.

Kocourek (1991, p. 169-70) destaca as metáforas antropomórficas e zoomórficas, que caracterizam a composição popular metafórica do tipo parte do corpo + de + animal, e também a imitação gráfica, que reflete a analogia icônica entre a forma do referente nomeado e a forma de uma letra do alfabeto como, por exemplo, *régua T*. O Autor explica que a motivação metafórica é marcada, de um lado, por sua força evocativa, por seu valor pictórico e por um caráter concreto e vivo. Entretanto, demonstra também sua debilidade em sua falta de sistematicidade, de indicações objetivas, em sua ambigüidade, ou seja, na aplicação da mesma metáfora a uma grande quantidade de casos diferentes. Kocourek afirma, no entanto, que a ambigüidade dos

termos metafóricos diminuí dentro das especialidades terminológicas em que são empregados.

É importante salientar que Kocourek observa que os termos-palavras metafóricos são mais raros do que os compostos ou termos-sintagmas cujos componentes são empregados com sentido metafórico. Um sintagma pode, então, ser ou não metafórico, como poderemos verificar em nossa análise.

1.2. Metonímia

A transferência de nome por contigüidade de sentido, que inclui a metonímia e a sinédoque, é, segundo Ullmann “menos interessante do que a metáfora, pois não descobre novas relações, mas evoca relações entre palavras já relacionadas umas com as outras” (1964, p. 218, tradução nossa).

Ullmann considera a sinédoque, relação parte pelo todo, como um tipo de metonímia, tão importante de modo que alguns autores preferem tratá-la à parte. Como explica o Autor, a melhor maneira de se classificar as metonímias é destacar suas associações. Algumas relações metonímicas são baseadas em:

- a) **relações espaciais:** a palavra *greve*, por exemplo, foi originada com base na relação entre o lugar onde os operários se concentravam, *Placé de Grève*, e a situação;
- b) **relações temporais:** o nome de uma ação ou evento pode ser transferido para alguma coisa que o preceda ou o siga imediatamente, como a palavra *missa*, que significava “dismissed” e , sendo dita no final dos serviços eclesiais, passou a nomear esses serviços;
- c) **parte pelo todo (sinédoque):** nomeia-se o todo por apenas uma de suas partes, como a utilização da palavra *colarinho branco*, peça do vestuário dos executivos, para referir-se a eles;
- d) **inventor pela invenção ou descobridor pela descoberta:** a denominação da coisa inventada com o nome de quem a inventou ou desenvolveu, como a corrente elétrica *ampère*, quantificada pelo cientista francês André Ampère;

- e) **origem pelo produto:** produtos recebem o nome de seu local de origem, como a bebida *champagne*, que recebeu o nome do local onde era produzida;
- f) **abstrato pelo concreto:** palavras abstratas ganham significado concreto, como a palavra *addition* em francês, que, além do ato de adicionar e o seu resultado, significa também a conta, em um restaurante. Nesse tipo de relação incluem-se: a ação por seu resultado, a qualidade pela pessoa ou objeto que a exhibe etc.

Segundo Kocourek (1991, p. 172), os tipos de metonímia mais recorrentes em terminologia são a atividade pelo resultado, o inventor pela invenção, o descobridor pela descoberta, o produtor (empresa) pelo produto e o lugar pelo produto. O Autor explica, ainda, que a motivação metonímica representa um aspecto semântico da formação lexical por elipse, como, por exemplo: o vinho de Saint-Émilion et du Beaujolais, conhecido como o Beaujolais. Kocourek destaca, também, que vários tipos de metonímia dão origem aos **epônimos terminológicos**, ou seja, termos comuns (e nomes próprios) que contêm elementos provenientes de nomes próprios e que servem de base para a derivação como *pasteurizar*.

1.3. Transferência de Sentido e Transferência Composta

A transferência de sentido por semelhança de nome refere-se à **etimologia popular** que pode mudar a forma e o significado de uma palavra, explicando-se a sua história pela associação com o som de uma palavra similar. Exemplificamos com a associação da palavra *contredanse*, em francês, à palavra *country dance*, de origem inglesa.

A transferência de sentido por contigüidade de nome ocorre quando há **elipse** ou **contágio sintático** e tem sua origem na associação entre dois nomes contíguos de um mesmo contexto. Em uma frase com duas palavras na qual uma delas é omitida, o significado desta é transferido para a outra, o que caracteriza a elipse. Essa transferência de sentido pode ter conseqüências gramaticais como a conversão de um adjetivo em substantivo. Vejamos o exemplo: *vila capital* → *capital*. O contágio ocorre quando uma palavra passa a ser associada à outra que sempre lhe acompanha nos contextos. É o caso da palavra *pas*, em francês, que, pelo emprego constante com a partícula negativa *ne*, passou a ter conotações negativas.

A transferência composta reflete a complexidade das relações semânticas, que, muitas vezes, englobam uma série de transferências de nome e de sentido na evolução de uma palavra. Um exemplo desse tipo de transferência é a palavra *beaujolais*, que se refere a um copo de vinho Beaujolais. Nesse caso, observamos a dupla elipse, baseada na contigüidade sintática dos nomes *copo* e *vinho*, *vinho* e *Beaujolais* e, ao mesmo tempo, uma dupla metonímia, com a associação de dois sentidos contíguos: o continente pelo conteúdo e o lugar pelo produto.

1.4. Terminologização

Ullmann (1964, p. 198-210) apresenta várias causas para a mudança de sentido, já identificadas por Antoine Meillet, entre elas: causas históricas, lingüísticas, sociais e psicológicas. Em nosso trabalho, a mudança de sentido ocorreu devido a causas sociais, ou seja, a palavra da língua comum tornou-se termo devido a um deslocamento de seu emprego social. Esse deslocamento pode ter duas conseqüências, a especialização ou a generalização semântica. Quando ocorre a especialização semântica, o significado se restringe e a palavra passa a ser aplicável a menos coisas, dizendo mais sobre elas. Quando essa especialização se processa da língua comum para a linguagem de especialidade, chamamos esse processo de **terminologização**. Por outro lado, quando ocorre a generalização semântica, observa-se a extensão do significado, ou seja, a palavra passa a ser aplicável a muitas coisas, dizendo menos sobre elas. Quando o termo passa da linguagem de especialidade para a língua comum, referimo-nos a esse processo como **banalização**. Outra conseqüência da mudança de sentido é a alteração na avaliação da palavra, que pode ser negativa, com desenvolvimentos pejorativos, ou positiva, com o gradual apagamento do sema negativo da palavra.

Para Kocourek (1991, p. 172), a metáfora e a metonímia lexicais são dois aspectos semânticos da criação de palavras que permitem enriquecer a terminologia sem recorrer a significantes novos.

2. Análise do Emprego Figurado dos Termos: a metáfora e a metonímia na terminologia da capoeira

Analisaremos, primeiramente, com base na teoria apresentada, os termos que indicamos no capítulo V como oriundos de processos de ressignificação semântica e também o emprego figurado dos termos resultantes de outros processos de formação.

Alguns dos termos da capoeira foram emprestados da língua comum sem que passassem pelo procedimento do emprego figurado, processando-se, somente, uma restrição de significado, uma **terminologização**. São esses termos: *arrastão*, *esquiva*, *esquivar*, *gingar*, *giro*, *guarda*.

A partir do conceito geral do verbo *esquivar*, a *esquiva*, termo formado por derivação regressiva, possui especificações como *esquiva lateral*, por exemplo. A *esquiva*, em capoeira, implica qualquer deslocamento corporal para afastar-se de um golpe e, portanto, é um conceito bastante abrangente. Alguns grupos de capoeira denominam *esquiva* um movimento defensivo específico, como o utilizado no estilo regional-senzala, no qual o capoeira inclina o corpo para um dos lados e toca uma das mãos no chão, protegendo o rosto com a outra mão. (CAPOEIRA, 1999, p. 135-6)

O verbo *gingar* é registrado em Bluteau (1713) como oriundo do verbo *gingrar*, sem etimologia identificada, com o sentido de bambolear, balançar. Entretanto, encontramos no *Dicionário banto do Brasil*, escrito por Nei Lopes (1995), uma outra etimologia para o termo. Para o Autor, o termo seria um africanismo proveniente do quimbundo *jangala*, bambolear, da mesma raiz de *jinga*, rodear, remexer. A etimologia do termo é, ainda, controversa, pois a afirmação da etimologia africana deveria ser acompanhada por um estudo de datação nas fontes portuguesas, que refletisse uma possível assimilação do africanismo pela língua portuguesa antes do período de elaboração do *Vocabulário portuguez e latino*, de Raphael Bluteau. De qualquer modo, o termo *gingar*, na capoeira, refere-se à ação produzida pelo balanço de corpo, que, na capoeira regional, segue uma metodologia. Na capoeira angola, a *ginga* é mais solta e o efeito é comparável ao bambolear de um bêbado.

A unidade lexical *arrastão*, na língua comum, refere-se ao ato de arrastar com violência, mas na capoeira, há uma especialização desse mesmo conceito, ou seja, o *arrastão* é um movimento que objetiva arrastar alguém violentamente, mas envolve uma técnica relativa à forma como se deve aproximar do companheiro, à posição em

que se deve apoiar as mãos para puxá-lo, enfim, a diversos detalhes que restringem seu significado.

O termo *giro*, fora do contexto capoeirístico, pode significar uma rotação de qualquer natureza. Na capoeira, apesar da facilidade de execução do movimento que parece óbvio, o termo possui um significado específico. O *giro* é feito na posição em pé sobre o próprio eixo do corpo de quem o executa, produzindo um deslocamento, na maioria das vezes, lateral. Essa especificação do significado é resultado de sua terminologização.

O termo *guarda*, por exemplo, foi emprestado de outra área de especialidade, o boxe. O termo era utilizado também para referir-se à posição de defesa da esgrima. Em capoeira, como no boxe, a *guarda* é uma posição em que o capoeirista se defende com um dos braços à frente do corpo. No entanto, na capoeira é também uma posição de passagem da ginga e tem, portanto, um sentido especializado.

Outros termos são emprestados da língua comum, mas são empregados com sentido figurado.

Para melhor visualizarmos as associações metafóricas, organizamos um quadro baseado na terminologia de I. A. Richards (1936, cap. 5 e 6 apud ULLMANN, 1964, p. 213), que adaptamos à língua portuguesa. Quanto ao veículo, apresentamos o significado original da palavra dicionarizada, ou seja, sua primeira acepção, baseada em Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2001). A seguir, apresentaremos os termos e a relação de semelhança, que possibilitam a associação metafórica.

METÁFORA				
		TEOR	VEÍCULO	BASE
FORMA	Instrumento	<i>Arpão</i> (de cabeça)	Instrumento em forma de seta.	Semelhança entre a disposição dos braços e da cabeça, formando uma seta.
		<i>Cutila/Cutilada</i> (de mão)	Golpe de cutelo, espada, sabre.	Semelhança entre o cutelo e o formato da mão na execução do golpe, que atinge o alvo com a lateral inferior do dedo mínimo.

FORMA	Instrumento	<i>Forquilha</i>	Pequeno forçado, instrumento de lavoura de duas ou três pontas.	Semelhança entre a disposição dos dedos indicador e médio, que atingem o alvo, e as pontas da forquilha.
		<i>Tesoura</i> (de costas, de frente)	Instrumento cortante, formado por duas lâminas de aço, que se unem sobre um eixo.	Semelhança entre a disposição das pernas em relação ao tronco, pois elas se abrem para atacar e se fecham ao atingir o alvo, como as lâminas da tesoura ao cortar.
	Objeto	<i>Chapa</i>	Lâmina, superfície plana.	Semelhança entre a superfície plana da chapa e a do pé ao atingir o alvo.
		<i>Chapéu de Couro</i>	Peça de feltro, palha, couro, com copa e abas, utilizada para cobrir a cabeça.	Semelhança entre o chapéu de couro, de forma circular, notadamente utilizado pelo nordestino, e o traçado giratório do movimento. Nestor Capoeira (1999, p. 181) dá uma outra explicação. O autor diz ser o <i>chapéu de couro</i> uma alusão ao sapato de couro (que cobre o pé), que atinge a cabeça da vítima.
		<i>Compasso</i>	Instrumento empregado para traçar círculos, formado por dois braços unidos por uma charneira na parte superior.	Semelhança entre o traçado realizado pelo objeto, que forma círculos, e o movimento realizado pelas pernas, com o apoio do braço, formando um semicírculo.

FORMA	Objeto	<i>Cruz</i>	Armação de duas barras ligadas entre si em um ponto em comum para formar quatro braços.	Semelhança entre a disposição dos membros em relação ao tronco na execução do movimento.
		<i>Gravata (cinturada)</i>	Acessório que consiste em uma tira de tecido que envolve o pescoço.	Semelhança entre a disposição da gravata no pescoço e a disposição do braço do capoeirista no pescoço de seu companheiro. <i>Cinturada</i> refere-se ao movimento que causa a elevação da cintura no momento da projeção.
		<i>Leque</i>	Abano de forma semicircular, fixo ou montado sobre lâminas móveis.	Semelhança entre a disposição dos dedos da mão e as lâminas, que formam um semicírculo quando abertos.
		<i>Telefone</i>	Aparelho destinado a transmitir sons da fala humana à distância.	Semelhança da forma das mãos que atacam e do gancho do telefone. Ambos em forma de concha. Há, ainda, uma relação metonímica, em que o telefone é utilizado para referir-se ao gancho.
	Animal ou Movimento a ele relacionado	<i>Coice</i>	Pancada de quadrúpedes com as patas.	Semelhança do traçado do movimento com o coice. Nesse caso, o capoeirista, apoiando as mãos no chão, atinge o companheiro com os pés.

FORMA	Animal ou Movimento a ele relacionado	<i>Sapinho</i>	Denominação dos anfíbios anuros.	Semelhança entre o movimento realizado pelas pernas do capoeirista e pelas pernas do sapo. Movimento realizado no baixo plano, ou seja, de cócoras e de costas para o companheiro.
		<i>Rabo-de-arraia</i>	Parte do corpo desse peixe.	Semelhança entre o movimento do rabo da arraia e o movimento da perna do capoeirista, cuja trajetória é circular.
		<i>Vôo-do-morcego</i>	Movimento no ar realizado pelo morcego.	Semelhança entre o movimento realizado por esse animal e o salto do capoeirista.
	Representações gráficas	<i>Aú</i>	Letras A e U do alfabeto.	Semelhança entre o posicionamento das pernas em relação ao solo na execução do movimento e as letras A (com as pernas para baixo) e U (com as pernas para cima).
		<i>S (dobrado)</i>	Letra S do alfabeto.	Semelhança entre o traçado do movimento da letra S, por seu caráter curvilíneo. O adjetivo <i>dobrado</i> refere-se à continuidade do traçado semelhante à letra S, que faz com que o movimento se assemelhe à repetição dessa letra.

FORMA	Representações geométricas	<i>Meia-lua</i> (de frente)	Aspecto da lua quando apenas uma das suas partes está iluminada.	Semelhança entre o movimento semigratório e a forma de meia-lua, ou seja, a forma de um semicírculo.
		<i>Meia-lua de compasso</i>	Verificar as explicações indicadas na coluna veículo sobre <i>meia-lua</i> e <i>compasso</i> .	Semelhança entre o movimento semigratório e a forma de meia-lua e entre a perna de apoio e o braço que apóia o compasso no momento de traçar os círculos. A outra perna fica livre para aplicar o golpe, movimentando-se circularmente, assim como o outro braço do compasso com ponta-lápis, que traça o círculo. Trata-se de uma transferência composta, formada por uma dupla metáfora.
	Vegetal	<i>Bananeira</i>	Árvore que produz bananas.	Semelhança pela forma em que se posicionam os braços, tronco e pernas. Essas últimas representariam a copa. Os braços, as raízes.
	Aspecto	<i>Rolê</i>	Enrolado.	Semelhança entre a forma do movimento, em que o capoeirista se desloca com um giro de cintura, que lhe confere um aspecto enrolado como o de um bife role.

FUNÇÃO	Ação	<i>Bênção</i>	Ato de abençoar.	Semelhança, por ironia, da função da bênção, que atinge para causar efeito contrário à bênção religiosa, o mal-estar.
		<i>Bochecho</i>	Ato ou efeito de bochechar.	Semelhança entre a ação causada pelo impacto do golpe e o bochecho.
	Instrumento	<i>Açoite</i> (de braço)	Instrumento de tiras de couro para castigar.	Semelhança entre o movimento e a ação de bater com um açoite.
		<i>Chibatada</i> (Chibata)	Pancada de chibata, que é um chicote.	Semelhança entre o traçado do movimento da capoeira com a pancada de chibata.
		<i>Martelo</i> (voador)	Instrumento com cabeça de material forte, presa a um cabo, destinado a bater, quebrar e cravar pregos.	Semelhança entre o movimento e a ação de bater com o martelo. O adjetivo <i>voador</i> refere-se à qualidade de força e impulsão do golpe dado com o apoio das mãos no solo.
	Objeto	<i>Balão</i> (cinturado, de lado)	Invólucro de forma esférica, cheio de ar quente ou de gás mais leve do que o ar, que flutua sem auxílio de sistema de propulsão.	Semelhança pela característica de elevação do objeto, pois o movimento causa a elevação do corpo e sua projeção.
	SITUAÇÃO	Ação	<i>Corta-capim</i>	Ação de cortar o capim.

Pela descrição apresentada nesse quadro, podemos observar algumas regularidades associativas com animais, armas (instrumentos perfuro-cortantes ou traumatizantes), representações gráficas, acessórios de vestuário e vegetação.

As associações com animais, metáforas zoomórficas, como observa Ullmann, são especialmente recorrentes, entre as quais estão: *coice*, *rabo-de-arraia*, *sapinho* e *vôo-do-morcego*. Na capoeira, é constante a comparação dos movimentos realizados por animais àqueles executados pelo capoeirista. Acredita-se, principalmente no meio capoeirístico, que muitos dos golpes foram desenvolvidos pela observação dos movimentos dos animais e da natureza. A relação denominativa movimento-animal torna o sistema denominativo mais vivaz, concreto, e facilita a memorização, pois ao associar-se a denominação ao conceito no mundo visível, ao ouvirmos o nome do animal ou de um movimento que a ele se relaciona, visualizamos as características que tornam o golpe ou o movimento semelhantes a ele. Em sua descrição da capoeira, Rugendas (1972, p. 155) compara os capoeiristas a bodes, em virtude da grande quantidade de cabeçadas. Há, ainda, outros termos referentes a animais que não inserimos em nosso **Glossário** por não se enquadrarem nos critérios estabelecidos, como *marrada* e *pulo do macaco*. O termo *marrada*, utilizado por mestre Bimba em um depoimento gravado no CD *Curso de Capoeira Regional*, lançado recentemente, foi substituído pelo termo *cabeçada*. A *marrada* é a cabeçada de bodes e carneiros, o que reforça a comparação feita por Rugendas.

A capoeira, cujo próprio nome remete à mata, pelo menos sob a perspectiva mais aceita, tem em sua origem, entre os negros escravos, uma relação forte com a natureza e com o próprio homem e, por isso, utiliza tanto a denominação de animais como a de plantas para nomear novos conceitos. O movimento é a essência da capoeira, como de qualquer luta ou expressão corporal, e a observação de animais é uma fonte de criação tanto de movimentos como de denominações.

Instrumentos que podem ser utilizados como arma também são denominações muito freqüentes na capoeira. O *açoite*, o *arpão*, a *chibata*, a *cutilada*, a *forquilha*, o *martelo* e a *tesoura* demonstram que a capoeira pode ser entendida como uma arma corporal e que seus movimentos, à semelhança desses citados anteriormente, podem causar lesões. As armas do capoeira não são esses instrumentos, mas o próprio corpo, cujos movimentos assemelham-se a eles. Termos como *açoite* e *chibata* remetem-nos aos instrumentos de punição e tortura que tão bem conheciam os negros escravos.

A relação movimento/arma forma, então, um campo associativo, uma grande metáfora, mostrando a capoeira como a própria arma, que um dia foi luta e que atualmente é uma brincadeira, um jogo, um esporte.

Outra associação interessante é de movimentos com letras do alfabeto como *aú*, cuja etimologia, mesmo controversa, remete-nos ao traçado das letras do alfabeto, e está relacionado à inversão da posição corporal, a cabeça para baixo e os pés para cima. O *s dobrado* também é um referente que exprime, iconograficamente, o “desenho” do movimento. As curvas nele contidas, assim como na *meia-lua de frente*, na *meia-lua de compasso*, no *compasso* e no *rolê* refletem a circularidade dos movimentos que representam.

Os termos *chapéu-de-couro*, *gravata* e *leque*, acessórios de vestimenta, são oriundos de associações comuns do dia-a-dia, assim como *balão*, *chapa*, *telefone*, pois o homem tende a associar aquilo que cria com algo que conhece, tomando alguma característica comum, no caso a forma ou a função.

A *bênção* é um termo irônico, que subverte o significado de proteção do termo religioso e o ironiza, pois, na verdade, diferentemente do movimento realizado pelo padre ao levar as mãos ao fiel, a *bênção* da capoeira é um empurrão com o pé, um movimento ofensivo. Esse caráter irônico e debochado também aparece nos termos *bochecho* e *suicídio* (este último descrito no quadro a seguir), que brincam com a semelhança entre o ato de bochechar e o efeito do golpe, no primeiro caso, e com o efeito inverso do ato de suicidar-se, no segundo.

Esses resultados vão ao encontro das observações feitas por Kocourek (1991) ao destacar as metáforas zoomórficas, principalmente seu caráter popular, e a imitação gráfica, das quais temos como exemplo *aú* e *s dobrado*. Além disso, observamos um expressivo número de sintagmas cujos componentes são empregados em sentido metafórico. No entanto, em virtude das características da terminologia da capoeira, os termos-palavras, ou termos simples, são tão numerosos quanto os sintagmas. Com raras exceções como *dedo nos olhos* e *esquiva lateral*, a maioria dos sintagmas tem pelo menos um componente empregado em sentido figurado como *arpão de cabeça*, *banda de costas*, *tesoura de frente*, entre outros. Com a banalização dos termos metafóricos pelo uso contínuo, sua força figurativa é reduzida e o determinante do sintagma passa a conferir-lhe maior precisão, especializando o conceito e fazendo com que se crie uma estrutura denominativa e apaguem-se as associações metafóricas.

As associações metafóricas observadas foram do tipo substanciais, por meio das semelhanças de forma entre o movimento e o objeto, animal, letra ou forma a ele

associada. Esse tipo de associação parece-nos característica, pois, como a capoeira implica essencialmente movimento e esses movimentos traçam, “desenham” formas no ar, é comum que sejam feitas associações com objetos pela semelhança de forma. Observamos, ainda, semelhança por função em termos como *açoite*, *balão*, *bênção*, *bochecho*, *chibatada* e *martelo*, que têm traços de semelhança relacionados à ação do movimento e não a uma semelhança física.

Apresentamos, a seguir, um quadro com as relações metonímicas entre os termos. Como Ullmann (1964) apresenta somente as relações associativas, incluímos, para facilitar a análise, uma coluna indicando o termo, outra, o significado que ele tem na língua comum ou que podemos deduzir dos sintagmas, e a última, a relação, ou seja, as associações entre o movimento e a denominação.

METONÍMIA		
Termo	Significado	Relação
<i>Asfixiante</i>	Que asfixia.	Efeito – causa. O golpe pode causar asfixia por atingir a região das narinas.
<i>Quebra-mão</i>	Que causa a fratura do osso da mão.	Efeito – causa. O efeito que o golpe pode causar o nomeia.
<i>Quebra-pescoço</i>	Que causa a fratura da coluna cervical.	Efeito – causa. O efeito que o golpe pode causar o nomeia.
<i>Tombo-da-ladeira</i>	Queda a partir de um ponto inclinado.	Efeito – causa. O movimento é nomeado com base em seu efeito, que causa um tombo. Trata-se de uma transferência composta, pois o efeito assemelha-se ao tombo de uma ladeira, comparando-se, por metáfora, a posição do tronco do capoeirista a uma ladeira.
<i>Banda</i> (de costas, traçada)	Parte lateral, lado.	Parte – todo. A forma de se aproximar do companheiro para realizar o movimento dá nome a ele, pois a entrada da <i>banda</i> é lateral. O adjetivo <i>traçado</i> , segundo Bola Sete (1997, p.48), refere-se a uma conjunção de dois ou mais golpes. No caso da banda,

		uma pancada com a coxa e o arrastamento da perna. Esse adjetivo refere-se a uma mescla de coisas.
<i>Boca-de-calça</i>	Cada uma das extremidades abertas das calças.	Parte – todo. Região que o capoeira segura para puxar o companheiro. Trata-se de uma transferência composta, pois o termo <i>boca</i> é uma metáfora, por semelhança de forma com esse órgão do ser humano.
<i>Cintura</i> (desprezada)	Parte do corpo (a que não se dá importância).	Parte – todo. O movimento objetiva fazer com que se aprenda a cair, portanto, a cintura, parte do corpo humano, deve ficar relaxada, solta, por isso, desprezada, para possibilitar o controle corporal e a queda adequada, sendo uma parte do corpo essencial nessa movimentação.
<i>Palma</i>	Lado interno da mão, entre o pulso e os dedos.	Parte – todo. O movimento é nomeado pela parte utilizada para se defender de um ataque, que envolve o movimento de braço.
<i>Ponteira</i>	Peça que reveste a extremidade de bengalas.	Parte – todo. O movimento é nomeado pela região extrema do pé que atinge o adversário. A transferência de sentido também é composta, pois ponteira é algo que reveste a parte extrema de objetos, no caso, que reveste o extremo do pé. A partir deste último sentido, essa parte do pé, por metonímia, passou a ser denominada pelo revestimento, que pode ser a ponteira de uma meia, por exemplo.
<i>Queda de rim</i>	Queda de um órgão do corpo humano.	Parte – todo. A região onde está localizado o rim é apoiada no cotovelo, produzindo a elevação das pernas, de modo que o tronco fique inclinado. O

		termo pode também ser considerado uma metáfora, visto que o rim não cai, simplesmente ocorre a inclinação do corpo, suportada por essa região.
<i>Negaça</i>	Engodo, isca, ilusão.	Abstrato – concreto. O movimento simula os golpes, concretiza a ilusão, a isca, para que possa apanhar o capoeirista de surpresa.
<i>Negativa</i>	Ato ou efeito de recusar, negar, repulsar.	Abstrato –concreto. O movimento em que o capoeirista foge do golpe para se defender concretiza uma repulsa, sendo uma negação do corpo ao golpe desferido.
<i>Resistência</i>	Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo.	Abstrato – concreto. O movimento de defesa concretiza uma reação ao golpe desferido, que demonstra a qualidade de resistência pela movimentação.
<i>Vingativa</i>	Que se vinga.	Abstrato – concreto. A relação pode estar na intenção de vingar-se daquele que aplica o golpe, que é a de derrubar o outro, pressionando-o tanto pela frente, com o antebraço na altura do tórax, quanto pelo encaixe em uma das pernas que o desequilibra. Entretanto, essa relação é subjetiva.
<i>Godeme</i>	Alcunha atribuída por trabalhadores de construção nordestinos aos ingleses no início do século XIX, também bastante utilizada nas regiões portuárias para se referir aos ingleses. O termo <i>godeme</i> é um empréstimo do inglês adaptado foneticamente	Agente - ação. Os socos desferidos pelos ingleses, chamados de godemes, recebiam esse nome.

	<p>ao português. É oriundo da exclamação <i>God damn (it)</i> (Deus amaldiçoe), muito utilizada para reforçar o que está sendo dito, como na oração: <i>When will that godamn noise stop?</i> (Quando essa droga de som vai parar?). Provavelmente essa era uma expressão muito comum entre os ingleses e acabou por se tornar um traço de identificação. Esse processo de transferência é complexo e mostra uma seqüência de metonímias.</p>	
<i>Suicídio</i>	Ato ou efeito de matar-se.	Resultado - ação. A compreensão desse termo é complexa, pois se pode entender como suicídio o efeito de jogar-se com toda a força contra o companheiro, podendo ser traído por uma situação aparentemente fácil e levar um contragolpe. Pode também ser observado por uma perspectiva irônica, pois ao acertar o alvo, pode provocar a morte do companheiro e não a sua própria.
<i>Galopante</i>	Que galopa, que tem crescimento muito rápido.	Qualidade – ação. <i>Galopante</i> refere-se à rapidez do movimento, pois o galope é a carreira mais rápida de alguns animais.
<i>Rasteira</i>	Que se arrasta a pouca altura.	Qualidade – ação. O movimento é dado rente ao solo, na região do calcanhar e objetiva arrastar a perna atingida.

As metonímias observadas referem-se aos efeitos dos movimentos que lhes servem de denominação como *asfixiante*, *quebra-mão* e *quebra-pescoço*. Nesse tipo de metonímia, a associação com o movimento é mais clara, pois se relaciona o efeito que provoca com o nome do movimento.

Outro tipo de associação metonímica recorrente é a parte pelo todo. Apresenta termos como *banda*, que relaciona o nome ao tipo de entrada realizada no movimento (entrada lateral), *cintura desprezada*, para referir-se a um movimento cuja cintura é uma das partes do corpo envolvidas, *boca-de-calça*, lugar onde se aplica o golpe. Os termos *palma* e *ponteira* demonstram as partes do corpo que têm participação principal no movimento e, muitas vezes, o ponto que atinge o adversário, e, por isso, levam o nome de todo o movimento ou golpe.

Percebemos também que não são raros os casos em que se utiliza um termo abstrato para se falar do movimento, a exemplo de *negativa*, *vingativa* e *resistência*. Essas são maneiras de se dotar o movimento com um significado abstrato. As associações não são objetivas, partindo, pois, da subjetividade, que, como explicamos anteriormente, demonstram a subversão da capoeira aos valores rígidos e nem sempre bem aceitos da sociedade que a perseguia.

Termos como *vingativa* e *resistência*, que passam do abstrato para o concreto, mostram o caráter combativo da capoeira, de resistência ao golpe, vingança da opressão por meio dos movimentos. O caráter irônico, humorístico e de resistência são características do próprio estilo de vida do praticante da capoeira, notadamente, quando esse jogo era ainda uma manifestação perseguida. O termo *galopante*, que também está relacionado a uma característica de movimento de animal, mostra igualmente o caráter humorístico da capoeira, assim como as metáforas *bênção* e *bochecho*.

Como observa Letícia Reis (1993), a capoeira constrói o mundo invertido tanto com seus movimentos de baixo para cima, no baixo plano, como pela subversão, pelo riso, pela inversão de significado da *bênção*, pelo caráter de resistência dessa cultura. A Autora destaca que a capoeira resiste e passa uma mensagem pela gramática corporal, pelos movimentos inversos, manhosos e também por suas respectivas denominações, o que podemos confirmar com este estudo.

O golpe *rasteira* é denominado por uma de suas características, o fato de ser aplicado no baixíssimo plano e de arrastar o pé daquele que sofre o ataque, um aspecto facilmente apreendido, o que torna a metonímia, como observa Ullmann (1964), menos interessante do que a metáfora, pois mostra relações já existentes.

Acrescentamos relações associativas como agente – ação, resultado – ação e qualidade – ação para melhor descrevê-las, adaptando os tipos de associações ao que foi encontrado na terminologia da capoeira.

Observamos, ainda, um fenômeno de transferência de sentido por contigüidade no termo *queda-de-quatro*. Na realidade, o numeral quatro refere-se aos quatro apoios, ou seja, às duas mãos e aos dois pés, que se apóiam no solo para a execução do movimento, pois é muito provável que, por economia lingüística, tenha havido a elipse da palavra *apoios*.

Como pudemos verificar ao longo deste capítulo, os processos semânticos, notadamente a metáfora e a metonímia, são os meios predominantes de criação lexical na terminologia da capoeira, enriquecendo-a sem recorrer à formação de novos referentes, como observa Kocourek (1991).

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi resultado de um estudo sobre a história, a técnica, a terminologia e os fundamentos da capoeira. A história foi essencial para entendermos como se desenvolveu a capoeira, sua trajetória político-histórica, que culminou com sua legitimação.

A terminologia de qualquer técnica está em constante mudança, pois o espírito criador humano faz com que seu conhecimento evolua cada vez mais. Novos golpes são criados e novas denominações são dadas. A quantidade de variações de golpes é inumerável. Não é diferente na capoeira. Essas mudanças podem ser conferidas nos diversos sites na Internet que apresentam miniglossários de grupos ou de praticantes de capoeira. Decidimos pesquisar em materiais mais antigos, porque, ao lê-los, encontramos a base do que hoje é a capoeira praticada no Brasil e no mundo, sem esquecermos da influência da antiga capoeira carioca nos praticantes desse estado.

A Federação Internacional de Capoeira, como já observamos anteriormente, organizou uma nomenclatura, mas ainda não apresentou definições dos termos, ou seja, não descreveu os movimentos, algo que está em projeto. Observamos que é imperioso manter-se registros das denominações dos movimentos e de sua execução, pois nos deparamos com nomes interessantíssimos como *arpínio*, *cruzilha* e *escurinho*, apenas citados em listas, mas não foi possível descrevê-los por falta de um *corpus* que nos elucidasse tais movimentos e porque vários mestres os desconheciam. Como apontamos, descrevemos apenas uma parte do conjunto dos termos da capoeira, a qual nos deu indícios para comentarmos sua estrutura de formação e, principalmente, as características associativas das metáforas e metonímias encontradas.

Quanto à formação de termos, observamos que a capoeira tem, na língua comum, sua fonte para a denominação de movimentos. Esse empréstimo ocorre por meio da terminologização, processo comum em várias áreas do conhecimento como a própria Inteligência Artificial, cuja terminologia é estudada pelo projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo, projeto de pesquisa de que fazemos parte. Nessa terminologia encontramos termos como *arco*, *ramo*, *raiz*, *árvore*, enfim, termos que ganharam um novo sentido nessa linguagem de especialidade.

Percebemos que há uma recorrência de certos sufixos como **-ada**, **-inho(a)** e **-ão**, que apesar de juntarem-se a bases da língua comum, são característicos da terminologia da capoeira. O sufixo **-ada** refere-se a golpe, o sufixo **-inho(a)**, pelo menos em nosso

corpus, refere-se ao baixo plano (da cintura para baixo), o sufixo **-ão** é o resultado de uma ação. Dessa forma, estão associados à idéia de luta, de jogo, de movimento.

Verificamos também a importância dos processos de formação por composição. Destacamos a composição subordinativa e a sintagmática, notadamente a última, que forma uma porcentagem significativa de termos, como pudemos verificar no capítulo V, nomeando as variantes dos movimentos básicos.

É comum também que termos como *balão* e *gravata*, executados em outras lutas, sejam empregados com um adjetivo ou substantivo que lhes restrinjam o conceito, pois, na capoeira, o *balão* tem características próprias, com as devidas variações de posição de entrada no movimento.

Dessa forma, a terminologia da capoeira é formada, em sua maior parte, por empréstimos semânticos da língua comum e por processos de composição subordinativa e sintagmática.

Quanto à possibilidade de influência de línguas africanas na terminologia da capoeira, com exceção das etimologias controversas dos termos *aú* e *gingar*, não verificamos qualquer traço evidente de que a origem desse jogo possa ter deixado heranças lingüísticas. Essa tendência reforça a idéia de que a capoeira tenha se desenvolvido no Brasil e não supõe a importação de uma luta preexistente na África.

Quanto à sinonímia e à polissemia, observamos que esses fenômenos lingüísticos ocorrem em virtude de variações socioletais, topoletais e cronoletais. Há casos em que pequenas mudanças na realização do movimento levam a uma polissemia. Como selecionamos apenas os termos mais freqüentes, não nos deparamos com tantos sinônimos, mas, ao longo de nossa pesquisa, observamos que as variações de termos geram uma infinita quantidade de denominações, que variam de acordo com a criatividade de cada capoeirista.

Em relação ao trabalho terminológico, destacamos nossa necessidade de estabelecer critérios restritivos para a escolha dos termos, pois o caráter de liberdade criativa do mundo da capoeira poderia nos levar a uma pesquisa que refletiria individualidades. Tentamos basear-nos nos movimentos mais freqüentes, pois um mesmo golpe pode ser entendido de várias formas. Procuramos, pois, buscar formas consensuais e termos cujas definições descrevessem o mesmo movimento, ou pelo menos movimentos muito semelhantes, com base em nossas referências bibliográficas e em conversas com capoeiristas. A utilização do critério terminológico de freqüência foi essencial para o estabelecimento de limites ao nosso trabalho.

A inclusão de ilustrações foi necessária para auxiliar a compreensão dos movimentos, sendo mais um recurso disponível ao terminólogo para aprimorar ainda mais a eficácia da informação, adaptando as ferramentas terminológicas às necessidades da área em estudo.

Outro dado importante foi nossa observação da necessidade de um convívio muito próximo com a prática desse esporte, pois só assim se compreende a dinâmica e as características da capoeira. Portanto, durante este trabalho, sentimos a necessidade de passar mais tempo com os mestres, analisando os movimentos, o emprego no jogo e as variantes denominativas.

Como a capoeira que hoje conhecemos é muito influenciada pela capoeira baiana, consideramos essencial consultar os mestres que mais se destacaram para o seu reconhecimento social, cultural e esportivo e estudar esse legado ou, pelo menos, parte dele. É importante que sejam realizados trabalhos em cada um dos estados ou cidades em que a capoeira é mais praticada, para que possamos ter uma idéia mais clara das variantes.

Como observamos no capítulo I, preferimos não realizar o mapa conceitual e, conseqüentemente, não organizamos o **Glossário** sistematicamente, pois para realizar tal tarefa, necessitaríamos de mais tempo, de maior convívio com os capoeiristas e também de conhecimentos mais aprofundados sobre biomecânica. A própria classificação dos golpes de capoeira é muito complexa, pois a dinâmica impressa no jogo faz com que defesas se tornem contragolpes e se confundam com os ataques, como é o caso da negativa¹, uma maleabilidade característica da própria capoeira. As classificações sempre terão caráter meramente didático, pois são estáticas.

Portanto, para a realização de um mapa conceitual e para a apresentação do **Glossário** em forma sistemática, seria conveniente contar com uma equipe de profissionais de Educação Física, mestres de capoeira e um terminólogo, para realizar uma descrição adequada desse universo de conceitos. Desse modo, optamos por organizar os verbetes em ordem alfabética e deixar essa outra abordagem para um trabalho futuro.

Uma das perguntas que destacamos em nosso capítulo introdutório refere-se à possibilidade de haver uma regularidade no sistema metafórico da terminologia da capoeira. Verificamos que existem regularidades quanto à utilização de denominações de animais, formas e armas. Esses dados caracterizam a capoeira como uma luta baseada em movimentos de animais, em formas da natureza, fazendo com que, por sua

função, seja uma arma corporal, ao mesmo tempo em que é um jogo de perguntas e respostas, ataques, *negativas e negaças*.

As metonímias, cujas associações são mais claras, pois se referem a qualidades ou a partes do corpo envolvidas no movimento, mostram também a relação dos movimentos a características abstratas, que refletem o mundo da negação, da resistência da capoeira, sobretudo da capoeira antiga.

Com este estudo verificamos que o sistema denominativo da capoeira reflete suas características de luta, de jogo e, acima de tudo, de uma manifestação cultural. Como explicamos em nosso capítulo introdutório, este **Glossário** constitui-se em uma amostra, que, em virtude do tempo escasso, não pudemos estender, mas que servirá de base a estudos posteriores, que visarão a complementá-lo com pesquisas mais aprofundadas e baseadas também em outros tipos de fontes, como *sites* da Internet, que ajudarão a descrever como a capoeira vem sendo desenvolvida nessa era digital. Destacamos, também, a incrível disseminação da capoeira na última década e a necessidade de se registrarem os novos movimentos e de descrevê-los para que essa herança cultural não se perca, como aconteceu no passado, em que muitos mestres, que tinham pouca possibilidade de instrução, passavam seus conhecimentos oralmente, o que ocasionou a perda de muitos movimentos da capoeira antiga.

Procuramos, à medida que desenvolvemos esta Dissertação, esclarecer as questões apontadas na Introdução, que nos motivaram a realizar este trabalho, e deixar uma semente para que novos estudos sejam realizados nessa área.

VIII: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Obras sobre capoeira

ABREU, Plácido. *Os capoeiras*. Rio de Janeiro: J. Alves, [1886?]

ALMEIDA, Raimundo César. *Mestre “Atenilo”: o “relâmpago” da capoeira regional*. 2. ed. Salvador, 1991.

_____. *A saga de mestre Bimba*. Salvador, 1994.

ALMEIDA, Ubirajara. *Água de beber camará! Um bate-papo de capoeira*. Salvador: EGBA, 1999.

BOLA SETE, Mestre. *A capoeira angola na Bahia*. 2. ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

BURLAMAQUI, Annibal (Zuma). *Gymnastica nacional (capoeiragem) methodizada e regrada*. Rio de Janeiro, 1928.

CAMPOS, Hélio, Mestre Xaréu. *Capoeira na escola*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Capoeira: os fundamentos da malícia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CARNEIRO, Édison. *Capoeira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional da Arte – FUNART, 1977.

COELHO NETTO. O nosso jogo. In: *Bazar*. Porto: Chardron, de Lello & Irmão, 1928. p. 133-140.

COSTA, Lamartine P. da. *Capoeira sem mestre*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971.

DECÂNIO FILHO, Ângelo A. *A herança de Mestre Bimba*. Salvador, 1996a. (Coleção São Salomão 1). Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

_____. *A herança de Pastinha: a metafísica da capoeira*. Salvador, 1996b. (Coleção São Salomão 3). Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

DIAS, Luiz Sérgio. *Quem tem medo de capoeira?* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA. *Regulamento Internacional de Capoeira*. São Paulo, 1999.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA. *Regulamento Internacional de Capoeira*. Vitória, 2001.

GUIA DO CAPOEIRA OU GYMNASTICA BRAZILEIRA. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Nacional, 1907.

L. C. A capoeira. *Kosmos: Revista artística, científica e literária*. Rio de Janeiro, ano III, n. 3, mar. de 1906. Não paginado.

LOPES, Augusto José F. *Curso de capoeira em 145 figuras*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

LOPES, André Luiz L. *A volta do mundo da capoeira*. Rio de Janeiro: Coreográfica, 1999.

MARINHO, Inezil Penna. *Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956.

MESTRE BIMBA. *Curso de capoeira regional*. Salvador: RC Discos/Fitas, [1966?]. disco. Livreto

MESTRE BIMBA. *Curso de capoeira regional*. Salvador: JS Discos, 2002.1 CD. Livreto

MOURA, Jair. *Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem*. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1991.

PASTINHA, Vicente F. *Manuscritos de mestre Pastinha*. Salvador, [196-?]. Disponível em <<http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em: 15 de mar. 2002.

_____. *Capoeira angola por mestre Pastinha*. 2 ed. Salvador: Nossa Senhora de Loreto, 1968.

PIRES, Antonio Liberac. C. S. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disquete. Não paginado.

REGO, Wanderloir . *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoã, 1968.

REGULAMENTO TÉCNICO DA CAPOEIRA. XIV Jogos Estudantis Brasileiros In: BARBIERI, César (Org.). *Capoeira nos JEBs*. Brasília, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira – CIDOCA, 1994.

REIS, Letícia V. de S. *Negros e brancos no jogo da capoeira: reinvenção da tradição*. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SALVADORI, Maria Ângela B. *Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950)*. 1990. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

SANTANA, Mestre. *Iniciação à capoeira*. São Paulo: Ground, 1985.

SANTOS, Esdras M. *Conversando sobre capoeira...* São José dos Campos, 1996.

SILVA. Gladson O. *Capoeira: do engenho à universidade*. 2 ed. São Paulo, 1995.

SOARES, Carlos Eugênio L. – *A negrada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Divisão de Editoração da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1994. (Coleção Biblioteca Carioca).

SOUZA, Osvaldo de. *Capoeira regional com mestre Osvaldo de Souza*. Goiânia, [198-?]

2. História, Legislação, Literatura e Sociologia

ALMEIDA, Manuel A. *Memórias de um sargento de milícias*. 20 ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Bom Livro).

AUTRAN, Manuel G. de A. *Código penal dos Estados Unidos do Brasil anotado seguindo a legislação vigente para uso dos juizes e jurados com a graduação das penas*. 3 ed. corrigida e melhorada. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1898.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1978. (Série Bom Livro).

CARNEIRO, Édison. *O quilombo dos Palmares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Folclore do Brasil*. Brasil: Fundo de Cultura, 1967.

BRASIL. *Código penal; decreto-lei n. 2848 de 7-12-40...* 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1942.

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade*. v. 1, Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

DEBRET, Jean Baptist (1768-1848). *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1972.3 v.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala*. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

QUERINO, Manuel. *A Bahia de outr'ora: vultos e factos populares*. 2. ed. Bahia: Livraria Econômica, 1922.

RUGENDAS, Johann M. (1802-1858). *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Editora & Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

SOARES, Carlos Eugênio L. Festa e Violência: os carnavais e as festas populares na corte do Rio de Janeiro. In: CUNHA, Maria Clementina P. (Org.) *Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, CECULT, 2002, p. 281-307. (Coleção Várias Histórias).

3. Obras lingüísticas

ALVES, Ieda M. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

BIDERMAN, Maria Tereza. C. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P; ISQUERDO, Aparecida N (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.

_____.A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1989, p. 131-145.

CARVALHO, Nelly C. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

GUIRAUD, Pierre. *La sémantique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1963.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no Português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

NAVARRO, Eduardo de A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANDMANN, Antônio J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scienca et Labor/Ícone, 1988.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 3. ed. correcta e augmentada. Bahia: Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

MACEDO SOARES, Antônio de. Capão, Capoeira, Restinga (1880). In: *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1942, p. 35-41.

ULLMANN, Stephen. *Semantics: an introduction to the science of meaning*. Oxford: Basil, Blackwell, 1964.

4. Dicionários

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Diccionario de vocábulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra: Colégio das Artes, 1712-1713. v. 1-4; Lisboa: Pascoal da Sylva, 1716-1721. v. 5-8.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM

LOPES, Nei. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura do Rio de Janeiro, 1995.

MICHAELIS: MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORAIS SILVA, Antonio de. *Diccionario da língua portugueza* recopilado dos vocábulos impressos até agora, e nesta edição novamente emendado e muito acrescentado. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 v.

_____. *Diccionario da língua portugueza*. 8. ed. revisada e melhorada. Rio de Janeiro: Fluminense, 1890. 2 v.

_____. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada segundo as regras do Acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de agosto de 1945. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v.

VIEIRA, Domingos. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da língua portugueza*. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874. 5 v.

5. Obras terminológicas

ALVES, Ieda Maria. Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica. *Alfa*, São Paulo, n. 44, 2000, p. 261-272.

_____. Atividades terminológicas no Brasil. *Terminômetro – A Terminologia no Brasil*, Barcelona, n. 3, p. 8-9, 1998a. Número Especial.

_____. (Org.). *Glossário de termos neológicos da Economia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998b.

_____. Definição terminológica: da teoria à prática. *TRADTERM*, n. 3, São Paulo, 1996, p. 125-136.

ARAUJO, Mariangela. *Glossário de Microeconomia: uma proposta terminográfica com base em um estudo terminológico*. 2001. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

ARNTZ, Reiner; PITCH, Heribert – *Introducción a la terminología*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirámide, 1995.

BÉJOINT, H. .Regards sur la définition en terminologie. *Cahiers de Lexicologie*, 70, Paris: Didier, p. 19-26, 1997.

BESSÉ, Bruno de. La définition terminologique. *La définition*. Centre d'études du Lexique. Paris, Larousse, p. 252-261, 1988.

CABRÉ, Maria Tereza. *La terminología – representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

_____. *La terminología – teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antartida/Empúries, 1993.

CUNHA, Danilo A. da. Aspectos do trabalho terminológico na empresa. Cadernos de Terminologia. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição terminológica no Brasil*. 2.ed., São Paulo: FFLCH/CITRAT, p. 47-57, 2001. (Cadernos de Terminologia, 1).

DIEGO, Alicia F. de. *Terminología – teoría y práctica*. Caracas: Unión Latina/Equinoccio/Unesco, 1995.

FAULSTICH, Enilde. A terminologia no Brasil: históricos e perspectivas II. *Terminômetro – A terminologia no Brasil*, Barcelona, n. 3, p. 10-12, 1998. Número Especial

FELBER, Helmut. *Manuel de terminologie*. Paris: Unesco et Infoterm, 1987.

KOCOUREK, Rostislav. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: Oscar Brandstetter Verlag, 1991.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. *International Standard/Norme Internationale ISO 1087*, Genève, 1990.

REY, Alain. *La terminologie: noms et notions*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

RONDEAU, Guy. *Introduction à la terminologie*. 2 ed. Québec: Gaëtan Morin, 1984.

SAGER, Juan C. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam, John Benjamin B. V., 1990.

6. Sites Consultados

UNIÃO LATINA. Apresenta textos sobre língua, cultura e terminologia de países de língua latina. Disponível em <www.unilat.org>. Acessado em: 10 de maio 2003.

CAPOEIRA DA BAHIA. Coordenação de Ângelo Augusto Decâncio Filho. Apresenta artigos e livros sobre capoeira. <http://planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia/>. Acesso em 15 de mar. 2002.

ÍNDICE

I.	INTRODUÇÃO.....	9
II.	TERMINOLOGIA: ASPECTOS TEÓRICOS.....	28
III.	CAPOEIRA: HISTÓRICO.....	88
IV.	GLOSSÁRIO	133
V.	ESTUDO TÉRMINO-LINGÜÍSTICO	175
VI.	TERMINOLOGIA FIGURADA.....	187
VII.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
VIII.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215